This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/

600040290L

Libb Hisp -

MEMORIA
DA DISPOSIÇÃO
DAS
ARMAS CASTELHANAS,

Que injuſtamente invadírão o Reino de Portugal no anno de 1580.

DESPERTADORA DO VALOR PORTUGUEZ para não temer; da prudencia, e conſelho para ordenar o preſente; da prevenção, e cautela para diſpôr o futuro,

AUTHOR

O P. Fr. MANOEL HOMEM,

Da Sagrada Ordem dos Prégadores, Examinador por Sua Mageſtade das Trez Ordens Militares.

LISBOA,

Na Offic. de MIGUEL MANESCAL DA COSTA; Impreſſor do Santo Officio.

Anno de M. DCC. LXIII.

Com todas as licenças neceſſarias.

243. f. 58.

Libb Hisp -

MEMORIA
DA DISPOSIÇÃO
DAS
ARMAS CASTELHANAS,

Que injustamente invadirão o Reino de Portugal no anno de 1580.

DESPERTADORA DO VALOR PORTUGUEZ para não temer; da prudencia, e conselho para ordenar o presente; da prevenção, e cautela para dispôr o futuro,

AUTHOR

O P. Fr. MANOEL HOMEM,

Da Sagrada Ordem dos Prégadores, Examinador por Sua Magestade das Tres Ordens Militares.

LISBOA,

Na Offic. de MIGUEL MANESCAL DA COSTA, Impressor do Santo Officio.

Anno de M. DCC. LXIII.

Com todas as licenças necessarias.

243. f. 58.

BIBLIOTHECA·BODLEIANA

A QUEM LER.

TAMBEM (benevolo Leitor) os ameaçados comem pão, e nem sempre se logrão os intentos da vingança. Huma vez se empenhou o Emperador Carlos V. tanto contra Francisco Rei de França, que, com indignação grande, prometteo que lhe havia de tomar o Reino. Soube-o o Francez, e disse: *Não prometta Carlos, o que não póde cumprir, que para tirar hum homem morto de sua casa ás vezes não bastão dous; quanto mais hum vivo com a espada na mão, defendendo sua vida, a mulher, filhos, fazenda, e a liberdade.*

Se o inimigo nos buscar, lembremonos que he obrigação da alma, e da honra defender os penhores referidos. Costumado está vir a Portugal com as mãos nas barbas, mas voltar com ellas na cabeça. Nesta Memoria se mostra por onde nos sujeitárão, que foi falta de união nos animos, e nas vontades. Conheçamos que os lanços

§ ii de

de clemencia, que com os Cathalães usárão, são tiros fraudulentos, que nos fazem, e prévia disposição de seus enganos. E se no infausto anno de mil quinhentos e oitenta tão cruelmente nos tratárão, sem termos sombra de culpa, (antes obrigação precisa de sustentar nosso Direito, e liberdade) hoje, que nos publicão traidores rebellados, (mas dizem mal) que mortes, que violencias, que destruições, que tyrannias não executárão nos Portuguezes? Abrir os olhos importa, e a união de todos, que com ella se conservão os Imperios, e sem ella tudo perece, e arruina, diz a Verdade Eterna: *Omne Regnum in se divisum desolabitur, &c.*

O zelo, e natural affecto da conservação de nossa liberdade nos obrigárão fazermos nestes escritos presente o cuidado, com que este inimigo nos buscou da outra vez, e o nosso grande descuido, com que nos deixámos achar, sem nos armar, e defender. E se então a ambição, e cubiça de huma herança mal entendida o fez vir contra Portugal tão apostado; hoje, que o arguem, e a criminão (mas falsamente) com especie de traição, e esbulho, quem póde du-

duvidar que lance mão das armas com maior indignação, e furia? O escudo, e o reparo della he toda a necessaria fortificação, assim na terra, como no mar. Esta segunda, que nos falta, deve effectivamente obrar a lembrança das Armadas contínuas deste Reino, as quaes a este fim numeramos, esperando que possa mais comnosco a necessidade, e aperto para as refazer, do que póde com os nossos Portuguezes antigos a conveniencia, e opinião para as conservar. Advertimos o conveniente, e necessario, para que se obre; e se no arbitrar houver erro, esperamos que o faça venial o fiel animo, com que escrevemos.

Vale.

LI-

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

VIstas as informações, póde-se imprimir o livro, que tem por titulo: *Memoria da disposição das Armas Castelhanas*, Author o P. Fr. Manoel Homem; e depois de impresso tornará ao Conselho para se conferir com o Original, e se dar licença para correr, e sem ella não correrá. Lisboa, 6. de Setembro de 1655.

Pedro da Silva de Faria.
Diogo de Sousa.
Fr. Pedro de Magalhães.
Francisco Cardoso de Torneo.
Pantaleão Rodrigues Pacheco.

Do Ordinario.

PO'de-se imprimir. Lisboa, 10. de Setembro de 1655.

O Bispo de Targa.

Do

Do Paço.

Censura, e approvação do sapientissimo Doutor Manoel Delgado de Mattos.

SENHOR.

VOssa Magestade foi servido mandarme rever os Discursos, que compoz o Padre Fr. Manoel Homem, da Ordem dos Prégadores, em que mostra o cuidado, que se deve ter no apresto de poderosas Armadas para defensão, e augmento desta Real Coroa, recopilando o Author as Chronicas dos nossos Reis, e ensinando-nos muitas doutrinas politicas tocantes a este particular. A Obra não só he louvavel pelo assumpto, com que se emprendeo, e acerto, com que se escreve, mas tambem pela occasião, em que nos vemos, por nos faltar Armada naval para resistirmos ás hostilidades maritimas, que podem succeder no tempo presente.

Continúa o Author esta empreza com nos inculcar o porte, e fábrica das nossas náos, trazendo-nos á memoria o galeão S.

João,

João, que na jornada de Tunes, que expugnou o Emperador Carlos V. (ſoccorrido das armas de Portugal, governadas por Antonio de Saldanha, e Simão de Mello, e muito mais do valor, e preſença do Infante D. Luiz, a cujo Imperio tudo o tocante a eſta Coroa eſtava ſubordinado) grangeou grande credito á noſſa Monarquia; porque defendendo-ſe os piratas na Goleta varonilmente, foi tal a carga das ballas, e fogo, que deo o dito galeão, que abatêrão o orgulho, e fugírão, largando a praça, ſem ſe atreverem a eſperar a dilação de rendella.

Segue-ſe o ultimo diſcurſo, em que o Author, como Letrado, e Theologo erudito, explica com diſtinções os caſos, em que os rendidos no mar ſe podem queimar licitamente. Fórma de deſeſperação, que os hereges deſta noſſa idade introduzírão, ſem diſtinção alguma. Aſſim que me parece que V. Mageſtade póde dar ao Author a licença que pede. Lisboa, 25. de Setembro de 1655.

Manoel Delgado de Mattos.

Que

QUe se possa imprimir este livro, visto as licenças do Santo Officio, e Ordinario, que offerece, e depois de impresso tornará a esta Meza para se taixar, e sem isso não correrá. Lisboa, 28. de Setembro de 1655.

D. Pedro de Lancastro.
Casado. *Pacheco.* *Carvalho.*

Da Religião.

Censura do M. R. P. M. Fr. Thomaz Aranha.

N. M. R. P. M. PROVINCIAL.

LI com applicação, e gosto este livro, que se intitula: *Memoria da disposição das Armas Castelhanas*, Author o M. R. P. Fr. Manoel Homem, Religioso da Ordem dos Prégadores, Examinador das Ordens Militares: e parece-me que em seu tanto se póde alistar na ladainha das mui-

§§ tas,

tas, e qualificadas provas, que temos da nossa justiça contra Castella; porque vem a ser como prodigioso effeito do nosso Direito, e razão; o dar hum Frade tão prudentes arbitrios Militares, e saber fallar de guerra, e disposição das armas, com tanta propriedade, e concerto; em symbolo, e prognostico de que saberão menear estas, quando importar, até as mulheres Portuguezas, e matar Castelhanos, renovando exemplos, de que ainda hoje em Castella são iguaes o medo, e a memoria.

Tambem considero, que para huma causa tão justificada como a nossa, quer Deos que se recolhão testemunhos, e abonos *ex ore infantium.* Na exposição do qual verso do Psalmista diz aquelle grave, e douto Expositor D. Pedro de Figueiroa: (e outras de hum Rabino) *Magnam fundasti fortitudinem de ore infantium, & lactentium: & voluisti laudari à Levitis, & Sacerdotibus.* E quanto menos he usado escreverem Frades da Milicia, tanto maior será o temor, que deve conceber o inimigo; pois, como disse Seneca: *Ex insolito fit formido maior.*

Re-

Reconheço outrosim em ser Frade nosso o Author, não só presumpção, mas esperança certa de que nosso Santissimo Pai, e Patriarca São Domingos concorresse ao apoio, e conservação desta Coroa, e Monarquia; nestes Principes, e Senhores nossos, tantas vezes seus parentes; e a este fim dispensou brios para esta curiosidade tão particular, e empreza tão digna de louvor a este Religioso filho seu. E a outros, nas occasiões futuras, dará forças para pelejarem animosamente soldados, e sabiamente assistirem Capitães, como já em Santarem foi feito Capitão contra Castella o nosso grande Fr. Amaro Lopes, daquelle illustre povo, que com razão se préza de ser então o primeiro, que acclamou Defensor da patria contra Castelhanos aquelle Principe; em quem, todavia sem paixão, se não podião negar partes, e prendas, que o fazião, por certo, digno, (não da succesão na Coroa) mas pelo menos de muito melhor fortuna. Neste livro, e em seus diversos, e Politicos Discursos não notei cousa contra a Fé, ou bons costumes, nem de que haja de resultar perda de credito ao Habi-

§§ ii to,

to, e Religião; ponto, que, conforme nossas Leis, devemos com summo rigor examinar sempre. Pelo que me parece este livro dignissimo da estampa. Em S. Domingos de Lisboa, a 27. de Abril de 1655.

Fr. Thomaz Aranha, Magister.

Approvação do M. R. P. M. Fr. Domingos de Queirós.

N. M. R. P. M. PROVINCIAL.

COm grande cuidado, e attenção passei este livro, que fez o M. R. P. Fr. Manoel Homem, Examinador das Trez Ordens Militares, o qual se intitula: *Memoria da disposição das Armas Castelhanas, &c.* A materia, que trata, he bem que se traga na memoria de todos, e em especial daquelles, a quem toca dispôr as Portuguezas, para rechaçar as Castelhanas, quando a occasião o pedir. Em breve diz o Author muito, e com grande erudição, e varia lição, o que fica sendo de grande utilidade, e atalhando o enfado de volumes grandes,

os

os quaes nunca se acabão de ler; nem o que nelles se trata passa á memoria. Parece-me mui justo que V. P. M. R. conceda licença, para que se imprima. Em S. Domingos de Lisboa, 16. de Maio de 1655.

Fr. Domingos de Queirós, Magister.

FR. Diniz de Lancastro, Mestre em Santa Theologia, Prior Provincial da Ordem dos Prégadores nestes Reinos de Portugal. Vistas as informações dos Padres Mestres, a quem commettemos o exame, e approvação do livro intitulado: *Memoria da disposição das Armas Castelhanas*, que compoz o Padre Fr. Manoel Homem, pela presente, e authoridade de nosso Officio lhe concedemos licença, para que o possa imprimir, visto estar approvado pelo S. Officio, Ordinario, e Meza do Paço. Dada neste nosso Convento de S. Domingos de Lisboa aos 12. de Novembro de 1655.

Fr. Diniz de Lancastro, Prior Provincial.

LICENÇ

PARA A REIMPR
deste Livro.

Do Santo Offici

PO'de-se reimprimir o liv
se faz menção, e depois v
ferido para se dar licenç
ra, sem a qual não co
boa, 5. de Outubro de 1762.

Trigozo. Carvalho. L

Do Ordinario.

PO'de-se reimprimir o livro, d
trata, e depois torne para se d
ça para correr. Lisboa, 10. de
bro de 1762.

D. J. Arc. de Lacedemon.

Do Paço.

QUe ſe poſſa reimprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de reimpreſſo tornará á Meza para ſe conferir, taixar, e dar licença para correr, e ſem iſſo não correrá. Lisboa, 12. de Novembro de 1762.

Carvalho. Emaús. Affonſeca. Caſtello.

IN-

INTRODUCÇÃO APOLOGETICA

Sobre o argumento deste livro.

NÃO nos passa por alto que muitos repararão em hum Religioso escrever materias de guerra, tão alheias de sua profissão, o que parece condena o Proverbio vulgar, e sabido, que diz: O que não experimentares, não cuides que o sabes. Celebrada he a sentença de Platão, que diz: *In dolio figularem artem discere*; a qual posto que tem varias explicações, e sentidos, a que nos serve ao intento he o de Dicearelio: *Unumquemque artificem in suis negotiis exerceri oportere*: Cada hum trate do seu officio.

Refere Atheneo, que quiz disputar hum carpinteiro sobre a arte de tanger com Estratonico, excellente tangedor de cythara, e viola. Este vendo sua insciencia, e ignorancia, lhe disse discretamente: Ami-

§§§ go,

ſendo Portuguez, Biſpo de Dume, Mondonhedo, e Compoſtella, preſidindo em Portugal na puericia de ElRei D. Ramiro III. governou as Armas na grande invasão dos Normandos, pelejando contra elles, ſendo Santo, e depois canonizado por Celeſtino III. O Santo varão Mattheus, Biſpo de Lisboa, na tomada de Alcacere do Sal no anno de 1217. Refere-o Faria part. 3. cap. 4. e part. 2. cap. 8.

Os Santos Padres, e Doutores da Igreja, ſendo Sacerdotes, e ſem profeſſarem a Milicia, em mil partes fallão, e eſcrevem della, e com tanta miudeza, e particularidade, que o Padre S. Jeronymo nomea todas as armas de hum ſoldado, armando-o, e veſtindo-o com ellas, como ſe vê no tomo 6. ſobre o Profeta Amoz cap. 1. Moſtra ſuas faltas, e defeitos cap. 3. ſingularizando as más condições de muitos, inſtruindo-os nas boas, que os fazem fortes, e valentes. Na carta, que eſcreve a Pamachio, faz huma liſta de todos os nomes, e officios Militares, como lemos no tom. 1. E na carta a Exuperancio trata mais deſte particular, e em outros muitos.

Aſ-

Assim os santissimos varões Bispos, e Frades, Santo Agostinho, S. Gregorio, S. Thomaz no seu livro *Regimine Principum*, e em outros lugares. Com mais extensão o Padre S. Bernardo, escrevendo huma carta, que contém treze capitulos sobre a guerra, á petição de Hugo, Grão Mestre dos Templarios, incitando-os, e exhortando-os a ella ao valor, animo, e esforço. E no Prologo desta carta diz estas palavras, que referimos por serem abonação grande do nosso assumpto, e são as seguintes, que se achão no tom. 1. *Ad Milites Templi* fol. 191. no Prologo.

Assim escreve o santo Religioso, e Sacerdote: *Petisti à me, Hugo charissime, ut tibi, tuisque comilitonibus scriberem exhortationis sermonem. Et adversus hostilem tyrannidem, quia lanceam non liceret, stylum vibrarem. Asserens vobis, non parum fore adjutorii; si quis armis non possum, literis animarem.*

Em o nosso vulgar quer dizer: Pediste-me (Hugo carissimo) que a vós, e a vossos companheiros soldados escrevesse huma carta, que servisse de exhortação, e ani-

animo, para com valor soffrerdes os impetos, e invasões dos tyrannos inimigos, que vos cercão, com quem tendes guerra viva, e contínua. E posto que eu não posso acompanhar-vos com a lança para os ferir, justo parece que vos anime, e esforce com as razões, e com a penna, affirmando-vos, que se as armas podem muito, os discursos (que persuadem valor) não podem pouco. Assim escreve o Santo, animando aos Religiosos Templarios, discorrendo nos casos Militares com tanta propriedade, como se fora soldado, como cada hum delles.

Orosio Bispo, Hespanhol, escreveo tambem da guerra. Assim S. Paulino, Bispo de Nola, em tempo de Theodosio Emperador. Refere-o Gennadio no Cathalogo dos Varões Illustrès, que escreve tão differentes livros, e tratados, como vemos no tom. 1. de S. Jeronymo. Os Filosofos, e Authores Gentios, e profanos, professores das humanas letras, tambem escrevêrão com grande erudição da Milicia, entendendo-a, sem a praticarem, como forão os seguintes.

Aristoteles no liv. 4. da Politica, e no liv. 4. dos Problemas. Plinio no liv. 7. da

Na-

Natural Historia. Herodoto liv. 4. Xenofonte liv. 6. Platão no livro da Republica. Polybio livro 3. e 9. Vanucio livro ultimo. Apiano na Historia de Africa. Polieno livro 3. dos Estratagemas. Plutarcho na Vida de Galba. Dos modernos Pedro Vitorio nos livros de Varia lição fol. 129. cap. 136. Pedro Crinito livro 9. da Honesta Disciplina cap. 2. Uvechéro no livro dos Secretos fol. 364. Polibio Cavalcante. O Cardeal Polo. Brancacio Ferreti. Patricio. Tortalla, e outros, que allega, e cita Christoval Suares. Figueroa na Plaça Universal das Sciencias, e Artes discurs. 80.

Consta do que deixamos escrito, que os Doutores Sagrados, e Mestres Santos, Religiosos, e Sacerdotes, escrevêrão com grande erudição da Arte Militar, que não exercitárão. O mesmo obrárão os maiores Filosofos. Assim tantos homens doutos, e scientes nas humanidades. Assim os Authores modernos Catholicos, que não professárão a Milicia. Mal se póde logo notar que hum Religioso escreva della.

Nem obsta que a profissão differente impede comprehender as Artes com pro-

prie-

priedade; porque o eſtudo, applicação, e o entendimento dotou Deos com tal excellencia, que não ſendo groſſeiro, póde alcançar com a eſpeculação, o que outros comprehendem com o exercicio, e com a pratica. A eſta não negamos hum ſaber extenſivo; mas tambem a hum bom diſcurſo não ſe póde negar o intenſivo, proprio, e formal. Aſſim o confeſſa o Poeta:

Que poſto que em ſcientes muito cabe,
Mais em particular o experto ſabe.

Comprovado tão largamente, e com tanta evidencia o noſſo intento, não queremos paſſar em ſilencio huma grande contradição, que os que ſe prezão de politicos, (e são mais rigoroſos os que menos ſabem) fazem aos Religioſos, quando os ouvem praticar em materias de Eſtado, e em outras differentes, e diverſas. E logo dizem: Quem mette ao Padre fallar no que não ſabe? E talvez deſatão com outros diſparates.

A eſtes, que rigoroſamente nos cenſurão, achais algumas vezes diſputando ſobre os Myſterios mais altos, e ſegredos mais ſu-

ſublimes da Sagrada Theologia, e da concordia do livre alvedrio com a efficacia da graça, e ſobre a infallibilidade da predeſtinação eterna, e ſobre outros pontos, e difficuldades, que dão muito que fazer aos Theologos para os entender, ainda com grande eſtudo, e applicação, porque excedem a natural virtude do juizo humano.

Parece-me que com razão ſe póde dizer a hum deſtes: Amigo, quem vos fez Theologo, ſe nunca eſtudaſtes? E ſe me condenais a mim por fallar na voſſa Politica, como não quereis que vos note de fallardes na minha Theologia? Sendo que eſta ſciencia he a mais levantada, e ſublime que todas, e a voſſa Politica, e Arte Militar he hum ſcivel, e huma Arte muito inferior, e pratica, e tendes della pouca noticia, que nem definilla ſabeis.

Muitos tempos ha que o mundo anda ás aveſſas, porque vos marcão pela capa: *Los hombres queremos ver, que los paños ſon de lana.* Muitas vezes ſe vê, e experimenta que neſta materia são mais rigoroſos cenſuradores aquelles, que menos alcanção, como pudéramos comprovar com

muitos ſucceſſos, ſó dous queremos referir. Hum deſtes muito preſumido de Miniſtro foi ha poucos annos a bordo de hum famoſo galeão, que era a Capitanea Real da Armada, e entrando no convéz, perguntou aos preſentes aſſim: Por onde vão aqui para a poupa? Moſtrou-ſe-lhe o caminho, que não he tão embaraçado, e confuſo, como os becos de Alfama.

Quaſi pelos meſmos annos, diſparandoſe huma peça de groſſa artilharia da poupa de huma náo da India, quando lançava ferro neſte rio, arrebentou, e levou parte da varanda, matando huma eſcrava, e ferindo muita gente. Diſputou-ſe qual ſeria a cauſa de arrebentar, e reſolveo-ſe que fora o cartuxo, e que não podia ſer outra. Diſſe, muito eſpantado, certa peſſoa grave: Não ſe póde, ſenhores, ſoffrer Frades, que em tudo ſe querem metter, ſem experiencia, e tudo danão, como eſte Frade Cartuxo, que fez arrebentar a bombarda. Os circumſtantes feſtejárão o dito, ou zombárão da necedade. Não ſabia eſte Meſtre, que ſe chama cartuxo á carga de polvora das peças de artilharia, que ſe mette nellas em huma manga,

ou

ou ſaquitel de panno cozido, ou em pergaminho; e ſe eſte eſtá de muito tempo na bombarda, ganha muita ferrugem, e arrebenta. Eſte tal cartuxo de polvora fazia Frade de S. Bruno eſte Fidalgo.

Os que ſe achão com eſtas noticias, e com eſta ſciencia, como cingem eſpada, e forão huma vez ás fronteiras, logo ſe dão por Doutores graduados na faculdade, ou Arte da Milicia, e de preſumidos eſtranhão, e notão que os Religioſos dem nella ſeu parecer, e voto, ſendo que eſte ſe permitte ou pelo que ouviſtes, ou pelo que leſtes. A guerra viva vê-ſe ou na campanha, ou no livro eſcrita, e debuxada. Nunca logo poderá com razão notar-ſe que hum Religioſo vote, e diga ſeu parecer nas materias da Milicia; porque ſe eſta lição enſina os ſoldados, valendo-ſe dos exemplos eſcritos, para diſpôr a guerra melhor, por que não aprenderá della o Religioſo o que baſte para fallar a propoſito? Sem fundamento nos condenão logo.

O que podemos affirmar he, que ha entre os Religioſos ſogeitos muito capazes, e que alguns dos antigos Reis de Portugal,

pelo entenderem assim, os tinhão em seus Conselhos, como na Chronica da Ordem dos Prégadores affirma o Padre Fr. Luiz de Sousa. O entendimento he dom de Deos, e não dos pais. Este he hum fino diamante, pulido, e lavrado com o estudar, e com o saber, com o exercicio, e com a experiencia.

Bem póde logo, o que não for bruto, e material, fallar nas materias, e escrevellas; porque senão as experimentou, entende-as, penetra-as, e comprehende-as. Assim se verificou no Illustrissimo Senhor Bispo D. Fernão Martim Mascarenhas, Inquisidor Geral, que Deos tem, cujo voto nas materias da Milicia era o mais acertado, e prudente pelo testemunho dos assistentes, sendo por vida Sacerdote, e Bispo Sagrado, e por faculdade Theologo.

Concluimos este discurso com huma justificada descarga, e evidente desculpa, que o sentencioso Petrarca dá áquelles, que escrevem sobre assumptos, e objectos diversos de seu instituto, e occupação: *Si posteris profuturus, nihil satius; si tibi nomen quæsiturus, nihil vanius.* Assim moraliza no

Dia-

Dialogo 44 do liv. 1. de *Remediis*. Se escreveis para utilidade, e bem dos outros, não ha emprego melhor; se para ganhar nome, e fama, não ha cousa mais vã.

Esta Memoria fazemos para bem de todos, que he nossa defensão, e conservação; e com este fim sahimos a público, onde cada hum censure como quizer. Escrevemos para lembrar, e para advertir, e não para presumir, e para ensinar. Quem intentar contradição, justifique a censura com escritos públicos, e não com argumentos vocaes, feitos nas encruzilhadas, diz o Padre S. Jeronymo no tom. 2. *Ad Domnionem*, como se vê nestas palavras: *Scriptis ostendat obtrectator quid possit: non est grande, in triviis, quem vis obstrepere.*

Advertencia a quem ler.

Deve-se advertir, que posto que os cap. 19. até 21. em razão da materia pertencião, e se devião collocar antes do cap. 26. com tudo, em razão da contextura, e do discurso, tambem se podem predicamentar no lugar, em que os poz, e lançou a impressão.

IN-

INDICE
DOS
CAPITULOS DESTE LIVRO.

CAP. I. *Do Argumento deste Tratado*, pag. 1.

Cap. II. *Da ordem, e disposição das Armas Castelhanas*, pag. 8.

Cap. III. *Da prevenção dos Portuguezes, e disposição das suas Armas*, pag. 16.

Cap. IV. *Da fortificação maritima dos Portuguezes, rendida pela cubiça, mal mais prejudicial, e da necessidade de Conselheiros scientes, e Capitães de experiencia*, pag. 23.

Cap. V. *Dilata-se a materia precedente, e refere-se hum caso politico, e discreto*, pag. 29.

Cap. VI. *Continúa o discurso precedente, e pondera-se hum accidente muito particular*, pag. 35.

Cap.

Cap. VII. *Mostra-se o valor Portuguez, com illustres vitorias dos Castelhanos,* pag. 42.
Cap. VIII. *De hum grande feito de valor, obrado por poucos Portuguezes, contra muitos Castelhanos*, pag. 47.
Cap. IX. *Descrevem-se as qualidades, e condições de hum valeroso, e perfeito Capitão por occasião do caso referido*, pagin. 59.
Cap. X. *De como se deve aprender a Arte Militar para se conseguir com perfeição*, pag. 64.
Cap. XI. *Mostrão-se os arbitrios Militares do inimigo na invasão deste Reino: e como facilmente se podem frustrar com o reparo de algumas Praças*, pag. 70.
Cap. XII. *De alguns Arbitrios Militares propostos ao Author sobre a fortificação de Lisboa*, pag. 76.
Cap. XIII. *Em que se responde, e satisfaz aos Arbitrios propostos*, pag. 80.
Cap. XIV. *Continua-se a resposta do primeiro Arbitrio, e comprova-se com exemplos*, pag. 85.
Cap. XV. *Multiplicão-se novas razões so-*

bre

bre o assumpto, e responde-se a hum novo ardil, pag. 89.
Cap. XVI. *Responde-se ao segundo Arbitrio*, pag. 95.
Cap. XVII. *Declara-se o proprio Arbitrio, que inculcamos para maior segurança do rio de Lisboa*, pag. 100.
Cap. XVIII. *Da-se satisfação, e resposta ao terceiro Arbitrio*, pag. 108.
Cap. XIX. *Prova se com exemplos os gloriosos effeitos, que obrão as fortes Armadas*, pag. 113.
Cap. XX. *Propõem se algumas objecções contra a conveniencia do Cathalogo, que fazemos das Armadas Portuguezas, a que se responde*, pag. 118.
Cap. XXI. *Justifica o Author a tenção, e intento, com que escreve, e dilata-se em mostrar as forças maritimas deste Reino*, pag. 124.
Cap. XXII. *Mostra-se como as faltas do governo (quando as ha) não procedem do Principe, senão dos Ministros, e Officiaes*, pag. 130.
Cap. XXIII. *Dilata-se a mesma materia precedente, e mostra o Author seu pare-*

cer sobre a semelhança do governo dos homens, pag. 144.
Cap. XXIV. *Illustra-se a materia precedente com algumas advertencias sobre a obrigação dos Ministros*, 150.
Cap. XXV. *Da tenção, que ha de ter o Ministro em se aconselhar, e dar conselho, e com quem o deve tomar nas materias tocantes ao bem do Reino*, pag. 154.
Cap. XXVI. *Dos annos, e mais qualidades necessarias para o bom Conselheiro*, pag. 163.
Cap. XXVII. *Do cuidado grande, que os Senhores Reis de Portugal tiverão sempre de poderosas Armadas para conservação, e augmento desta Monarquia*, pag. 170.
Cap. XXVIII. *Particularizão-se mais Senhores Reis, que conservárão grandes Armadas*, pag. 177.
Cap. XXIX. *Das grandes Armadas, que em tempo do Senhor Rei D. Manoel sahirão de Lisboa*, pag. 187.
Cap. XXX. *Dos grandiosos effeitos, que obrárão estas Armadas*, pag. 196.
Cap. XXXI. *De outros nobres, e gloriosos*

§§§§§ ef-

effeitos, que procedem de grandes Armadas, pag. 202.
Cap. XXXII. *Das muitas, e fortes Armadas, que fez o Senhor Rei D. João III.* pag. 208.
Cap. XXXIII. *Toca-se brevemente a inconstancia do poder do mundo, e de suas grandezas*, pag. 213.
Cap. XXXIV. *Comprova-se como o Principe inclinado a grandes Armadas sempre foi liberal com seus vassallos*, pag. 216.
Cap. XXXV. *Do grandioso artificio do mais forte, e poderoso galeão São João, que tanto acreditou este Reino*, pag. 221.
Cap. XXXVI. *Da tradição, e memoria, que os antigos nos deixárão deste galeão*, pag. 229.
Cap. XXXVII. *Continua-se o mesmo assumpto, e multiplicão-se mais exemplos sobre a necessidade de Armadas*, pag. 238.
Cap. XXXVIII. *De outros exemplos nobres, que obrárão as nossas Armadas, effeitos do esforço Portuguez, engrandecido até pelos inimigos Castelhanos, estimulo grande para excitar nosso prudente cuidado, a quem não faltará o favor Divino*, pag. 246.
Cap.

Cap. XXXIX. *De huma grande difficuldade, que se oppõe ao intento de grandes, e fortes Armadas*, pag. 256.
Cap. XL. *De huma grande questão necessaria para aquelles, que militão nas Armadas, e continuão a navegação*, pag. 266.
Cap. XLI. *Propõem-se algumas duvidas contra a segunda opinião, a que se responde*, pag. 274.
Cap. XLII. *Responde-se aos Argumentos propostos*, pag. 281.
Cap. XLIII. *Das mais finas, e fortes armas, com que os soldados sempre sabem vencedores*, pag. 285.
Cap. XLIV. *Da conclusão deste Livro*, pag. 294.

MEMORIA
DA DISPOSIÇÃO
DAS
ARMAS CASTELHANAS;

Que injuſtamente invadírão o Reino de Portugal no anno de 1580.

CAPITULO I.

Do Argumento deſte Tratado.

SEMPRE em materias, e contingencias ſemelhantes forão muito efficazes, e poderoſos os exemplares, e ſucceſſos, e particularmente nas occaſiões, e conflictos da guerra; e por eſte reſpeito vemos, e lemos

nos livros, e memorias antigas, e modernas valerem-ſe os grandes Capitães das meſmas traças, e exemplos, com que ſe conſeguírão grandes, e famoſas victorias. Muitos caſos ſe pudérão repetir; mas porque são mui ſabidos, nos abſtemos de os recontar. Só hum ſe referirá, que por ſer proprio, e de caſa, fica ſendo mais perſuaſivo, e concludente. Certificão as noſſas Chronicas, que eſtando o noſſo poderoſo, e glorioſo Rei D. Affonſo Henriques nos memoraveis campos de Ourique, turbado, mas não medroſo, de com a pequena, mas forte multidão dos Portuguezes (não forão mais que quinze mil contra hum milhão, e mais de infieis, como referem todos os Authores, a quem ſegue Souſa no Epitome das Hiſtorias Portuguezas, *part.* 3. *cap.* 2.) poder alcançar triunfo, e milagroſo vencimento, poz-ſe em oração, pedindo a Deos ajuda da ſua poderoſa, e vencedora mão. Abrio a Sagrada Eſcritura para buſcar algum exemplar, e ſemelhante, de que colheſſe documentos para aquella mais perigoſa batalha campal. Por ordem do Ceo

(co-

(como em felice, e profpero prognoftico) topou com o livro dos Juizes, e no *cap. 6. e 7.* achou a gloriofa victoria de Gedeão, que fó com trezentos foldados deftruio, e derrotou huma tão grande multidão de Madianitas, que diz o Divino Texto, que igualava em numero ás areas do mar; comparação hyperbolica, fignificativa da immenfidade infinita dos inimigos.

Achou nefte bellico recontro grandes documentos, e exemplares, meios, e preparações para a mais famofa, e illuftre victoria, que o mundo vio. Eftes repetiremos para confirmação do affumpto. A gente aliftada por Gedeão erão trinta e dous mil homens. Antes lhe mandou Deos, que de noite deftruiffe os altares profanos, e facrilegos do falfo idolo Baal, a quem aquelles cegos Gentios attribuião deidade, e offerecião religiofo culto, fó devido ao verdadeiro Deos. Significavão eftes altares, e idolatras adorações os peccados, que he neceffario primeiro deftruillos, e abrazallos aquelles, que quizerem fahir com as palmas vencedoras, mediante a Confiffão verdadei-

ra , e fervorofa , e devota Communhão. Diffe mais Deos a Gedeão, que defpedisse do Exercito aquelles, que eftiveffem temerofos, porque queria que o vencimento não fe attribuiffe a tanto poder humano, fenão fómente ao Divino. Com efta licença fe retirárão a fuas cafas vinte e dous mil homens, que fempre a confraria do medo teve muitos confrades : ficárão dez mil alentados, e animofos.

Com eftes marchou Gedeão, e chegando a hum rio encalmados, e fequiofos, lhe advertio Deos, que defpediffe os foldados, que bebeffem lançados de bruços, e que fe ficaffe com aquelles, que tomaffem a agua com a mão. Obfervou o General o Divino mandado, e com grande advertencia alcançou, que de todo o corpo da gente nove mil e fetecentos fe debruçárão a beber, e os trezentos erguidos matárão a fede com a mão. Ficou-fe Gedeão com os trezentos: manda-lhe Deos, que de noite accommetta a Madião. Ordena que todos levem fogo, e alampadas accezas mettidas em panellas tapadas, e cubertas. Re-

par-

parte os trezentos em trez batalhões, e todos com ſuas trombetas, advertindo-os, que tanto que elles ouviſſem tocar a ſua, quebraſſem as panellas, e ficaſſem com as luzes nas mãos eſquerdas, e as trombetas nas direitas, e as tocaſſem fortemente, e inveſtiſſem o campo inimigo por trez partes. Executárão-ſe as ordens, derão nos Madianitas no quarto da madorra, que he o da meia noite; e deſtruindo-os quaſi todos, (forão os mortos ſem numero) appellidárão victoria, e com ella ſe ficárão. Não vencem ſempre os mais, muitas vezes vencem os menos, ſe vão armados com Deos, com a razão, e com a juſtificada cauſa, qual he a noſſa por tantos titulos contra Caſtella. Nas repreſentações, e copia deſta batalha meditava o Santo Rei D. Affonſo Henriques, aprendendo dellas experiencias certas para os caſos, e accidentes da guerra, e concebendo de Deos grandes confianças para atropellar, e render os inimigos de ſeu Santiſſimo Nome.

Pede a razão, e enſina a prudencia, perſuade o bom juizo prevenções para o

que

que póde acontecer em dano de hum Reino, e de huma Monarquia: e por esta causa he symbolo do Principe cuidadoso, e vigilante o Delfim enroscado, e envolto em huma ancora. Alciato no-lo offerece no Emblema 143. e com muita propriedade; porque este peixe, por natural instincto, antevê, e conhece as tormentas, tempestades, e alterações do mar, como affirma Plinio no livro 18. e moralizando Alciato o seu Emblema, diz que he hum perfeito retrato, e dechado de hum Rei, que com todas as forças, e applicação se emprega, e procura impedir, e obviar todos os accidentes, e acontecimentos, que podem turbar o Reino, e offender os vassallos: *Sic debet studere Princeps, ne Respublica turbetur.*

Este estudo he precisamente necessario neste tempo, em que o inimigo Castelhano, descansando em Catalunha, pode voltar suas armas a inquietar, e cançar a Portugal; e conclusão he provavel, senão certa, que na invasão delle siga os mesmos dictames; e eleja os mesmos meios, de que outra vez se aproveitou, com que conseguio

o im-

o imperio Portuguez, impondo-nos huma dura ſervidão, bem merecida pelos peccados de Portugal, que forão, injuſtiça, cubiça, ſoberba, odios, inimizades, e divisões. Diſpoz a conquiſta (como elles falſamente chamão, e dizem) deſte Reino na fórma, que logo diremos, para que ella entendida, ſeja a noſſa prevenção a que convem, e a que melhor o pode rechaçar de noſſas fronteiras, das quaes ha de querer a Divina clemencia fuja, e ſe retire derrotado, corrido, e confuſo, como Camões, em tempo de outro Rei D. João, nos declara em ſeus verſos, liv. 4. Oitava 44.

As coſtas dão, e as vidas, já falece
O furor, e ſobejão as lançadas.
Já de Caſtella Rei desbaratado
Se vê, e de ſeu propoſito mudado.

E na Oitava ſeguinte moſtra as cauſas de ſua grande pena, e dor.

Encobrem no profundo peito a dor,
Da morte, e da fazenda deſpendida,
Da mágoa, da deshonra, e triſte nojo,
De ver outrem triunfar de ſeu deſpojo.

Pou-

Poucos são os Portuguezes: muitos são os Caſtelhanos; mas com eſta differença, que elles são vaſſallos, e nós filhos; e ſempre eſtes pela defensão do Rei, e da patria apertárão melhor a eſpada na mão, como antigamente diſſe a Rainha de Caſtella a ElRei D. Fernando o Catholico ſeu marido.

CAPITULO II.

Da ordem, e diſpoſição das Armas Caſtelhanas.

AO Conde de Lemos ſe ordenou, que por Galliza entraſſe em Portugal com o ſeu Exercito, accommettendo os lugares do Minho, que he a raia, que divide Portugal de Caſtella; e que entraſſe com toda a ſua gente, e com os vaſſallos do Biſpo de Tuy D. Garcia Sarmiento, D. Fernando de Monte Negro, Dona Tereſa de Soto-Maior, e outros particulares; e que procuraſſe tomar huma Ilha, que eſtá na boca do rio Minho, onde ha hum Convento de Frades

des Capuchos, para aſſim ganhar a boca delle, que he navegavel algumas leguas.

Ao Conde de Monte Rei ſe encarregou toda a terra, que corre do Minho até á raia do Reino de Leão, para que elle com a ſua gente, e a do Marquez de Viana, vaſſallos do Biſpo de Orenſe, e do Moſteiro de Cella nova, e o da Ordem de S. João, Alvaro Doca, D. João Sarmiento, e outros, accommetteſſem as fronteiras vizinhas de Portugal.

Ao Conde de Benavente ſe encommendou, que com toda a gente de ſuas terras, e das de ElRei, que confinão com Portugal, inveſtiſſe por aquella parte, que confinava com o ſeu deſtricto.

Ao Conde de Alva de Liſte ſe mandou, que com os ſeus vaſſallos, e dos Marquezes de Alcanizes, Tavora, e a gente de Çamora, e Toro, apertaſſe as terras de Portugal por aquelle lugar, que lhe tocava.

Ao Marquez de Cerralvo ſe deo inſtrucção, para que com os ſeus vaſſallos, e os do Duque de Albuquerque, do Conde

de Ledesma, os do Duque de Alva, e com a gente de Ciudad Rodrigo investisse Portugal.

Ao Duque de Albuquerque se deo ordem, que com as gentes das Villas de Caceres, Coria, las Broças, Alcantara, e Valença, offendesse huma parte da Estremadura.

Ao Duque de Feria se deo cuidado, que com as gentes das Cidades de Placencia, Trugillo, Badajoz, e Merida infestasse, e rendesse a outra parte da Estremadura.

Ao Duque de Medina Sidonia se poz obrigação, que com a gente do seu Condado de Niebla, e com os Marquezes de Aiamonte, e Gibraleon, e as gentes de Sevilha sujeitasse o Reino do Algarve.

Antes destas ordens Militares, para que os Capitães Generaes pudessem melhor executar seus intentos, e guardar-se mais pontualmente a fórma da guerra, se mandárão espias a Portugal, para que reconhecessem a terra, suas entradas, e suas forças. Assim se ordenou por ElRei de Castel-

tella, que o Commendador Francisco de Valencia com toda a dissimulação entrasse neste Reino, reconhecendo-o do Algarve até Lisboa. A D. Affonso de Vargas, que desde Xerez de Badajoz fosse vendo, e considerando toda aquella parte de Portugal. A Pedro Bermudes de Santís se mandou entrasse pela parte fronteira a Galliza, e a Castello Rodrigo. Ao Engenheiro João Baptista Antoneli se mandou fosse reconhecendo a terra desde Badajoz até Lisboa, e que considerasse a disposição della, e como podia ser combatida, e que de Lisboa passasse ao Castello de Almada, reconhecendo-o com as Torres de Belém, S. Gião, e Cascaes.

Era tão pouca a prevenção dos Portuguezes, e tão pouco o cuidado, e vigilancia de sua defensão, que entrárão em Portugal estes Castelhanos, (e medindo-o a palmos, se tornárão a Castella com todas as noticias bastantes para a sua empreza) sem haver neste Reino quem cuidasse no como se podião impedir estas espias. Sempre perdemos por confiados, ainda com o

inimigo á pórta, ſem que haja quem córte pelo ſono, e ſe diſvele para o que tanto importa. E para que nos affrontemos de noſſo deſcuido, relataremos hum ſucceſſo particular neſta materia.

Eſtando ElRei de Caſtella em Badajoz com hum tão poderoſo Exercito, que paſſava de quarenta mil homens, e começando elles a entrar em Portugal, deſtruindo quanto achavão, o Capitão do Caſtello de huma Villa pouco diſtante de Elvas, tendo nova que o inimigo ſe acercava, vigiou com os ſeus ſoldados até á meia noite. Deoſe por ſeguro, e quieto com eſta diligencia, e recolheo-ſe a dormir, e os ſeus ſoldados, dizendo que os Caſtelhanos não coſtumavão caminhar de noite. Com eſta reſolução mandou diſparar duas peças de artelharia, (perſuadido que com o eſtrondo ſe divertiria o inimigo) e ſe foi deſcançar, e o meſmo fizerão os demais. De madrugada vierão os Caſtelhanos (que caminhárão de noite) governados por Sancho de Avila, arrimárão huma eſcada ao Caſtello, e por ella ſubírão ſem ſerem ſentidos; por-

que os de dentro dormião deſcançados, e como gente, que não tinha que temer, e nem huma ſentinella achárão que vigiaſſe. Quem vio nunca tal deſcuido? Forão ao apoſento do Capitão, e arrombando-lhe a porta, acordou alimpando, e esfregando os olhos. (devia de haver ceado peixe, e bebido muita agua) E vendo-os, perguntou-lhes com muita fleima por onde entrárão? Reſpondêrão-lhe que não faltou lugar, em tempo de tanto dormir, e deſcuido. Queira Deos que neſte Capitão ſe acabaſſem todos os noſſos deſcuidos, que ſe aſſim for, teremos as praças ſeguras. Quatorze annos nos tem dado o Ceo de repouſo. Acordar, acordar, e não haja mais dormir, porque a quem dorme, dorme-lhe a fazenda.

Não dormio ElRei de Caſtella, antes tanto ſe diſvelava ſobre accommetter eſte Reino, que ſe não deo por contente de tanta prevenção, e de armar contra os Portuguezes os oito Exercitos, que deixamos moſtrado; (parece que naquelles tempos tudo apoucava o valor de Portugal) mas ainda ſe empenhou tanto, que formou outro Exer-

er-

ercito, que paſſava de quarenta mil homens, todos gente eſcolhida, e ſoldados velhos, governados por D. Fernando Alvares de Toledo, Duque de Alva, com titulo de Capitão General, com os melhores Capitães, que então havia em Heſpanha. Com eſte grande poder entrou por Elvas no fim do mez de Junho de 1580.

A todo eſte poder mandou ElRei Filippe aggregar outro igual de mar, pondo nelle huma grande Armada, que conſtava, e ſe compunha de mais de quarenta Galeões, e Navios grandes, e fortes, a fóra outros muitos de guerra de menos força, com grande quantidade de barcos, e barcaças, e gaſtadores, com muitas munições, e petrechos para fazer pontes, e o mais que foſſe neceſſario. Vinhão mais neſte Exercito naval todas as Galés de Caſtella, as de Napoles, e as de Sicilia, e todas ellas, e os mais baixeis providos de gente de guerra, e de muita, e boa artelharia, e moſquetaria. Affirmão as memorias daquella era lamentavel, que trazia eſta Armada mais de quinze mil homens. O numero das Galés

paſ-

paſſava de ſetenta, a fóra ſeſſenta chalupas.

Nunca os Caſtelhanos quizerão dizer o número de toda a gente, com que invadírão eſte Reino, falto de gente pela perda de Africa, de dinheiro, de forças, de navios, e de todo o neceſſario para a defensão, e ſobre iſto eſtar comprado, e vendido pelos meſmos Portuguezes, como diz Souſa no Epitome das Hiſtorias Portuguezas *part.* 3. *cap.* 18. por eſtas palavras: *Don Chriſtoval por lo menos aſſi lo entendio, pues teniendo en ſu mano muchas firmas en blanco de Filippe, para dar a cada uno aquello, en que ſe concertaſſen: digolo aſſi, que venta, y compra era.* Mas com tudo feitas as contas pelo groſſo, e confuſo, erão quaſi cem mil os combatentes. Aſſim o perſuade huma Armada tão grande, que paſſava de cento e ſincoenta vélas, o grande Exercito, que paſſou por Elvas, e as muitas gentes, que levavão oito Generaes repartidos por toda a raia do Reino.

CAPITULO III.

Da prevenção dos Portuguezes, e diſpoſição das ſuas Armas.

A Preparação, que os Portuguezes naquella occaſião fizerão, foi tão pouca, que podemos affirmar, que foi nenhuma; porque nas fronteiras do Reino ſe não puzerão Governadores de Guerra; as Praças ſe não fortificárão, nem ſe levantárão Terços para reſiſtir ao inimigo. Seria a cauſa não haver Principe Portuguez, que foſſe cabeça de todos, a quem os mais obedeceſſem, como na verdade não houve. E até neſta Corte de Lisboa ſe tratou tão pouco da prevenção neceſſaria, que o mais a que avançou a diligencia de D. João de Menezes, foi ajuntar trezentos cavallos, e pouco mais de trez mil infantes; os mais ſe retirárão a ſuas caſas, huns por medo, outros por ſeus reſpeitos, e conveniencias.

Particularmente ſe vio o deſcuido na fortificação de Caſcaes, Praça de tanta impor-

portancia, pois podendo com muita facilidade impedir o paſſo ao inimigo, para que não deſembarcaſſe, (como os Caſtelhanos confeſſárão) o não fizerão, como ſe vio, e experimentou, eſtando os Portuguezes ſenhores da praia, com bem grande mágoa de D. Diogo de Menezes, que governava a Villa. Deſembarcou o inimigo, e nos entrou por caſa o açoute de Deos, que aſſim o ordenou por noſſos peccados. Pouco, ou nada ſe tratou da conſervação da Fortaleza de S. Gião, lugar tão bem diſpoſto, e forte, que eſtando bem provído dos petrechos neceſſarios, póde deſtruir todas as Armadas do mundo; mas ha de ſer tendo muitos, e bons ſoldados, que ſe elles forem os que ſe vião ha poucos tempos, com facilidade ſe ganhará a força, porque eſtavão todos tão esfomeados, fracos, magros, e macilentos, que mais parecião doentes da enfermaria dos ethicos incuraveis, que gente de guerra, e de peleja.

O em que ſe faltou, e hoje ſe falta (para ſua ſegurança, e para ſer inexpugnavel o ſitio) he fazer hum reducto forte, e

bem artilhado ſobre hum padraſto, e eminencia, que a terra faz á Torre da parte de Oeiras, em diſtancia de ſetecentos paſſos da Fortaleza; porque delle ſe āproveitárão, e valêrão os Caſtelhanos, plantando-lhe vinte e quatro peças, em que entravão nove canhões, e colubrinas, com que batêrão o baluarte da mão eſquerda, que cahe ſobre o mar, e fizerão muito effeito na Fortaleza. E eſtando nella por Governador Triſtão Vás da Veiga com quinhentos ſoldados, e vendo o padraſto, que ella tem, (de que ſó póde ſer offendida pela parte da terra) tratárão tão pouco de o occupar com alguma força, e de reparar o parapeito, e cortinas do baluarte da mão eſquerda da parte da terra, que á viſta do inimigo, e já com elle em caſa fizerão grandes eſtacadas, e trincheiras, e reveſtírão o meſmo baluarte com ſaccas de terra; prevenção, que fora de muita importancia, ſe os Portuguezes tratárão della com tempo. Tudo guardamos para o dia, nada obramos nas veſperas. Neſtas eſtamos já, acuda-ſe por amor de Deos a occupar o padraſto com

for-

força, que importe, e aproveite, ou arraze-ſe de todo, que ſerá facil, e menos cuſtoſo, e ficaremos ſem cuidado de o poder ganhar o inimigo para noſſo dano.

Ganhada a Fortaleza de S. Gião, ſe veio chegando o inimigo, e junto á ponte de Alcantara alojou o Exercito a vinte e quatro de Agoſto, occupando os lugares da Junqueira, e Santo Amaro, até o lugar das caſas do Doutor Paulo de Carvalho. Nelle ſe poz o Duque de Alva ao outro dia pela manhã, que forão vinte e ſinco, para ver a briga, como vio, que ſe fez na dita ponte do rio. Da outra parte antes da ponte (na eminencia fronteira, que faz a terra, que corre de N. Senhora dos Prazeres) ſe aproveitárão os Portuguezes, e nella formárão ſeus eſquadrões, que conſtavão ſó de gente do povo, e eſſa fraca, e deſarmada, de ſorte que erão quaſi quatro mil homens. Aqui eſtavão intrincheirados com duas ordens de trincheiras, humas diſtantes das outras, ficando entre duas cercas de fortificação, e reparo.

Aſſim eſtavão acompanhados de algu-

mas peças de Artelharia, com que fazião muito dano ao inimigo, e ſempre com o roſtro nelle. Neſta fórma eſtavão diſpoſtos, e ordenados; mas não ſe prevenírão de guardar as ilhargas, vendo que o inimigo tinha as ſahidas livres para os poder inveſtir. Mas Sancho de Avila, vendo o deſcuido noſſo, e que tinha a eſtrada deſimpedida para accommetter os Portuguezes, caminhou pelo rio aſſima com mil e quinhentos cavallos, e dous mil arcabuzeiros; e paſſando pelos moinhos, que ficão aſſima da Horta Navia, avançou á outra banda, e dando nos noſſos, (que eſtavão com o roſtro para o Exercito Caſtelhano, de quem erão accommettidos) teve o Avila lugar para nos entrar, e deſcompôr, o que não fora, ſe tiveramos cuidado de guardar os lados; que, poſto que ficavão com as coſtas para a Cidade, onde eſtavão ſeguros, com tudo os lados da mão direita da parte do rio eſtavão abertos, ſem ſegurança, nem guarda.

Todo eſte immenſo poder Caſtelhano fora de pouco, ou nenhum effeito, ſe os

Por-

Portuguezes tiverão Principe, que os governasse; porque hum, que sem direito se quiz introduzir neste Reino, vendo a nossa gente derrotada, se retirou com alguma de cavallo, e se foi a toda a pressa á Cidade do Porto, onde se embarcou para Inglaterra. Acção foi esta grandemente demonstrativa de não ser elle o legitimo successor desta Real Coroa; porque o Santo Euangelho nos certifica, que esta differença ha entre o verdadeiro pastor, e o mercenario jornaleiro; que este vendo que o lobo carniceiro arremette ás ovelhas, logo foge, e as desampara, e deixa; mas o legitimo pastor defende-as, soccorre-as, e talvez dá o sangue, e a vida por ellas. Não o fez assim este Principe, não era elle logo o verdadeiro pastor, e o direito Rei de Portugal. Foi-se, deixou o Reino entregue aos dentes do lobo, que o tratou como quiz.

Não foi parte a sua ida, para que os Portuguezes deixassem de mostrar o fino de seu esforço, e valor; porque estando senhores da ponte de Alcantara, engolírão Terços inteiros dos inimigos, sendo bem pou-

cos

cos os que pelejavão; porque Profpero Colona, com o feu Terço de Italianos da Tofcana, e Napoles, todos foldados velhos, e valentes, cerrou com os Portuguezes, e elles carregárão com tanta força, e valor fobre os Italianos, que os fizerão em pedaços, degollando quafi todos, retirando-fe os poucos, que ficárão com vida affrontofamente. Acudio Luiz Dovara com outro Terço de Alemães, (que fem falta defmaiárão á vifta da agua) que lhe deo o Conde Jeronymo de Lodron, e da mefma forte todos forão degollados pelas efpadas Portuguezas.

Vendo Profpero Colona tanto eftrago, foi correndo ao Duque de Alva, (que eftava no fitio das já referidas cafas do Doutor Paulo de Carvalho) dizendo-lhe com grandes vozes eftas palavras, tiradas do Author Caftelhano, de quem colhemos algumas verdades: *Señor, mande V. Exelecia luego focorrer aquella gente, que la degollan toda los Portuguezes.* Elle lhe refpondeo: *Bien eftà.* Gloriofa victoria pudera alcançar a gente Portugueza aquelle dia, fe tiverão

cui-

cuidado de guardar as ilhargas; porque dando nella Sancho de Avila, e o Grão Prior de Castella D. Fernando de Toledo, filho do Duque de Alva, com os mil e quinhentos cavallos repetidos, e dous mil arcabuzeiros, obrigárão a se retirarem os nossos, posto que vencedores, e triunfantes. Refere-o Bavia na 3. *Part. da Historia Pontifical cap. 52. fol. 255. col. 1.*

CAPITULO IV.

Da fortificação maritima dos Portuguezes, rendida pela cubiça, mal mais prejudicial, e da necessidade de Conselheiros scientes, e Capitães de experiencia.

MAis cuidárão os Portuguezes na defensão do rio, do que se empregárão na da terra, porque a dispuzerão gentilmente; e foi desta sorte. Tomárão muitos Navios, e os puzerão em huma bem ordenada fileira, juntos, e unidos o mais que podia ser, por huma, e outra banda da torre de S. Vicente de Belém, ficando ella no me-

meio defte naval efquadrão, cerrado, e fechado com tão gentil ordem, que de huma ponte da terra á outra fe não via outra coufa mais que aquella fachada de Navios, todos com as proas ao mar. A Torre jogava trez ordens de artelharia, e o mefmo os Navios pelas proas, poftas as peças fobre andares, e varandas de madeira. Diante de toda a maquina guerreira eftava, como capitão do nautico Exercito, o famofo, e tão celebrado Galeão Bota-fogo, chamado S. João, com outros menores, affim ordenados para derrotarem, e deftruirem a Armada Caftelhana.

Eftava tudo difpofto, e compofto com tão boa difpofição, e fórma, que diz o mefmo Author eftas palavras, que pomos em Caftelhano, por fer teftemunho de hum inimigo, e por iffo reputado em Direito por mais legal, e convincente; e são eftas, que refere Herrera no *liv.* 3. *fol.* 118. na fegunda pagina: *Teniendolo todo con tan buena orden, que en ninguna cofa parecieron los Portuguezes mas hombres de guerra, que en aquello.* Efta maquina, e apparato naval tão

for-

forte, e excellente se rendeo em breve tempo, não á força do inimigo, mas á cubiça dos Capitães dos Navios, que corrompidos com promessas de mercês, e despachos, (a troco de ficarem em suas casas livres, e ricos) quizerão fazer cativa, e pobre a patria, em que nascêrão; o que parece prognosticou Camões, dizendo na Oitava 38.

Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

Nestes fez emprego a cubiça Castelhana: estas forão as armas de prova, e mais finas, com que nos conquistárão. Não nos rendeo a sua espada, porque as nossas costumadas estão a embotar o fio das suas. Sobre promessas, e cartas de mercês edificárão suas esperanças, e conseguírão seus injustos intentos. Esta porta, por onde nos entrárão, se póde com facilidade fechar, tendo os soldados pagos, e contentes, despachando seus serviços, premiando os que merecem; porque com facilidade deixa o servo o amo, que o maltrata, por outro, que lhe promette melhoras. São os soldados to-

da a ſubſtancia, fortaleza, e ſegurança das Monarquias, e hoje muito mais importante que as letras; e ſe eſtas ſe reſpeitão tanto, nas armas porque não ſerá o meſmo? He o deſcontentamento o primeiro degráo para a infidelidade, e traição. O reparo he trazer a gente da guerra ſatisfeita. Maxima he eſta tanto verdadeira, e certa, quanto antiga, e prudente. Entre os conſelhos, que dava ao ſeu Rei hum grande Capitão, era eſte:

Que pague bien los ſoldados,
Pues le defienden ſus Reinos:
Que fie en piernas quebradas,
Mas que en ſanos conſejeros.

Houve dous Capitães em Flandres; e os ſoldados da Companhia de hum delles ſempre andavão em brigas, e pendencias, e por qualquer leve occaſião logo vinhão á eſpada, e tudo erão feridas, cutiladas, e mortes. Os da outra erão a meſma quietação, ſem nunca ferirem, nem acutilarem alguem. O Capitão deſtes recolhia em ſi as pagas, (como muitos hoje fazem) e os pobres pe-

recião de fome, e andavão cahindo de debilitados, e fracos. O outro trazia bem pagos os ſeus, e andavão fortes, e alentados, porque comião, e tinhão que comer. Succedeo que os dous Capitães praticando, condenava o que furtava as pagas, o pouco brio, e valor dos ſeus, que ſoffrião muitas couſas, e que calavão contra os pundonores da guerra. O outro, que ſabia a cauſa, que era morrerem de fome, lhe reſpondeo: *Hermano, ſin gula, hay ſeptimo, mas no hay quinto.* Diſſe diſcretamente; porque ſoldado faminto ſe tem manhas para a unha, não tem valor para as mãos. Se a hum deſtes ſe promettem duas pagas adiantadas, já ſe paſſa ao inimigo.

Podem muito as promeſſas com os que tem pouco, e póde ſer que mais com os que logrão muito, porque á medida do poſſuir creſce o deſejar, e o appetecer. Oh tyranno tributo do peito cubiçoſo, e vil! como diſſe o Poeta no *livro* 1. *Faſtorum.*

Creverunt & opes, & opum furioſa libido,
Et cum poſſideant plurima, plura petunt.

Boecio *Metro 5. livro 2.* diz discretamente, que abraza a cubiça o coração do cubiçoso; e que he peior o fogo da cubiça, que o do monte Ethna.

Sed sævior ignis, Æthnæ.
Fervens amor ardet habendi.

Acudir aos soldados he necessario, e tellos contentes, favorecellos, e honrallos. Ponha o Principe os olhos nelles, que só este favor he bastante para resistirem animosos ao mesmo Inferno, quanto mais a outros homens. Assim o sente Camões Oitava 148.

Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes negros, e ardentes,
Commetterão comvosco, e não duvido
Que vencedor vos fação, não vencido.

Com a gente de guerra bem tratada, paga, e satisfeita, e bons Mestres de larga experiencia não ha que temer inimigos. Não basta o valor dos soldados para vencer, mas he muito necessario que nos Capitães haja as maiores noticias da guerra, assim para a boa disposição do que se emprende, co-

mo para os acertos do que ſe conſulta, e determina. Diz o noſſo Poeta Portuguez, que em tudo fallou tão propriamente, na Oitava 152. e por iſſo o repetimos tantas vezes:

Tomai conſelho ſó de experimentados,
Que virão largos annos, largos mezes;
Que poſto que em ſcientes muito cabe,
Mais em particular o experto ſabe.

CAPITULO V.

Dilata-ſe a materia precedente, e refere-ſe hum caſo politico, e diſcreto.

QUe bem ſe certifica eſta certa, e infallivel verdade com os varios caſos, e ſucceſſos do mundo; e particularmente com os do Emperador Carlos V. que mereceo a ventura de ſer ſervido pelos melhores Capitães de ſeu tempo. Sobre o cerco, que Franciſco, Rei de França, poz á Cidade de Pavia no Eſtado de Milão, ſe tomou conſelho; e porfiando o Vice-Rei de Napoles Carlos de La Noy, que ſe partiſſe o Ex-

ercito em dous Troços, para que hum investisse ao Francez pela parte do rio Tesino, e o outro o accommettesse pelas costas, entrando pelo Parcho de Mirabel, em que estava alojado, e que assim necessitavão ao inimigo, tomando-o no meio.

Parecendo o designio bem aos mais, só ao famoso Marquez de Pescara pareceo mal, e o contradisse, e reprovou com fortes, e concludentes discursos Militares, e fez prevalecer a sua acertada resolução, que foi: que o Exercito se não dividisse, mas que todo unido, e junto accommettesse os Francezes pela retaguarda, rompendo para esse effeito os muros do Parco ao som dos tambores, porque com o seu estrondo não ouviria o campo inimigo as pancadas, que se dessem para derrubar a cerca. E que principio era natural, que a virtude unida he mais forte, e poderosa, que dividida, e separada em partes: que para divertir, e enganar o contrario, que bastava lhe fizessem rostro; mas para o accommetter, e render, erão necessarias as forças de todos unidas, e juntas. Seguio-se o voto do Marquez,

fun-

fundado na grande, e contínua experiencia, que tinha nas materias da guerra, vencendo com poucos annos de vida (que não forão mais que trinta) treze batalhas campaes pela direcção de sua experiencia, e prudencia. Refere-o Illescas no *livro 6. da 2. Part. da Historia Pontifical*, e outros.

Com tudo não se póde negar que hum bom juizo muito alcança, e comprehende; e que lendo livros, e observando os casos, e successos, saia hum especulativo sciente para fallar na guerra doutiva; mas não ficará soldado experimentado, e pratico, porque lhe falta a praxe do bellico exercicio: e

A disciplina Militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senão vendo, tratando, e pelejando.

Como diz o Poeta Oitava 33. Sejão os Officiaes de Guerra soldados expertos, e lograremos nella bons successos. Que bem conheceo este particular o grande Alexandre, que não dava a geneta a soldado, que não

ti-

tiveſſe ſeſſenta annos. Refere-o Curſio no ſeu *livro* 2. Uſavão naquelles tempos de barbas compridas, e guedelhas curtas; e diz o meſmo Author, que ver o Exercito de Alexandre formado com os Capitães velhos diante, que parecia hum graviſſimo Senado; e que mais terror punhão nos inimigos aquellas veneraveis cans, que ſuas proprias armas. E com muita razão, e fundamento; porque as armas são inſtrumentos ſem alma, e a madura idade he huma virtude, e experiencia viva.

Fizerão Capitão nos tempos paſſados a hum Fidalgo moço de poucos annos, e de nenhuma experiencia: foi a provisão muito cenſurada, e perguntando hum Cortezão a outro, com que ſciencia havia aquelle Capitão de governar a ſua gente? elle lhe reſpondeo, que com o Dom. Seus licitos empregos tem o verdor da fidalguia; mas para os poſtos da Guerra annos, e mais annos, com huma experiencia conhecida, e grande. Com mais de quinhentos mil combatentes infeſtou o Turco Solimão o Reino de Ungria, imperando Carlos V.

que

que para resistir ao inimigo formou hum Exercito de cento e vinte mil homens, soldados velhos, e que havião tido officios na Milicia, despedindo muita gente bisonha. E sabendo Solimão a qualidade da que ficava, e que era creada na guerra, foi tão grande o temor que concebeo, que logo levantou o campo, e se retirou vergonhosamente com perda de mais de cem mil homens. E dizendo-lhe o Baixá Abrahimo valído seu, que accommettesse os Imperiaes, pois tinha poder tão grande, que era infallivel a victoria, o Grão Turco lhe respondeo: Fazei vós com o Emperador que tome os meus muitos soldados, e que me dê os seus poucos, que logo o accommetterei. Com razão temeo este barbaro á vista de gente tão experimentada, e guerreira.

He tudo a experiencia, e necessaria em qualquer materia, e muito mais nos conflictos da guerra; e por isso mais convem nella para Capitão hum João Fernandes, assinalado de estocadas, e cutiladas recebidas nos recontros, que hum mancebinho muito aparado, e cheiroso, sem mais noti-

cia, que para fazer duas chaças no jogo da pella. Não queremos deixar de repetir hum galante successo a este intento. Partia hum Senhor para Evora a beijar a mão a S. Magestade, porque hia por Embaixador extraordinario para França. Antes que fosse o visitou hum Fidalgo muito honrado, e lhe pedio fosse servido dar huma carta a S. Magestade, authorizando-a com sua pessoa. O Embaixador se encarregou da diligencia, e lhe perguntou se era possivel ter noticia da materia della, para fazer melhor effeito. O Fidalgo lhe respondeo, que vinha aberta, para que S. Excellencia a visse, e ficasse inteirado do assumpto.

Abrio-se logo, e tinha este titulo: *Fórma, e disposição das Armas para a defensão das nossas Fronteiras.* E logo tratando de cada Provincia por menor, dispunha humas cousas bem, e outras mal. Replicou-lhe o Embaixador a alguns pontos, que padecião contradição: satisfez o Fidalgo como pode, mas não como a difficuldade pedia. Tornou o Embaixador a lhe perguntar, se militára algum tempo, e em que

par-

partes. Respondeo-lhe, que nunca fóra soldado, nem víra guerra alguma; mas que em idade de menino, e moço continuára muito o jogo das pedradas em N. Senhora da Graça, e que dalli lhe ficára grande propensão á Milicia; e pelo Habito que tinha jurava, que via homens em lugares, e postos grandes de Guerra, que não só nunca a tratárão, mas nem ainda quando moços havião jogado as pedradas. Celebrou-se a resposta com grande festa, e applauso, e com ella provou mui bem seu intento; e nós sentimos tão grandes descuidos em materia tão necessaria, e importante.

CAPITULO VI.

Continúa o discurso precedente, e pondera-se hum accidente muito particular.

AXioma he filosofico, e certo, e assim o dicta a razão, e a prudencia, que quem quer o fim, quer os meios, que a elle se encaminhão, e ordenão. O que todos os verdadeiros Portuguezes devemos querer

 he

he desbaratar, e vencer os Castelhanos nossos mortaes inimigos, em caso que nos venhão a inquietar, e accommetter. Esta victoria se ha de alcançar com Exercitos de soldados, que são os que pelejão, e arriscão suas vidas pela defensão natural da patria. Importa logo muito tratallos bem, e trazellos satisfeitos; este ha de ser o maior cuidado do Principe, este o seu principal emprego. Não faltou neste ElRei de Castella; porque na occasião, em que se armou contra este Reino, fez grandissimas mercês aos Officiaes de Guerra, e aos soldados deo muitas pagas adiantadas, e por isso levantou tanta gente, quanta trouxe a Portugal. Esta preparação Militar foi ordenando, e dispondo, tanto que ElRei D. Henrique começou a governar, que foi em vinte e oito de Agosto de mil e quinhentos e sessenta e oito, sahindo esse dia das casas dos Excellentissimos Senhores Duques de Bragança a tomar o juramento na Igreja do Hospital Real.

E he muito para reparar sahir este Rei daquelles Paços a reinar, em tempo, que a

huns trabalhos se seguírão outros; porque passado o da perda de Africa, (ou para melhor dizer, estando-se actualmente chorando) tomou este Rei posse, e logo se lhe seguio huma tão terrivel peste, que consumio quasi o Reino todo. Parece que foi prognostico de que viria tempo, em que daquella Real Casa sahiria outro Rei a descançar, e livrar da dura sujeição os Portuguezes, havendo sahido della outro, que deo causa á perda de sua liberdade; porque effeito he da Divina omnipotencia, e de sua infinita piedade, donde sahio a morte, nascer a vida, como a Santa Igreja diz: *Ut unde mors oriebatur, inde vita resurgeret.* Foi ElRei D. Henrique a morte, e fim dos Reis Portuguezes, que nascêrão em hum Henrique, e acabárão em outro. He ElRei D. João IV. a vida, e resurreição dos Principes de Portugal, e de nossa antiga liberdade. Saia pois da Casa de Bragança hum Rei, que foi nossa morte; porque della havia de vir outro Principe, que he a nossa vida, e glorioso Libertador de nosso cativeiro.

Go-

Governou ElRei D. Henrique hum anno ſinco mezes e ſinco dias, e morreo o ultimo de Janeiro (dia, em que naſceo) de 1580. Logo ElRei de Caſtella começou a procurar o Reino; e conhecendo variedade, em ElRei D. Henrique, com todo o cuidado tratou de levantar Exercitos contra Portugal; motivo baſtante, conforme as Leis, para ficar privado do Direito a eſte Reino, quando elle algum tivera. Para eſte effeito ordenou ao Marquez de Mondejar, Vice-Rei de Napoles, a Marco Antonio Colona, Vice-Rei de Sicilia, e ao Marquez de Ayamonte, Governador de Milão, que fizeſſem grande provisão de munições, e petrechos de Guerra, e que levaſſem Infantaria Italiana, e Alemã, e que ſe aperrcebeſſe a maior parte dos ſoldados Heſpanhoes, que militavão naquellas Provincias, e hum exceſſivo numero de gaſtadores, e todos ſe embarcárão nas Galés de Napoles, e Sicilia.

Em Caſtella mandou por D. Gabriel Niño, e D. Luiz Henriques levantar Terços de Infantaria, Companhias de cavallos

ligeiros, e Arcabuzeiros de cavallo, e das Guardas, e dos Continos daquelle Reino, que he grão copia de gente de importancia, com os Genetes de Granada. No mar se poz huma Armada tão poderosa, como deixamos escrito, composta de tantas Nações. Com todo este grandissimo apparato de guerra, formado de quasi cem mil homens, como já temos referido, dizião os Castelhanos, que era pouco, e que fora imprudencia, e temeridade accommetter hum Reino tão grande. Assim o escreve Herrera no *livro* 3. §. 52. Tambem ElRei de Castella admittia este receio, não querendo sahir de Badajoz, sem certeza de que o Reino estava quieto, e reduzido á sua obediencia. E ainda quando lhe derão as novas alguns Fidalgos Castelhanos, (que se adiantárão para ganhar as alviçaras) não as quiz crer, até que chegou a Badajoz D. Fernando de Toledo, irmão do Marquez de Velada, e sobrinho do Duque de Alva, que o mandou certificar a ElRei da sua chamada victoria, como affirma Herrera no *livro* 3. §. 51.

Com

Com grande fundamento duvidava o Caſtelhano della; porque naquelle tempo ou os Portuguezes erão outros, ou o medo do inimigo era grande. E aſſim o moſtrou, quando pouco mais de ſeiſcentos Portuguezes animoſos chegárão á Villa de Oeiras ao reconhecer, e apertárão tanto com dous eſquadrões de moſqueteiros, que ſe inquietou todo o Exercito Caſtelhano de ſorte, que pareceo a muitos Capitães, que a maior parte delle ſahiſſe aos Portuguezes, e o não fizerão por temor de perder a gente, e foi neceſſario retirar-ſe Sancho de Avila (por não dizermos fugir) de ſeiſcentos Portuguezes, ſegurando-lhe as coſtas hum Exercito de mais de quarenta mil homens.

Fraqueza grande he jactarem-ſe os Caſtelhanos de triunfantes deſte Reino, em tempo, que não houve prevenção nelle para a guerra; porque os Caſtellos, e Praças todas eſtavão deſarmadas, e ſem gente, ſem artelharia, nem moſquetes; tirando as Torres de Lisboa, Setuval, e o Caſtello de Villa Viçoſa, em que havia ſeſſenta peças, entre grandes, e pequenas; e todas as Fron-

tei-

teiras ſem fortificação alguma. O numero da gente Portugueza, que podia tomar armas, muito limitado, e pouco; porque em Africa, entre mortos, e cativos, tinhão ficado dezoito mil homens; e aos que cá ficárão consumio quaſi todos a cruel peſte, como com verdade refere Herrera no *livro* 2. §. 24. Faltava juntamente o dinheiro, nervo tão principal para a guerra; (deſpendido a ſeu tempo) porque a exceſſiva deſpeza, que ſe fez com a jornada Africana, deixou o Reino neceſſitado, e pobre, e com o reſgate dos cativos, que foi huma immenſidade de ouro.

E neſte miſeravel eſtado mais razão tem os inimigos de não blaſonar de tal victoria; e nós com ella não perdemos o credito de mais valentes, e animoſos; porque poucos Portuguezes, pobres, e doentes, impedírão por muitos dias o paſſo a tantos contrarios, sãos, ricos, e poſſantes. E aſſim podemos com muita verdade dizer, que pelejou Europa toda contra Portugal enfermo, e doente. E ſobre tudo, tendo elles á porta hum Rei muito poderoſo, e pruden-

 te,

te, a quem temião, e respeitavão tanto, e este Reino sem Principe, sem Rei, sem Governador, e sem cabeça, a quem dessem obediencia, e vassallagem.

CAPITULO VII.

Mostra-se o valor Portuguez, com illustres victorias dos Castelhanos.

COm tantas, e tão verdadeiras noticias deste infeliz successo (permittido por Deos para castigo de nossos peccados, e não alcançado por valor contrario) colhemos esta conclusão certa: Que não temos hoje causa justificada para temer os Castelhanos, ainda que multipliquem mais, e mais forças, porque, a Deos graças, temos por nós a justiça: temos Rei valeroso, e intrepido, temos Governador, temos cabeça, a quem nos sujeitarmos por amor, por Direito, e por vontade; e temos por nós a posse de sempre os atropellar, e vencer, como se comprova com a memoria seguinte de certos, e verdadeiros exemplos, em que, em

em tempos varios, e diversos, se voltárão para Castella desbaratados, e com as mãos na cabeça, vindo com ellas nas barbas, echando chispas, y centellas. E se nos não querem crer a nós, e a nossos avós, (que forão testemunhas de vista) perguntem-no a suas proprias terras, opprimidas pelo valor Portuguez, com insignes victorias, e triunfos, sendo nós sempre poucos, e elles muitos.

Perguntem-no a Lima, e Turon, no Reino de Galliza, e a Badajoz, em tempo de ElRei D. Affonso Henriques, o que celebra Camões no Canto 4. Oitava 26.

Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzerão em fugida de maneira,
Que sete illustres Condes lhe trouxerão
Prezos, a fóra a preza, que tiverão.

Foi esta famosa victoria no anno de mil cento e oitenta e hum na Cidade de Tuy em Galliza, reinando D. Sancho I. na era de mil duzentos e doze.

A Ledesma, Simancas, Valledolid, e Salamanca saqueadas, e quasi destruidas

por ElRei D. Diniz em os annos de mil duzentos e noventa e oito.

Albuquerque, e Badajoz, (segunda vez) Aracena, Arouche, Cortegana, Burgilhos, e Alconchel rendidas pelo valor de ElRei D. Affonso IV. em mil e trezentos e quarenta e trez.

A Aljubarrota memoravel, aos Atoleiros, Termo da Villa da Ponte do Sor, Sevilha, Coria, e a outros muitos lugares de Castella, imperando ElRei D. João I. de boa memoria, governando as Armas Portuguezas, e illustrando-as com seu valor invencivel, o Grande Condestable D. Nuno Alvares Pereira, pelos annos do Senhor de mil trezentos oitenta e dous, quando seis mil Portuguezes vencêrão, e desbaratárão hum potente Exercito de trinta e oito mil Castelhanos, como os Chronistas affirmão.

A Camora, Baltanás, Cantalapiedra, Toro, Castronunho, que experimentárão o forte braço de ElRei D. Affonso V. e do Principe D. João seu filho, e depois Rei glorioso no anno de mil quatrocentos e settenta e sete. As demais victorias leão os

cu-

curiosos, em Manoel de Faria de Sousa no seu elegante Epitome das Historias Portuguezas, da terceira Parte por diante, e nos outros Authores, que compuzerão as Chronicas destes Reinos. Bastem estes illustres testemunhos para prova legal, e irrefragavel da nossa conclusão. Não podemos os Portuguezes hoje negar estas verdades, nem deixar de confessar, que somos netos, e descendentes de nossos pais, e avós, que taes proezas obrárão: logo herança he nossa o vencer estes inimigos, e obrigação precisa he não degenerarmos de troncos, e progenitores tão honrados. Estas formaes consequencias parece que fazia o Illustrissimo Condestable D. Nuno Alvares Pereira, como retrata nestas palavras Camões na Oitava 15. livro 4.

Como não sois vós ainda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henrique, feros, e valentes
Vencestes esta gente tão guerreira?

E na Oitava 17. confirma esta obrigação mais honrada, e posse certa, dizendo:

Com

Com quem forão contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós
Por Diniz, e seu filho sublimados,
Senão com vossos fortes pais, e avós?

Não se póde negar serem os Portuguezes hoje os mesmos, que sempre forão: e não ha duvida que estimulados com tantos exemplos referidos, e com a apertada obrigação, que agora lhes corre, de defenderem hum Rei dado por Deos, e sua antiga liberdade, e em conservação della, obrarão taes façanhas, e farão taes proezas, que em tudo se igualem a todas as passadas. E não se póde negar, que com a mudança de Principe se mudão as condições dos vassallos. Assim o certifica o Poeta, dizendo:

Torne-vos vossas forças o Rei novo,
Se he certo que com o Rei se muda o povo.

Rei novo temos hoje, por misericordia Divina: razão he logo que as forças, e brios antigos, e as valentias de seus avós tornem aos Portuguezes, como verdadeiros filhos, e descendentes de tão gloriosos progenitores,

res, que com feus illuftres feitos tanto aſſombrárão o mundo, e ſublimárão a gloria do nome Portuguez. E obrigação he dos filhos ſerem imitadores das excellentes emprezas de ſeus pais. Eſta declara bem a Eterna verdade no cap. 8. de S. João por eſtas palavras: *Si filii Abrahæ eſtis, opera Abrahæ facite.*

Baſtantes são os exemplos, que referimos, para o nobre impulſo, que ſe intenta: com tudo para maior abonação do aſſumpto, não queremos paſſar em ſilencio hum grandioſo ſucceſſo acontecido aos Portuguezes com os Caſtelhanos, que dilatamos em o ſeguinte Capitulo.

CAPITULO VIII.

De hum grande feito de valor, obrado por poucos Portuguezes, contra muitos Caſtelhanos.

GRandemente ſe comprova eſte intento com o teſtemunho do Conde Pedro Navarro Caſtelhano, que deſcontente

da

da satisfação, que o Emperador Carlos V. deo a seus muitos serviços, se passou á Corte de França em tempo de Francisco I. pelos annos de mil quinhentos e vinte; que o estimou muito, e honrou por sua pessoa, e valor; e nas Guerras contra os Imperiaes o servio com grande pontualidade, e aceitação. E praticando com elle algumas vezes ElRei de França, e mostrando-se sentido de que os Castelhanos prevalecessem contra os Francezes, lhe disse, que não sabia a causa; porque sendo a gente Franceza tão animosa, e experimentada na Guerra, não levasse nos recontros a melhor dos Castelhanos; e que desejava muito saber que Nação houvesse no mundo, que tivesse mão contra elles.

O Conde lhe respondeo, que se elle trouxesse no seu Exercito trez, ou quatro mil soldados Portuguezes; lhe assegurava que sempre os Francezes serião vencedores; por quanto huma das Nações mais bellicosas da Europa erão os Portuguezes, e que a estes só temião; porque sempre lhes quebravão a cabeça, e que fallava como ex-

pe-

perimentado, e ſentido de hum notavel ſucceſſo, que com elles lhes acontecêra no porto de Cadiz, governando treze galés de Heſpanha, zombando de todos hum pequeno navio Portuguez com pouca gente. E para a Mageſtade Chriſtianiſſima ter melhor noticia do ſuccedido, lhe referio o grande valor de poucos Portuguezes contra huma grande multidão de Caſtelhanos, ſoldados praticos, e velhos, e paſſou o caſo deſta maneira.

Governando o Senhor Rei D. João III. havia na Villa de Viana do Minho muitos mancebos ocioſos, e valentes, que reconhecião ſuperioridade em forças, animo, e ſangue a hum Pedro Gallego, moço de vinte e trez annos, muito pequeno de corpo, mas dobrado de membros, e muito valente homem. Os mais dos mancebos nobres daquelle lugar continuavão em ſua caſa ordinariamente, e o ſeu ordinario exercicio era jogar a eſpada preta, lutar, e provar forças, tributo nobre daquella idade.

Tinha Pedro Gallego bom entendimento, e grande eſpirito. Hum dia, que

acudírão muitos áquella eſcola militar, lhes diſſe, que não ſabia qual foſſe a razão, por que moços tão honrados, e brioſos gaſtavão os annos tão ocioſamente, ſem verem mundo, nem tratarem de alguma empreza, que lhes grangeaſſe honra, fama, e proveito: que ſeus pais erão de boa idade, e que podião viver largos tempos, e ter mais filhos; pelo que lhe parecia hum feito honrado buſcarem huma caravella, e bem provida de munições, e armas fazerem huma ſahida á ventura, e que era poſſivel terem algum bom encontro, em que moſtraſſem ſeu animo, e valor, com que fizeſſem ſeu nome conhecido, e celebre; e que para as deſpezas da viagem cada hum foſſe ajuntando o que pudeſſe, que elle entraria com duzentos mil reis, e que ſe animaſſem a fazer hum feito de nome, e fama.

Entrárão-ſe os amigos das razões de Pedro Gallego, e concebendo novos brios, todos ſe reſolvêrão á empreza, e ſe ajuramentárão de ter ſegredo. Cada qual ajuntou o que pode, do empreſtado, do pedido, e furtado a ſeus pais, e entregue todo

o di-

o dinheiro ao Gallego, elle com grande ſegredo por mão alheia comprou huma baſtante caravella com quatro peças de ferro, e a proveo mui bem de armas, de viveres, e das mais vitualhas neceſſarias. Huma madrugada ſe embarcárão todos eſtes mancebos, que erão trinta, a fóra os marinheiros, e com vento proſpero, dando á véla, ſe forão, ſem os parentes o ſaberem, ſenão já depois de partidos.

Engolfárão-ſe muito os novos argonautas, levando a proa nas Ilhas. A poucos dias de viagem lhes amanheceo hum com tão denſa nevoa, e nebrina, que ſem o entenderem ſe achárão a bordo de hum navio de Mouros, que pela negra linguagem conhecêrão antes de ſerem viſtos. Puzerão-ſe logo os Portuguezes em arma, que forão eſpadas, e rodellas, e inveſtindo aos Mouros com notavel animo, e ouſadia, entrárão no navio, e jogando muita cutillada com o inimigo, o rendêrão, e cativárão, matando a muitos, e ferindo a todos.

Senhores da preza achárão-ſe com hum formoſo baixel, que jogava dezoito

peças de artelharia, de que as mais erão de ferro, e as menos de bronze. Os Mouros erão trinta e ſete, delles morrêrão treze, e dos Portuguezes dous, e onze ficárão feridos. Poſtos a bom recado os cativos, repartidos nas duas embarcações, ſe fizerão na volta da terra, e arribando ao Algarve, vendêrão em Sagres os Mouros, e a caravella. Alguns mancebos nobres daquelle lugar, eſtimulados grandemente do brio dos Vianezes, ſe reſolvêrão em os acompanhar, (póde muito o exemplo da virtude) aggregando-ſe-lhes quinze alentados, e valentes. Eſtimárão todos a nova, e forte companhia, e principalmente o Capitão, que era Pedro Gallego, e fazendo baſtimento de algumas couſas neceſſarias, por conta dos hoſpedes, tanto que tiverão bom tempo, embocárão o Eſtreito, e ſe forão a roubar ao mar de Levante.

Neſte, e em outras paragens daquelle clima andárão mais de trez annos ſem tornarem a Viana, nem terem novas de ſuas caſas, porque o doce da proſpera fortuna os fazia eſquecer de tudo. Fizerão grandes

pre-

prezas, e de muita importancia em náos mercantes, carregadas de riquezas, que navegavão para Constantinopla, e outros portos. Cheios de ouro, e fazenda, com que muitos deixárão seus filhos ricos, se voltárão a Viana; mas derrotando-os huma grande, e contínua tormenta, os divertio do rumo que levavão, e os deteve muitos dias. Tornárão com a bonança a continuar sua viagem, mas com tanta falta de agua, que os obrigou irem a Cadiz a fazella, e foi em occasião, que estavão naquelle porto as galés de Castella referidas, governadas pelo Conde Pedro Navarro.

Derão os Portuguezes fundo no porto, sem fazerem menção alguma do que era obrigação, e cortezia da Milicia, abatendo a bandeira, e fazer salva de artelharia á Armada, que alli estava; mas ou fosse arrogancia de poucos annos, ou pouca noticia das continencias Militares, (que he o mais certo) derão com seu descuido occasião aos Castelhanos mandarem hum Capitão com alguns soldados no esquife da galé Real a reconhecer os novos hospedes.

Che-

Chegados a bordo do navio, mandárão chamar ao Capitão para lhe dar hum recado, que trazião do General das galés. Estava Pedro Gallego recolhido, tanto que o avisárão do que passava, se embrulhou em hum bernio, ou roupão, e chegando a bordo do navio ouvio o recado, que continha em substancia, saber que gente era, e qual fosse a razão, por que entrando nos portos de Hespanha não abatêra a bandeira, nem fizera salva á Armada Real, que alli estava? Respondeo-lhe o Gallego, que erão Portuguezes, que andavão destruindo os cossarios, e ladrões, e que a bandeira das Armas de Portugal só á Cruz de Christo se abatia. Ouvida esta resposta, se voltou o Capitão Castelhano, dizendo: *Son Portuguezes, y locos*. Bem quiz o Gallego logo mostrar siso em lhe responder por obra, mas o esquife voou, e chegando á galé Capitania, dando a resposta que trazia, mandou o Conde Pedro Navarro, que lhe atirassem huma peça sem pelouro para os obrigar á cortezia, em que havião faltado. O Gallego foi melhor correspondente, e liberal no cum-

pri-

primento, porque mandou diſparar duas peças com bala, e dando por differentes galés, não deo pouco que fazer aos Cirurgiões.

Viſto o procedimento, e dura cortezia de Pedro Gallego pelo General Caſtelhano, julgou-o por homem deſatinado, e mandou que toda a Armada levaſſe ferro, e que foſſem caſtigar os Portuguezes pelo grande atrevimento, que havião commettido contra huma Armada Real. Tanto que Pedro Gallego vio menear as galés, conheceo o intento, e refreſcando hum vento favoravel, picou a amarra, por livrar-ſe do aperto do ſitio, e fazendo-ſe ao largo, lançou toda a artelharia fóra, e ſe poz a ſom de guerra.

As galés o forão ſeguindo animoſamente, e adiantando-ſe muito a Real, (por ſua deſgraça) o Gallego lhe deo huma valente carga de artelharia, com que lhe levou o maſto, e vélas, e matou muita gente; e huma bala (que levou quaſi huma cruxia) deo pela popa, em que eſtava o Conde Pedro Navarro, e lhe ferio tão gravemente huma perna, que eſteve a perigo de morte. Vendo-

do-ſe elle em tal eſtado, ſe recolheo em continente com toda a Armada ao porto, bem arrependido de querer provar forças com os Portuguezes, e aſſombrado de tão carregada cortezia, que na verdade a foi muito, mas juſto caſtigo da arrogancia Caſtelhana.

Pedro Gallego ſe não lembrou mais de fazer aguada, e com a pouca que tinha ſe voltárão todos a Viana, onde forão recebidos como convinha, e com grandes demonſtrações feſtejados, porque todos os parentes os tinhão por mortos, ou perdidos.

Aviſou o General ao Emperador do ſuccedido, encarecendo-lhe a grandeza do aggravo. Eſte ſe repreſentou ao Senhor Rei D. João III. pelo Embaixador do Imperio, e ſe lhe deo em ſatisfação, que ſe informaria do caſo, e que aquelles Vianezes não andavão no mar por ordem ſua. Veio Pedro Gallego chamado a Lisboa, e ſendo nella ouvido por ElRei, teve ſua reprehenſão em público, e em particular, dizem algumas memorias que foi bem viſto, e avaliado. Repetia muitas vezes eſte ſucceſ-

ſo o Padre Meſtre Fr. João de Valladares, que Deos tem, varão inſigne em virtude, e letras, e de muitos annos, da Sagrada Ordem dos Prégadores.

Com grandiſſimo goſto ouvio ElRei Franciſco o referido, e determinou ſervir-ſe na guerra de muitos Portuguezes, e dizem que com effeito os mandou pedir a Portugal; mas que ſe lhe não differio pelo apertado reſpeito de parenteſco, que havia entre o Senhor Rei D. João III. e o Emperador Carlos V. ſeu primo, e ſeu cunhado.

Bem comprova eſte ſucceſſo ſerem os Caſtelhanos a relé dos Portuguezes, e a bigorna de ſeus malhos. O certo he que ſe não póde negar ſer a preferencia de noſſo valor, e animo mui conhecida a reſpeito dos Caſtelhanos, que por eſta cauſa (e não outra, que a não ha) nos querem mal, e são noſſos mortaes inimigos. E entre elles ha muitos, que confeſsão eſta verdade, quando eſtão livres de paixão, como ſe verifica com teſtemunho deſte Miſſionario Caſtelhano, que no fim do mez de Novembro de mil ſeiscentos e ſincoenta e hum veio de

Madrid a eſta Corte, o qual diſſe a certa peſſoa grave eſtas formaes palavras em abonação dos Portuguezes:

Nò ſe puede negar que la nacion es fuerte, y que para ganar un palmo de tierra en Portugal ha de coſtar rios de ſangre. Mas maior teſtemunho foi o de Carlos VIII. de França contra quem fazendo liga todos os Principes de Europa, e tendo noticia della, reſpondeo a alguns Francezes, que a temião: *Que não fazia caſo della, porque tinha por companheiro, e amigo a ElRei D. João II. de Portugal, e com aſſiſtencia de tal Principe, e gente tão valeroſa não ſó me hei de defender de meus inimigos, mas ainda hei de triunfar do mundo todo.* Aſſim o refere Carlos Cointe de nação Francez nas ſuas elegantes Orações, que fez nas amizades de Portugal com o Reino de França no anno de mil ſeiscentos e quarenta.

CAPITULO IX.

Defcrevem-fe as qualidades, e condições de hum valerofo, e perfeito Capitão por occafião do cafo referido.

TOdos eftes difcurfos nos eftão promettendo as palmas vencedoras á vifta do valor fempre feliz de Sua Mageftade, que Deos guarde, em quem fe não póde negar animo invencivel, coração grande, e forças exceffivas. De cujo zelo fe póde efperar, tão acertada efcolha, e eleição de fogeito, que prefida na Milicia, com todas as condições neceffarias, que formão, e conftituem hum Capitão perfeito, e cabal, que com mais propriedade poffa ornar, e compôr o feu forte efcudo, do que aquelle do famofo Fabio Maximo fempre vencedor.

Trazia efte por timbre em fuas armas huma cabeça de cavallo, e nos peitos hum roftro de homem, com barba branca, e veneravel, e os pés de hum grou, e huma cabeça de gallo. E pofto que efta pintura

pareça quimera, na verdade he huma galante cifra, e prudente emblema das boas partes, e nobres prendas de hum Capitão excellente.

Declaremos esta empreza. A cabeça de cavallo significa o valor na guerra; colhe-se de Virgilio no *livro* 3. dizendo:

Bello armantur equi, bellum hæc armenta minantur.

O rostro de homem velho denota a prudencia, que ha de ter o Capitão. Os pés de grou representão o cuidado, a vigilancia, e a providencia, com que se ha de dispôr para todos os casos, e acontecimentos, que podem occorrer, para os prevenir como convem. A cabeça de gallo com suas plumas caudaes são figura da victoria, e triunfo, (que desta esperança são symbolo as plumas, tão usadas dos soldados, e tão pouco entendidas de muitos, que bizarreão com ellas) porque os vencedores com esta gala plumatica costumavão a celebrar suas victorias. Com estas qualidades se póde hum Capitão prometter grandes triunfos de seus

ini-

inimigos, e contrarios. Neſtas ſe devem empregar muito os que profeſsão a vida Militar, e ſe adquirem com huma contínua applicação, mais radicada nos ſogeitos, e produzidora das mais valeroſas acções, quando ſe aprende nos primeiros annos, e no verdor da idade, como ſe comprova com o ſeguinte diſcurſo.

He a diſciplina Militar muito delicada, ampla, e eſtendida; e para ſe comprehender, como convem, não ſó pede muita applicação, mas he neceſſario que neſta eſcola ſe exercitem os moços, e ſe criem em ſuas lições, e particularmente os Principes, e os Grandes; porque como na guerra occupão os primeiros poſtos, então ſerão nellas Capitães perfeitos, quando ainda na tenra idade ſe entregarem com grande effeito, e inclinação a tão illuſtre, e nobre exercicio.

Aſſim o deixou por exemplo aos vindouros aquelle maior, e mais glorioſo Monarca de Portugal o Senhor Rei D. Manoel, como affirma Damião de Goes na quarta Parte cap. 83. e outros Chroniſtas deſ-

deſtes Reinos, o qual todos os Domingos, e dias Santos ſe punha á janella a ver correr, e eſcaramuçar os moços nobres, e cidadãos, e elle corria tambem muitas vezes para os enſinar, e adeſtrar, fazendo-os com eſte mais illuſtre, e regio eſtudo na paz fortes, e duros para os ſucceſſos, e accidentes da guerra. E ſem falta, que por eſta razão logrou naquella idade de ouro os maiores, e mais valeroſos Capitães de toda Europa.

Eſta Academia he a mais excellente, e importante. Eſte foi ſempre o eſtylo mais venerado, eſte o coſtume mais contínuo dos Principes antigos crearem ſeus filhos com inclinação, e applicação á Milicia; e por iſſo ſahírão não ſó ſoldados valentes, mas Capitães prudentiſſimos, é glorioſos. Platão venerava tanto eſta boa, e importante creação, (para a conſervação da ſua Republica) que mandava que os meninos dos ſinco até os quatorze annos de ſua idade aprendeſſem, e ſe exercitaſſem naquellas couſas, que os fazião fortes, e affeiçoava á guerra.

Eſ-

Esta occupação, e exercicio he muito necessario nos Principes, porque muitas vezes succede ser forçoso pelejar com o inimigo, como aconteceo a todos os Senhores Reis Portuguezes, e particularmente a D. João I. que com tão grande valor, e forte braço matou tantos Castelhanos, como celebra Camões no *livro* 4. Oitava 38.

Vedes-me aqui Rei vosso, e companheiro,
Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro:
Pelejai, verdadeiros Portuguezes,
Isto disse o magnanimo Guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira; e deste unico tiro
Muitos lançárão o ultimo suspiro.

Matárão muitos Reis os inimigos por letra; mas os Principes, e Reis Portuguezes por suas pessoas, e valeroso braço. Sempre se achárão nas guerras animosos. Os outros recreão-se vendo-as pintadas. Obrigação he do Rei pelejar pela defensão do seu povo, como o de Israel declarou na primeira creação de Rei; diz a Sagrada Escritu-

tura no primeiro livro dos Reis cap. 8. *Judicabit nos Rex noster, & egredietur ante nos, & pugnabit bella nostra pro nobis.* Quer dizer: Queremos Rei, que nos governe com justiça, e com valor nos defenda de nossos inimigos.

CAPITULO X.

De como se deve aprender a Arte Militar para se conseguir com perfeição.

COmo esta seja a obrigação do Rei, aquelle a cumprirá melhor, que desde menino for affeiçoado, e inclinado á guerra. Assim o persuade Eneas Silvio no livro *de Educatione liberorum*, escrevendo a Ladislao Rei de Ungria: *Cùm Regem inesse præliis sæpius oporteat, militaribus certaminibus exercere puerum convenit, quem Regni gubernacula manent*, diz este grave Author. Como a obrigação dos Reis seja governar os Exercitos com sua presença Real, então fará o officio de melhor Capitão, quando de poucos annos foi inclinado á

Mi-

Milicia, e mais estudou seus documentos, regras, e maximas.

Assim creárão o famoso Emperador da Persia, chamado Cyro, como escreve Xenofonte, e sahio hum perfeito, e excellente Mestre nesta Arte nobilissima, e generosa. O Santo Rei David antes de cingir espada se ensinou com a luta de forçosos ussos, e rompentes leões a vencer Gigantes feros, e destruir Exercitos poderosos, e formidaveis. De nove annos era o esforçado Anibal, quando o trouxerão a Hespanha, para que se ensinasse na guerra, e entre o estrondo das armas; e ficou nellas hum Capitão tão sciente, que fez chorar a Roma muitas vezes. De doze annos entrou nesta escola o Grande Alexandre, e se applicou a este estudo com tanto cuidado, que assombrou o mundo com suas façanhas, divertindo os enfados da peleja com a musica, e com a solfa, a que era inclinado: entretenimento licito ao Principe, permittido por Licurgo para descanço do trabalho do governo, alivio do despacho, e leve repouso, e moderada interrupção do cuidado

contínuo (que deve ter) da ſegurança do Reino. O Emperador Auguſto Ceſar com dezeſeis annos de idade ſe entregou á Milicia, e foi hum dos valeroſos Principes, que a fama eterniza, e celebra.

E poſto que comprovamos a conveniencia de hum Principe deſde ſua meninice ſe applicar ás armas, (como moſtrão os exemplos dos que allegamos) juſto parece que á viſta de hum conhecido valor louvemos, e engrandeçamos tambem a prudencia, parte na guerra principal, e mais importante que todas. Conſiſte eſta em ſaber reprimir a ira, moderar a colera, e compôr a paixão; não ſe arrojando, nem obrando precipitado, ſenão com madureza, pauſa, e conſideração. Aſſim o aconſelhava o Filoſofo Livio a ſeu diſcipulo o Emperador Theodoſio, como refere Aurelio na vida deſte Principe; e lhe dizia, que ſe guardaſſe da ira, ſe não queria deſpenhar-ſe muitas vezes. E que muito neceſſario era reprimir o animo vingativo, e o fervor do caſtigo com alguma breve detença, e pauſa, ainda que foſſe tão pouca, que baſtaſſe ſó para dizer A, B, C.

Bem

Bem conhecião os Consules Romanos a importancia desta excellente propriedade, e condição, que quando sahião em público, levavão diante de si huns ministros de justiça, chamados Litores, (que quer dizer algozes) com hum feixe de varas cada hum, e entre ellas hum cutelo, e tudo mui bem atado, e apertado com cordas. Erão as varas para açoutar os descuidados, e o cutelo para degollar os delinquentes. E diz Plutarco no livro dos Problemas, que ordenárão os Romanos com grande consideração, que fossem as varas, e o cutelo assim atadas, para que quando o Consul mandasse com ira, e pressa castigar algum homem, a detença breve de desatar os instrumentos do castigo reprimisse, e moderasse a paixão, e colera.

O contrario obra grandes temeridades com evidente risco de vida, e da honra; acção na verdade indigna do Principe, e Capitão, dizia Augusto Cesar: *Imperatori bono quidquam minus congruit, quàm timeritas.* Refere-o Victorino nas vidas dos Emperadores cap. 4. Avizinha-se muito a teme-

ridade á loucura, e o temor, e receio á prudencia. Assim o disse aquelle galante, e discreto Portuguez D. Thomaz Jordão de Noronha, descrevendo a guerra dos Gigantes com Jupiter.

Arrojaronse atrevidos
Competiendo con el Cielo;
Temeridad, es locura
En parte, es prudencia el miedo.

Esta falta he muitas vezes a ruina, e o despenhadeiro dos Principes; porque como são soberanos, e tem na mão a chave do poder, regulão com este as resoluções, e não com a prudencia, e razão. *E arriscado lanço he querer o que não convem aquelle, que póde fazer o que quizer.* Sentença discreta he esta de Plutarco no lugar repetido: *Vehementer periculosum est, velle quæ non decent eum, qui quæ velit facere potest.*

Não tropeçárão nesta pedra, nem cahírão neste barranco os Principes supremos, e valerosos Capitães exemplares deste assumpto. Reprimírão a ira, moderárão a colera, não se precipitárão, não se arrojárão

nos caſos, e contingencias da guerra, mas com conſideração, pauſa, madureza, e reportados obrárão com bom ſucceſſo prudentes, o que puderão perder, ou arriſcar temerarios. Eſta he a primeira maxima mais neceſſaria nas armas; he a lição de maior importancia, e ſempre foi cauſa de acertados effeitos. Raramente erra o Capitão reportado, e prudente; nunca acertou o temerario, e arrogante.

Entre outros effeitos, dous cauſa importantiſſimos, e os mais principaes á ſciencia da guerra, que são, moderar a paixão natural, e temperar o appetite iraſcivel, ſujeitando-o á direcção da prudencia, e eſcolher as maximas mais acertadas, e convenientes, aſſim á natural defensão, como para offender, e opprimir o inimigo. Conſiſte a ſciencia de qualquer materia, e objecto em conhecer as conclusões, e reſoluções, e os meios proporcionados ao fim, que ſe intenta. Aſſim o enſina o Principe da Filoſofia Ariſtoteles: O ſaber conſiſte formalmente no conhecer: *Scire eſt cognoſcere*. No eſtado preſente nos importa muito ſaber, e conhe-

cer

cer o que o inimigo póde emprender para nosso dano; e o que nós devemos obrar para nosso bem, e conservação.

CAPITULO XI.

Mostrão-se os arbitrios Militares do inimigo na invasão deste Reino: e como facilmente se podem frustrar com o reparo de algumas Praças.

A Maior guerra, que o inimigo nos fez no infausto anno de mil quinhentos e oitenta, foi apertando Portugal com numerosos Exercitos por terra, e com grandes Armadas por mar, como já deixamos escrito, e repetimos para maior lembrança. E para frustrar seus intentos, impedir os desenhos antigos, (que os mesmos hão de seguir, por haverem sido tão efficazes para seus fins) se deve ter grande cuidado com as forças da Villa de Setuval, porque pela barra della entrou a Armada Castelhana governada por D. Alvaro Bazan, Marquez de Santa Cruz, e nella se embarcou o Du-

que de Alva com todo o Exercito, que trazia, com que teve passo seguro, e facil para vir sobre Lisboa, desembarcando em Cascaes; o que não fora, se as torres, que defendem a barra de Setuval, tiverão a prevenção necessaria para rechaçar a Armada inimiga, e lhe impedir a entrada. Nem tambem os Castelhanos ganhárão a Praça, se estivera fortalecida com fortes muros. Faltou então esta fortificação tão necessaria, e queira Deos que hoje não falte.

Ganhado este lugar, propuzerão em Conselho de Guerra os meios, que se devião praticar, e seguir para o Exercito continuar com prospero successo. Sendo a proposta huma, os pareceres forão muitos, e diversos. Dizião huns, que o mais acertado parecia voltar as armas contra a Villa de Santarem, por ser populosa, fundada em sitio eminente, e forte, e pela grande estreiteza do Tejo ao pé della ser facil a passagem da gente de Guerra para a conquistar; e sogigáda, e rendida, se fortificassem nella, donde com pouco trabalho podião descer sobre Lisboa, com grande esperança de

a ga-

a ganhar com brevidade, pela grande commodidade do rio, por onde podião ir as vitualhas Caſtelhanas, e impedir o paſſo aos Portuguezes, que das outras partes do Reino acudiſſem ao ſoccorro de Lisboa. Aſſim votárão eſtes, e muito poſſivel he que o inimigo ſe aproveite deſte arbitrio tão bem fundado; pelo que he forçoſo cuidar muito em fortificar eſta Villa, e baſtecella de tudo, ſenão queremos que nos gabem de fazermos pouco, ou nada, pelo que tanto importa. O meſmo pede a Villa de Abrantes, onde podem occorrer os proprios accidentes.

A outros pareceo mais conveniente, que o Exercito devia de marchar para a Villa de Almada, e do Caſtello della, canhonear, e esbombardear Lisboa, e paſſar a ella a gente em barcos da outra banda para ſitiar a Cidade. Ambos eſtes juizos, e diſcurſos forão muito peritos, e Militares, e parto de Capitães de grande experiencia; e poſto que por então ſe não ſeguírão, devemos nós cuidar que em algum tempo ſe podem pôr em exercicio, e praxe, e então

ſe-

ferão de pouco effeito, quando aquelle lugar se segure, e reforce como deve.

Seguio o Duque de Alva o parecer de outros, que foi ir o Exercito por mar a Cascaes, e desembarcar naquelle porto. Foi a resolução arriscada, mas prospera pelo effeito, nascido da frouxidão de nossos braços, ou, para dizer melhor, da fatalidade de nosso açoute, e castigo, mostrando-o Deos antecedentemente com tantos prodigios, e finaes. Este só relataremos.

Appareceo na praia junto ao forte, poucos dias antes da infeliz jornada de Africa, hum grande peixe espada, que o mar lançou á terra para aviso, e em huma parte tinha esculpido hum azorrague, e açoute, e na outra muito ao claro a era de mil quinhentos setenta e oito, tempo, que deo principio á satisfação de nossas culpas. Escreveo Manoel de Faria de Sousa no Epitome das Historias Portuguezas Part. 3. cap. 17. Peccados, parcialidades, ambições, cubiças, divisões, e soberba facilitárão o passo para desembarcar o Duque, com tão evidente risco, e perigo, que pareceo loucu-

ra, e temeridade. Assim o entendeo hum grande Capitão, que com liberdade lhe disse estas palavras: *Esta desenbarcacion màs fue de Capitan mancebo, que de la persona de la edad de V. Excelencia.* Respondeo-lhe o Duque, surrindo-se: *Segun las ocasiones, han de ser los hombres: unas vezes viejos, y otras moços.*

Pouco custoso fora o reparo deste dano, e facil o remedio para se impedir ao inimigo, se neste rio houvera huma boa Armada, que fora cortar o passo á Castelhana; mas como esta faltava, não achou resistencia, que a impedisse. Colhemos destes antecedentes a grande necessidade, que este Reino, e principalmente Lisboa, tem de Armadas, e mais Armadas. Pouco necessita dellas hum Reino situado no Certão, e mettido pela terra dentro; mas Portugal com tantas barras, e portos maritimos abertos, tem dellas grandissima necessidade.

Admittamos (o que Deos não permitta) que o inimigo ganha a Villa de Santarem, e nella se faz forte, e que occupa a barra de Lisboa com huma poderosa Ar-

ma-

mada, impedindo-nos o trato, o commercio, e o ſoccorro. Se não tivermos outra, com que o rechaçar, e expellir, digão-nos os Capitães de experiencia as traças, os ardis, e os eſtratagemas, com que nos havemos de defender, e conſervar? A Infantaria com outra ſe derrota: os cavallos com outros ſe deſordenão: e as Armadas com Armadas ſe desbaratão, e deſtroem. Como he logo poſſivel, que Lisboa ſem grande Armada ſe defenda?

Confeſſamos que dirá algum innocente, que poucos dias ha, que hum certo Engenheiro ſe offerecia a ir por baixo da agua com certos inſtrumentos a queimar a Armada do inimigo, quando ſe imaginava que vieſſe. Homem deve eſte de ſer de grande folego, e que ſerá hum famoſo buſio; mas não vemos a infallibilidade, e efficacia da traça. Outros, que a ſeu juizo parecia diſcurſavão melhor, formavão huma cadeia de páo, (mettida no rio para impedir as Armadas não ſubiſſem aſſima) lançada da Torre de Belém á Torre Velha. Menos prejudicial ſeria eſta, que as que ſe fazem de ou-

ro nas fronteiras. Esta tambem se houvera de converter no mesmo metal, que o tempo faz hoje estes milagres. A mais certa prova, evidente, e segura são Armadas, e mais Armadas.

CAPITULO XII.

De alguns Arbitrios Militares propostos ao Author sobre a fortificação de Lisboa.

POr occasião das materias precedentes nos pareceo conveniente assentarmos, e collocarmos neste lugar algumas advertencias, que certas pessoas de authoridade, e respeito, e com experiencia da guerra, zelosos do bem de nossa conservação, nós fizerão, em ordem á fortificação maritima de Lisboa. E posto que seus arbitrios padeção muitas contradições, e difficuldades, com tudo não se devem condenar, mas estimar, e agradecer; porque a obrigação do Capitão experto, e soldado valeroso, he ser muito solicito, e cuidadoso de tudo o que póde acontecer para bem, ou dano proprio. E assim

ſim querem os expertos, e prudentes, que haja de adivinhar, e antever todos os ardis, traças, e eſtratagemas, com que os inimigos o podem offender, e inquietar.

Prova grandemente eſte diſcurſo o famoſo Hiſtoriador Plutarco, dizendo: ***Boni Imperatoris eſt non tantum conſulere rebus inſtantibus, ſed devinare de venientibus.*** Quer dizer: O bom Capitão não ſó ha de diſcurſar muito nos accidentes da guerra, mas tambem ha de antever, e adivinhar, em certo modo, os ſucceſſos, e contingencias della. Por eſte reſpeito pinta diſcretamente Homero ao celebrado Capitão Ulyſſes com azas, em ſignificação das do penſamento, com que voava, prevendo os accidentes futuros. Eſte ſingular dom, e tão importante qualidade grangeou fama eterna ao tão afamado Marquez de Peſcara, a quem Italia, e o mundo celebrou, dizendo delle, que era dotado de hum *Prudente Anteveder*. O noſſo Camões, com as grandes experiencias que teve, deſcreve neſtes verſos, e confirma grandemente eſte aſſumpto, que vamos dilatando. Aſſim diſcurſa no Canto 8. Oitava 89.

Tal

Tal ha de ſer, quem quer co dom de Marte,
Imitar os illuſtres, e igualallos:
Voar co penſamento a toda a parte,
Adivinhar perigos, e evitallos.
Com Militar engenho, e ſubtil arte
Entender os imigos, enganallos:
Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O Capitão, que diga: Não cuidei.

Juſtificado o intento, e animo de quem nos cenſura, he neceſſario, e forçoſo eſtender, e propôr os ſeus arbitrios Militares, para que a reſpoſta, que lhes dermos, melhor ſe conheça, e julgue por baſtante. Aſſim diſcursão, e aſſim praticão eſtes Capitães zeloſos nos ſeus Militares arbitrios ſobre a ſegurança de Lisboa.

Arbitrio I.

Se o inimigo ſe deliberar a entrar com a ſua Armada pelo rio aſſima, e ſe puzer deſde o pontal de Almada até o rio de Sacavem, com eſte cerco lhe tirará o ſoccorro: e aſſim ſe reprova a confiança do Author, que houvera de ter a Lisboa acompa-

nhada de mais fortificações da nossa parte.

Arbîtrio II.

Entre os soldados de experiencia se pratíca, que o sitiar-se esta Cidade ha de ser com o cerco de navios, na fórma referida, e com hum arrezoado Exercito por terra. A este tal aperto se ha de prevenir resistencia, que sirva não só para a occasião do inimigo presente, mas contra as de maior conjuração. E assim convem prevenir-se-lhe o remedio, que por esta consideração se aponta, que se feche a passagem do rio com huma forte cadeia lançada, e estendida da Torre de Belém á Torre Velha. E com estas preparações se segura o intento do Author.

Arbitrio III.

Tem-se advertido, que a fortaleza do Outão na entrada da barra de Setuval está diminuta na offensão que convem. Será de grande consideração mandalla reformar, e tambem prover os baluartes do rio desta Cidade de tão boa artelharia, que se não atreva o inimigo a commetter sua entrada.

E lo-

E logo ſerá eſte o remate, com que ficará eſta Cidade no eſtado, como o Author quer o eſteja, e ſegura da invasão dos inimigos. Eſtes são os arbitrios Militares, que ſe nos offerecêrão pelo zelo de certos ſoldados praticos.

CAPITULO XIII.

Em que ſe reſponde, e ſatisfaz aos Arbitrios propoſtos.

Reſponde-ſe ao primeiro.

AO primeiro arbitrio reſpondemos, que a Armada inimiga, eſtendida por eſte rio até Sacavem, nunca póde impedir a Lisboa os ſoccorros, aſſim do mar, como da terra. Os do mar, porque vindo huma Armada groſſa dos Principes noſſos confederados, e amigos, como acha a barra deſimpedida, he força que entre por ella livremente, e com toda a ſegurança, emparada com a artelharia das Torres; e paſſadas ellas, póde ſubir pelo rio aſſima ſem perigo, nem dano algum. A razão he; porque

que como a Armada do inimigo ha de eſ-
tar eſtendida de Lisboa até Sacavem, e ſe-
gura ſobre ferro, (como do arbitrio ſe co-
lhe) não póde tão depreſſa unir-ſe, e for-
mar-ſe em eſquadrão naval, para reſiſtir á
Armada de ſoccorro que entra. Antes eſta
terá tempo, e lugar para ſe ordenar, e com-
por de tal modo, que não ſó poſſa reſiſtir
ao inimigo, mas deſembarcar a gente, que
traz de refreſco, ſem haver quem o impida.
Logo eſtando a Armada inimiga eſtendida
de Lisboa até Sacavem, nunca lhe póde im-
pedir os ſoccorros, que lhe vierem por mar.

Não póde tambem eſta Armada con-
traria tolher, e impedir a Lisboa os ſoccor-
ros, que lhe vierem por terra, como moſ-
tramos neſte diſcurſo. Eſta Armada ha de
eſtar eſtendida de Lisboa até Sacavem, e
dalli não ha de paſſar; aſſim porque o ar-
bitrio não diſpõe, como porque os navios
grandes não pódem ſubir, e navegar mais
pela falta do fundo, como he publico, e
ſabido. Logo de Sacavem até Abrantes
tem lugar todos os ſoccorros, que vierem
do Alentejo, para ſe paſſarem deſta banda

daquém, e descendo pelo Ribatejo podem seguramente vir-se recolher em Lisboa, sem haver quem o impida, e divirta, pois lhe ficão vinte e huma leguas de distancia de Abrantes até Sacavem, desimpedidas, e desembaraçadas, para se passarem desta banda, e marcharem até Lisboa os soccorros ou em corpo de guerra, ou em mangas soltas.

A razão deste nosso parecer he; porque a Armada inimiga não se estende mais que de Lisboa até Sacavem: logo de Sacavem para sima fica livre, e desimpedido o passo para toda a gente de soccorro passar da outra banda á esta nossa. Nem o Exercito inimigo (que havemos de presuppor ha de estar vizinho a Lisboa) póde impedir estes soccorros: a razão he; porque este não póde estar formado em outra parte, senão for em Alcantara, onde esteve a outra vez. Mal póde logo dalli divertir os soccorros do Reino, que descerem a Lisboa.

Prova-se este discurso. Este Exercito inimigo ha de estar todo unido, e formado

mado no lugar de Alcantara, foi separado, e diviso em partes pela circumferencia, ou distancia, que pela parte da terra tem Lisboa. Se estiver unido, he força que da parte desta Cidade esteja alojado o nosso Exercito sobre a ponte de Alcantara, onde esteve em outra occasião, com o rostro ao inimigo, e com as costas á Cidade, e composto sobre a eminencia, que a terra faz sobre a dita ponte, e com os lados fortificados, e seguros, e particularmente o direito, que foi a falta, que o derrotou, e descompoz no anno de mil quinhentos e oitenta, como deixamos escrito nos Capitulos passados. Mal póde logo o Exercito Castelhano, estando á vista do Portuguez, (que pressuppómos de necessidade ha de haver) impedir os soccorros, que do Reino descerem a Lisboa.

Com tudo admittamos, e concedamos hum absurdo, hum erro intoleravel, e huma falta alheia de toda a razão contra a Militar experiencia, qual he, que não haja tal Exercito Portuguez, (o que se não póde dizer, nem ouvir) nem assim póde o Ex-

ercito inimigo, impedir os soccorros por terra a Lisboa. A razão he; porque como esta Praça (conforme as verdadeiras medidas geometricas, cordeada pela parte da terra) tenha quatro mil cento e setenta e sinco braças de comprido, he impossivel que o Exercito Castelhano possa aquartellar tão excessiva distancia, que tanta se mede de Alcantara até Santa Apollonia.

Dizem os mais, que he materia muito digna de reparo admittir este Exercito inimigo alojado em Alcantara, ou dividido, sitiando Lisboa. A razão da duvida he; porque este Exercito para se pôr sobre Lisboa ou ha de vir por terra, ou por mar. Se por terra, ou ha de vir ganhando, e rendendo as Praças de Portugal, ou as ha de deixar atrás com suas forças. Se as houver de vir conquistando, e rendendo, ha de gastar muito tempo na conquista, e perder muita gente nella, com que não ha duvida que se diminuirá muito o poder inimigo, e que ficará incapaz de vir sitiar Lisboa. E assim ou virá cá, ou não. Se tambem se disser, que este Exercito deixará as Praças do Reino

no sem as offender, por vir todo unido, e forte a Lisboa, este arbitrio se nega; porque cousa certa he, ser contra a prática recebida de guerra, passar hum Exercito avante, deixando forças inimigas nas costas.

CAPITULO XIV.

Continua-se a resposta do primeiro Arbitrio, e comprova-se com exemplos.

COm muitos exemplos puderamos provar esta Militar Maxima recebida, e praticada, mas baste só este. Quando o Emperador Carlos V. no anno de mil quinhentos e trinta e sinco foi sobre o Reino de Tunes, que ganhou valerosamente, (com hum poder tão grande, que passava o numero dos soldados mais de quarenta mil homens) não quiz ir sitiar a Cidade, sem primeiro render a força da Goleta, que distava de Tunes quasi trez leguas, dizendo, que não era lanço de Capitão prudente passar adiante, sem render todas as forças inimigas, que ficão atrás; porque do contrario

rio

rio póde proceder, ou pôr em dúvida a victoria, ou dar aos inimigos occasião, a que saião de suas estancias a inquietar o Exercito. Este parecer se seguio, e approvou, ganhando-se primeiro a Goleta, e logo depois a Cidade de Tunes, como escrevem todos os Authores Hespanhoes, e particularmente Sandoval na vida, e feitos do Emperador Carlos V. na 2. Part. liv. 22. §. 12.

He esta Maxima, e prática tão assentada, e usada na Milicia, que só a podem ignorar aquelles, que nunca virão guerra, nem lêrão os feitos de armas, que andão pelos livros, donde tirão noticias verdadeiras, e certas os curiosos, a quem falta a praxe, e experiencia. Desta tinha muita o cossario Barbarroxa, que não ha duvida que entre os Barbaros foi Capitão experto, e valente. Estava este tão certo de que era causa da destruição de hum Exercito passar avante, deixando forças inimigas atrás, que assentava todas as esperanças do seu vencimento em que o Emperador Carlos V. fosse logo a sitiar a Cidade de Tunes, deixando a força da Goleta inteira, e

em

em pé, porque desta havião de sahir os Turcos a impedir os bastimentos, e viveres aos Hespanhoes, com cuja falta logo erão destruidos. Assim escreve Sandoval na 2. Part. liv. 22. §. 12. cujas proprias palavras repetimos para maior abonação de nosso intento.

Considerava Barbarroja, que el Emperador nò dividiria su Exercito. Y menos crebia que el Emperador dexaria la Goleta atras por conquistar, haviendo en ella tanta Armada, y tanta gente, por ir a la conquista de Tunes, quedandole los inimigos a las espaldas, que le podian impedir los bastimentos, y romper sus pensamientos. Y que si el Emperador lo hazia, era cierta su victoria, y perdida del Emperador. Assi que Barbarroja se determinò en fortificar la parte de la Goleta, que mira hasia Cartago. Até aqui diz Sandoval, e do referido bem se comprova que as regras Militares não permittem passar hum Exercito adiante, deixando forças inimigas atrás, que infallivelmente lhe hão de impedir os bastimentos, e as vitualhas, o que he causa certa de sua des-

truição. Não são os Castelhanos tão nescios que tal intentem; e se o fizerem, venhão, que elles o pagarão.

Infere-se logo destes antecedentes certos, e comprovados, com a larga experiencia, que o Exercito inimigo ha de vir por mar a Lisboa, assim como veio a Cascaes no anno de mil quinhentos e oitenta; porque não tem outra estrada, e caminho, por onde possa vir, e entrar: logo por mar ha de vir. A este discurso politico se oppõem trez grandissimas difficuldades, e resistencias, que se conhecem no tempo presente, em que as cousas estão em outra altura, e em differente disposição das que occorrêrão no tempo passado. E são tão poderosas, e efficazes, que moralmente fallando, representão ser cousa impossivel entrar hoje em Lisboa não só Armada naval, mas Exercito por terra. O que mostramos com este formal, e pratico juizo, ajustado com as Maximas, e exemplos Militares, que tiramos dos livros, que escrevem da Milicia, donde tira as noticias necessarias, e certas o curioso, que a isto se applica, e sem ler não ha saber.

CAPITULO XV.

Multiplicão-se novas razões sobre o assumpto, e responde-se a hum novo ardil.

A Armada inimiga, em que ha de vir o Exercito Castelhano, não ha de desembarcar em Cascaes, como da outra vez, porque está o lugar impedido com a grande fortificação nova. Ha logo necessariamente de vir esta Armada buscar a barra, e passar pelas fortes Torres della, e desembarcar toda a gente nas praias de Belém. Este intento parece moralmente impossivel no tempo presente, e será a pratica delle huma total ruina dos baixeis inimigos. O que facilmente persuade a prudente resolução, que Francisco Draque, General da Armada Ingleza, tomou na occasião, que veio sobre Lisboa com hum Principe, que quiz ser pertensor ao Reino, que foi no anno de mil quinhentos e oitenta e nove.

Procurárão os Inglezes com todas as forças, traças, e ardis passarem com a sua

Armada pelas Torres da barra, e virem ſitiar Lisboa. Com tudo, como as forças das Torres erão grandes, reſolvêrão em Conſelho pleno de Capitães mui praticos, e expertos, que era impoſſivel paſſar huma Armada por entre as Torres, ſem evidente perigo de ſua deſtruição. Que ſó em hum caſo poderia ſer poſſivel eſta paſſagem, mas com hum eſtratagema muito cuſtoſo, e difficil, qual era, metter entre dous navios mancos, e mercantis hum de guerra da Armada, porque deſta ſorte lhes ficavão os navios ſervindo de defensão, e barbacã, contra os pelouros da artelharia das Torres. Mas como eſtes navios mancos faltavão, não ſe atreveo o Inglez a paſſar com a ſua Armada por entre as Torres de S. Gião, e Cabeça Secca.

Mal poderão hoje logo os Caſtelhanos paſſar por entre ellas com a ſua, que ha de ſer grande; aſſim porque as forças das Torres são no preſente muitas, e maiores que as antigas, como tambem, porque não póde haver tantos navios mancos para reparo, e eſcudo dos navios de peleja.

E deſ-

E deſtes ſe com a maré, e vento forte puder eſcapar algum, que paſſe pelo canal, não he poſſivel que paſſem dous por entre duas forças tão grandes, (que quaſi ſe eſtão dando as mãos) ſem que os mettão no fundo. E não ſó difficultoſo, mas ainda impoſſivel parece a todo o bom juizo, que a Armada inimiga vença tanta reſiſtencia, e que venha ſitiar Lisboa, e que deſembarque em terra toda a gente, que trouxer para o ſitio. As outras duas reſiſtencias, e difficuldades grandes, que os inimigos hão de vencer, para poderem ſubir pelo rio aſſima, moſtraremos nas reſpoſtas, e ſoluções dos ſeguintes arbitrios.

Como quem faz a caſa na praça, huns dizem que he alta, outros que he baixa, vio, e lêo hum grande Meſtre Militar (mas ſó na ſua eſtimação, que elle nunca vio guerra) eſtes noſſos diſcurſos, e diſſe, que facil couſa era paſſar a Armada inimiga por entre as Torres com eſte ardil, e traça. Tomem os inimigos duas náos cheias de palha meſclada com breu, e encoſtem-as ás Torres, a cada huma ſua, e logo fará huma tão

grande fumaça, e tão densa, e espessa, que cegará os Artilheiros dellas de tal modo, que não possão ver cousa alguma para atirar aos navios, e o mesmo os soldados. E desta sorte, e com este engenho passará a Armada inimiga sem risco por entre as forças. Este he o parecer deste soldado da agua doce. E está tão pago delle, que espera grandes mercês por este alvitre; mas diz que reserva em segredo as contradições, e desfeita do estratagema referido, com que se póde impedir.

Approvárão alguns dos circumstantes o arbitrio, por serem pessoas do mesmo talento, e faculdade. Esta approvação, e aceitação nos obriga a lhes responder, porque não fiquem presumidos de inventores de huma cousa, que padece tanta repugnancia, e contradição. Respondemos, que a traça, e o engenho que he excellente, mas com hum requisito, e condição, qual he: Que estas duas náos cheias de palha hão de ser de arremesso, e de visco, ou grude, que pegue muito, porque devem os inimigos de fazer com ellas tiro ás Torres, para

ra que peguem nellas; porque senão for assim, senão que sejão de madeira, quem as ha de levar, e pôr naquelle lugar, que o não mettão no fundo, antes de executar o effeito? E mais sendo alli o canal tão largo, que tem mais de huma legua de largura.

Com tudo dado (mas não concedido) que achem os inimigos traças para a seu salvo encostarem estas náos nas Torres, e que fiquem nellas pegadas como grude, dão-lhe fogo em tempo que venta Norte, ou Nordeste; em tal conjunção nenhuma offensa póde fazer o fumo ás Torres, nem cegallas com fumo, antes este irá dar nos inimigos, e cegallos a elles. Póde tambem ser occasião, que vente ou Sul, Sudoeste, ou Noroeste, ou Oeste. Com qualquer destes ventos que cursarem, nenhum aggravo póde fazer o fumo das náos ás Torres. A razão he; porque a Cabeça Secca fica á parte do Nascente, e a de S. Gião fica ao Poente, e nesta fórma nunca nenhum destes ventos as póde cegar. Mal discursa logo este Arbitrante bellico, e frustrado he o arbitrio, que elle tanto encarece.

Hu-

Huma solução poderá elle dar, ou fazer huma réplica contra esta nossa resposta, dizendo, que são os inimigos tão ardilosos, que farão naquella occasião, que juntamente ventem, e cursem dous ventos contrarios, e oppostos, convem a saber: Vente Noroeste contra a Cabeça Secca, e Sudueste, ou Sul contra a de S. Gião, e que desta sorte cegará o fumo das náos ambas as Torres, e em tal caso passará a Armada Castelhana livremente.

Respondemos, que se os Castelhanos tem tanto poder, que podem fazer com os Ceos, que juntamente despidão dous ventos contrarios, que então se conseguirá o intento do Arbitrante; mas não tendo elles poder nos ares, menos que de ar fica sendo a réplica, e a instancia.

Dous casos queremos referir a este intento. Governando este Reino aquelle grande Bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco, (que tão christámente soube dispender o seu grosso patrimonio, sem attenuar as esmolas dos pobres, por edificar Palacios a seus parentes) vinhão-lhe aperta-

contém mil ſetecentas e treze braças, conſtando cada braça de dez palmos, e cada palmo de treze dedos, conforme a doutrina de Apiano na ſua Coſmografia 1. Part. cap. 2. Sendo pois eſta diſtancia tão exceſſiva, e comprida, onde ſe ha de achar ferro para cadeia tão longa?

E em caſo que ſe ache, que forças ha de haver, que ſuſtentem pezo tão grave, e immenſo? A da força da Goleta (que por exemplo ſe traz) era factivel; porque a boca da garganta, por onde entra o mar a fazer o lago de Tunes, tem pouco mais de trinta braças de largura, como dizem os Coſmografos, e particularmente Georgio Bruin, e Franciſco Hogenibergio na Deſcripção das Cidades do mundo no livro 1. Tratado de Tunes, Sandoval na 2. Part. livro 22. §. 13.

E neſta limitada diſtancia factivel era a forte cadeia, com que os de Tunes ſe defendião. Mas com ſer tão forte, e groſſa, como os Authores eſcrevem, não pode reſiſtir á violencia dos golpes, que lhe deo o noſſo celebrado galião S. João, chamado o

Bota fogo, com a dura ferra de aſſo, que levava pelo talhamar da proa, com que a rompeo, e fez em pedáços com tanta reputação, e credito do nome Portuguez. O ſucceſſo moſtraremos abaixo com particularidade grande, já eſquecida, e ſepultada, porque eſtamos na era do eſquecimento.

Duas conſequencias ſe colhem, e inferem do exemplo referido. A primeira, que o engenho da cadeia não he remedio efficaz, e poderoſo para impedir a Armada inimiga, que não ſuba pelo rio aſſima; porque aſſim como houve hum galeão forte, que rompeo a de Tunes, aſſim póde haver outros, que cortem, e rompão a de Lisboa. A ſegunda conſequencia he ſer impoſſivel lavrarſe cadeia tão comprida, que chegue da Torre de Belém á Torre Velha, pela grande diſtancia de mil cento e treze braças, como já temos eſcrito. Remedios impoſſiveis infamão a experiencia, e são diſcreditos do bom juizo. Neſte particular reprovamos o arbitrio, por ſer de materia moralmente impoſſivel; porque nem ainda que eſta cadeia fora de arame, (e tão delgada como as

com

com que se fechão as malas) com grande difficuldade se achará materia para esta fabrica, e artificio tão longo, e tão comprido.

Outros soldados presumidos de praticos querem que esta cadeia seja de madeira. Não ha duvida que a traça he tão nova, e peregrina, que não ha memoria de cousa semelhante. Dizem estes Mestres da Milicia, que se ha de formar de grossos mastos, prezos huns aos outros, e com isso se dão por seguros, e quietos, e que com ella se impedirá o passo á Armada inimiga. Em verdade que não póde haver arbitrio mais aerio, e ridiculo, como he claro a todo bom juizo. Se o mar de Lisboa fora tão baixo como o rio de Bintão em Malaca, mais a proposito fora fazer outra estacada como aquella de páo duro, entulhada, e tão forte, que affirmão as Historias da India, (como o refere João de Barros na terceira Decada livro 3. cap. 5.) que era mais forte que hum muro de pedra, e cal. Outra tal fortificação fez ElRei Mocrim em Ormúz para defensão da Cidade de Barem;

Lisboa, como para reputação de nosso credito, porque de outra sorte evidentemente arriscamos nossa liberdade, e mostramos ao mundo que não somos gente, que entenda de guerra. Na defensão de hum Reino maritimo a fortificação primeira (que até os meninos entendem) são Armadas de grande poder, e forças, e estas feitas com tempo; porque se as reservarmos para quando chegar o inimigo, mal se podem preparar, e dispôr, e pouco nos aproveitará o muito dinheiro; porque este despendido a seu tempo, apparece, campea, e luz; e retido, e guardado he muitas vezes causa da ruina, e destruição de hum Reino. Abra Deos os olhos aos Ministros, a quem toca esta materia, para que vejão o que todos vem, e tanto a todos nos importa. E persuadão a Sua Magestade, que Deos guarde, a necessidade de grande poder no mar; o que elles não fazem, porque se não obra, sendo tão necessario, e importante, e Sua Magestade o quer, porque tambem quer sua segurança, e conservação, pois he acção natural.

ſubir a Armada inimiga pelo rio aſſima. Da Torre de Belém até ás arêas da outra banda da Trafaria ſe devem pôr quantos navios couberem naquelle canal, com as proas ao mar, todos ſobre ferro, e o meſmo nas poupas, e aſſim muito unidos, e ſeguros ſe podem fazer nas poupas humas platafórmas de madeira todas povoadas de artelharia, cavalgadas em ſuas carretas, com as bocas ao mar, acompanhadas de ſeus ceſtões de terra na fórma que ſe uſa, e pratíca.

Eſta cadeia he mais forte, e ſegura, e nunca a Armada inimiga a póde cortar, e romper; porque a muita artelharia, que póde eſta ponte jogar, he poderoſa, e baſtante para deſtruir as maiores Armadas do mundo. Eſta defensão he mais ſegura, eſta traça he a de maior força, eſte arbitrio he o mais poſſivel, e tão conforme ao intento, de que ſe trata, quanto approvado, e engrandecido pelos meſmos Caſtelhanos, quando no anno de mil quinhentos e oitenta invadírão eſte Reino; e o que mais louvárão, e engrandecêrão, e o que mais os intimidou foi eſtà meſma traça, que deixamos eſcrita.

Eſ-

Eſte parecer ſeguimos, e eſte ſó arbitrio approvamos, aſſim porque a boa razão o perſuade, como porque tantos homens praticos, e de nome o approvão; e poſto que aos eſpeculativos ſe repreſentárão alguns inconvenientes, (e ſó dous alcançamos) como são, a pouca firmeza deſta cadeia nautica, e naval, pois o fundamento ſobre que aſſenta he o mar, ſymbolo, e figura da meſma inquietação, e inconſtancia. O outro he os navios do fogo, que poſtos na veia da agua na enchente da maré, neceſſariamente hão de vir marrar com eſta cadeia, e topar com eſta ponte, com o que ſe abrazará infallivelmente. Eſtas são as maiores duas difficuldades, e os maiores dous perigos, que ſe podem armar contra eſte arbitrio. Mas como são tão contingentes, e falliveis, ſempre eſta traça, e engenho ſe abraça mais que as outras com o intento daquelles, que tratão da ſegurança de Liſboa. E para maior ſatisfação dos amigos das outras cadeias, queremos reſponder em particular a eſtes inconvenientes, que apontamos em ſeu nome.

Reſ-

Refpondemos ao primeiro, que não negamos poder-fe alterar o mar, e inquietar muito a cadeia dos navios; mas como a vinda do inimigo ha de fer em Verão, tempo deputado para as guerras, nefte ordinariamente vemos os mares quietos, e fem as alterações, e furiofas tormentas do Inverno; e affim he de crer que o tempo nos ajude, e que a ponte dos navios dure por muito tempo firme, e fegura para os effeitos de que tratamos. Muitos exemplares puderamos referir de femelhantes traças, e engenhos, que durárão, e permanecêrão, fem receberem offenfa alguma das aguas; mas bafte efte por fer mais celebrado dos antigos.

O Emperador Cayo Caligula emprendeo fazer huma ponte de navios na enfeada do porto de Bayas em Campania de huma ponta da terra á outra, a qual he tão dilatada, e larga, que tem mais de trez mil paffos de diftancia. Efta ponte fe fabricou fobre duas ordens de navios, tambem ancorados, que eftavão fixos, e firmes. Por fima delles mandou fazer hum terrapleno

de

mo reparo de oito maquinas disformes de madeira, providas de muito boa artelharia, e fogo. E assim passou este successo. Mandou o Camory fazer oito castellos de madeira fortes, grandes, e altarosos, cada hum delles fabricado sobre dous paraos em altura de vinte palmos, trazidos por dez homens, que vinhão remando, mui providos de gente, e de pelouros, e de muitas panellas de polvora.

Esta guerreira traça (que á vista era muito temerosa) poz em grandes esperanças ao Rei gentio de destruir de todo aos Portuguezes, os quaes com poucas caravellas, confiados em Deos, no valor de seus corações, e forças de seus braços, ordenárão ao pé do masto de cada caravella (que estavão com as proas ao mar) hum castello forte de madeira da mesma altura, que os das maquinas inimigas, providos de muito boa artelharia. Nas proas das caravellas atravessárão dous mastos grandes, para impedirem aos castellos de madeira que não chegassem aos nossos. Tinha o Camory no mar mais de duzentos paraos atulhados de

huma boa Armada. Assim os Romanos sujeitárão a ElRei Hyeriano com cem náos fortes. Assim Scipião na conquista de Africa; como refere Volaterrano nos Commentarios liv. 30. cap. 12. Assim ElRei D. João I. de boa memoria, de Portugal, ganhou a forte Praça de Ceuta aos Mouros no anno de mil quatrocentos e dez em quatorze de Agosto, cercando a Praça por mar com mais de quatrocentas vélas, e por terra com quarenta mil homens. Assim ElRei D. Affonso V. rendeo a Praça inexpugnavel de Tangere com mais de trezentas vélas, e vinte e sinco mil homens no anno de mil quatrocentos e sincoenta e nove em vinte e quatro de Agosto. Assim rendeo as fortes Cidades de Alcacere-ceguer, e Arzila, Lugares de Africa, que parecião inexpugnaveis; mas com tanto poder forão apertadas por mar, e por terra, que foi forçado renderem-se, e entregarem-se; e isto em tempo que os mosquetes erão fundas, e bombardas os arietes, e maquinas de madeira, com outros instrumentos bellicos.

Melhor que todos os Principes passa-

dos, e preſentes conheceo o Senhor Rei D. Manoel ſempre feliz, o quanto eſte Reino neceſſitava de grandes forças maritimas, aſſim para ſua conſervação, e opulencia, como para adquirir o glorioſo nome de Vencedor invencivel, e para ſer temido do mundo todo. Os meios, que eſcolheo para eſtes tão grandioſos fins, foi fazer-ſe o mais poderoſo Monarca no mar com fortes, e duras Armadas, que de Lisboa ſahião tão continuamente, e com tanta preſteza, e brevidade, que diz Jeronymo Cateneo no liv. 1. da Arte Militar cap. 4. que o rio de Liſboa não produzia, e creava peixes, ſenão náos, navios, e galeões artilhados.

E para que ſe verifique o intento deſte noſſo diſcurſo, e ſe imprima, e radique nos corações dos que governão eſta verdade, com que conheção que a defensão mais importante, e neceſſaria deſte Reino, e de Lisboa particularmente são grandes, e fortes Armadas, fielmente moſtraremos, e copiaremos as mais, e maiores, que os Senhores Reis de Portugal mandárão armar neſte rio para ſegurança, e firmeza deſta Monar-

quia,

quia, e para gloria do nome Portuguez, e immortal fama.

Efte quadro naval, e eftas fombras imperfeitas da grande potencia, e força, que os Senhores Reis de Portugal confervárão fempre nos mares, e com que alcançárão o imperio, e dominio de tantas terras, copiámos de varios Authores (que repartidas, e divididas as tratão) com grande trabalho, e propria applicação, vendo-as nas fontes, que forão o Bifpo Oforio, Damião de Goes, Duarte Nunes de Leão, Andrade, Mariz, Faria, e outros Chroniftas Portuguezes. De todos elles formamos, e compomos efte corpo nautico das Armadas, que em todos os tempos houve nefte Reino; no qual occafião paffou, em que faltou o dinheiro para os dotes das Senhoras Infantas, mas nunca para as forças do mar, como prova o exemplar do Senhor Rei D. João III. no cafamento da Senhora Imperatriz Dona Ifabel, que abaixo fe toca brevemente.

CAPITULO XX.

Propõem-se algumas objecções contra a conveniencia do Cathalogo, que fazemos das Armadas Portuguezas, a que se responde.

PO'de parecer aos que menos alcanção, e presumem mais, que este nosso trabalho he de pouca necessidade, porque todos sabem o grande poder, que os Principes Portuguezes puzerão no mar; como tambem, porque parece em certo modo condenar o tempo presente, em que estas forças faltão, porque não as póde haver. Não duvidamos que não faltem alguns zoilos, que assim censurem o animo fiel de quem escreve sem intento de offender, e aggravar, mas só estimulado do amor da patria, e de sua conservação; que só por estes meios se póde conseguir, e perpetuar. Com tudo, pois que movemos a difficuldade, parece razão, e justiça que lhes demos resposta, e satisfação.

A' pri-

A' primeira objecção dizemos, que he muito importante, e necessario recopilar nesta breve copia as grandes Armadas, que sempre teve, e conservou nesta Monarquia, assim para maior gloria sua, como para maior estimulo nosso, vendo neste breve Tratado o que anda dilatado por muitos livros, para que os netos, que hoje vivem, imitem os avós, que assim se governárão, e regêrão com tanto credito, e reputação.

O que mais approva, e justifica esta nossa trabalhosa applicação he o conselho do Divino Espirito Santo, que em varios lugares da Sagrada Escritura nos aconselha, que tenhamos grande memoria, e viva lembrança das cousas passadas, para assim dispormos, e regularmos as presentes, e vindouras: *Diligenter interroga Patrum memoriam*: Com grande diligencia perguntai, e sabei o que fizerão, e obrárão vossos pais, para vos governardes por elles nas cousas, que obrárão com acerto, e satisfação. Assim o diz Deos pela boca do Santo Job cap. 8. E no cap. 41. do Ecclesiastico nos manda, que nos lembremos do passado pa-

ra

ra. Assim o refere o Padre Torres na Filosofia de Principes liv. 25. cap. 1. fol. 758. col. 4.

Estas são as proprias palavras : *In rerum gestarum cognitione, in legendisque incumbentium operum libellis, temporis plurimum assumere oportet. Et quæcumque ad conservanda regna, emendandosque hominum mores scripta sunt, perquirere.* Excellentes documentos dava este Sabio ao Rei, e a todos os Principes do mundo, e a todos os Grandes, e Ministros, que são as colunas, que sustentão hum Imperio, e huma Monarquia. Em vulgar quer dizer : *Ha-se gastar muito tempo em ler, e saber o que obrárão, e fizerão os antigos, revolvendo continuamente os livros, que contém os seus illustres feitos, ou seus dictames, e regras discretas, e prudentes. E particularmente devem inquirir, e saber todos aquelles exemplares, e successos, que se ordenão, e encaminhão á conservação do Reino, e á emenda dos ruins costumes dos homens.*

Este sabio, e prudente conselho seguimos, estas maximas verdadeiras imitamos,

offe-

CAPITULO XIX.

Prova-se com exemplos os gloriosos effeitos, que obrão as fortes Armadas.

COnsultem os Ministros, a quem toca esta maxima, e este arbitrio tão trivial, e claro, com aquelles, que depois de huma larga, e contínua experiencia Militar escrevêrão com tanta verdade, e erudição nesta materia; e acharão que he resolução verdadeira, e infallivel, que huma Praça grande maritima com difficuldade se rende ao inimigo, (que por terra a accommette, e sitia) tendo Armadas, com que por mar o divirta. Assim o sentem todos os que melhor escrevêrão da Arte de Fortificação, e melhor que todos Bernardim Rocca na sua Arte Militar, e Emprezas Militares no liv. 1. empreza 15. fol. 9. em que falla gentilmente sobre este assumpto; e mostra com toda a evidencia, que para os lugares maritimos a fortificação de maior importancia são Armadas, e mais Armadas; e fal-

P tan-

mamos, (como he de advertencias, para o que se deve obrar para nossa conservação) pede a formalidade do discurso, e a materia, sobre que escrevemos, que se toquem todos os exemplares, que com ella tem relação, e dependencia. Somos todos membros deste corpo Portuguez, partes deste todo, e naturaes desta patria, e por taes obrigados a trabalhar na sua conservação do modo possivel, e conveniente.

CAPITULO XXI.

Justifica o Author a tenção, e intento, com que escreve, e dilata-se em mostrar as forças maritimas deste Reino.

ESte motivo nos obrigou a exceder a propria esfera. A nossa tenção, e intento he presente a Deos, e elle seja testemunha, que não escrevemos com animo de censurar, e reprehender o governo presente, nem de o notar de falto, e deficiente, mas só puramente de advertir, estimular, e despertar os Ministros, para o que tanto nos

im-

importa. Se hoje faltão poderosas Armadas, póde ser que a causa não he falta de vontade, senão de substancia, e cabedal. E posto que o povo quer que não falte, os Ministros affirmão que o não ha. E nesta perplexidade, e contradição será grande ignorancia o condenar, e o julgar contra parte certa, e determinada, porque neste particular todos fallão, e todos dizem, mas ninguem próva o que affirma, e ou alivia, e disculpa, ou reprova, e condena; porque regra, e axioma he do Direito, que em juizo contradictorio não basta dizer, mas he necessario provar: *Probare oportet, nec sufficit dicere.* Na Lei 1. no principio, *ff. Si quadrupedes pauperum*, he o notar, e condenar huma sentença rigorosa. Como podemos julgar, e sentencear, senão ouvimos as partes, e nem ellas provão os seus ditos? E mal se póde negar aos homens, o que o Direito concede ao mesmo diabo. Não julgamos, não condenamos, nem arguimos; advertimos, lembramos, e estimulamos. Quem quizer maliciar outra cousa, diga, que de Deos differão.

Pe-

Pedimos aos Miniſtros paſſem os olhos por eſtas noſſas advertencias, e as que julgarem importantes, que as advirtão a S. Mageſtade, que Deos guarde, e que lhas digão, para que ſe obrem, e pratiquem. E bem podem dizer-lhas ſem temor, e medo, porque Sua Mageſtade não contradiz, nem reſiſte ás verdades, que importão para bem do Reino, antes folga de as ouvir, e ſaber. E ſe alguns deſcontentes affirmão o contrario, digão-nos que Miniſtros deſterrou S. Mageſtade, e que peſſoas maltratou por lhe dizerem verdade? Muita gente falla no ar, ou levada da má inclinação, ou eſtimulada do deſcontentamento. Dizer não baſta, mas he neceſſario provar, como já deixamos eſcrito.

Não ſejamos deſcontentadiſſos, que he grande falta. Eſtimemos mais o manná do Deſerto, que as cebolas do Egypto; e ſe ainda não goſtamos eſte manná, a culpa he noſſa, e não do Principe, porque nos não queremos diſpôr ao merecer. Sem-razão he grande querermos ver as glorias, e deſcanço promettido por Deos a Portugal, viven-

do

do cada qual a seu gosto, e conforme a seu appetite, e tão pouco ajustados com a obrigação de Christão. Reforme-se, e melhore-se o Reino na vida, e costumes, siga-se a virtude, haja pureza na Fé, piedade com amor, e com estas condições promette Deos glorias a Portugal: *Erit mihi Regnum sanctificatum, fide purum, & pietate dilectum*, diz o juramento do Santo Rei D. Affonso Henriques, e logo crescerá na opulencia, e na grandeza. O bom povo faz o bom Rei, e nunca só por peccados deste castigou Deos huma Monarquia inteira. Respeite-se o bem publico, e não se lhe prefira o particular, que este he o mal, que hoje nos mata, e he a moeda, que neste tempo corre.

Deste procede infinitos males, e o principal he causar no entendimento huma cegueira tão grande, e huma nevoa tão grossa, e basta, que nem deixa ver o claro Sol. E por gente semelhante dizia Deos pelo Profeta Amos cap. 8. *Occidit illis Sol in meridie*: Nem tem olhos para ver a luz clara do meiodia. Apure-se a vista com o zelo,

do bem commum, e do Reino, e logo se acharão meios, e arbitrios para nos fortalecermos, e armarmos, seguindo os dictames antigos de Portugal, pondo no mar forças, com que fiquemos seguros, e dos inimigos, e estranhos temidos, e respeitados.

Assim o persuade a boa razão, e dicta a prudencia, excellente virtude, regra verdadeira, e infallivel para a boa direcção das acções humanas. Bem conhecemos com tudo que S. Magestade, que Deos nos guarde, e conserve, tomou posse destes seus Reinos, estando tão atenuados, e pobres, que com verdade se póde dizer, que não só os achou sem lã, mas esfolados. Tinhão então as ovelhas Portuguezas taes Pastores, que erão imitadores, e discipulos daquelles, que Deos antigamente condenou pelo Profeta Ezequiel, os quaes retrata ao natural no cap. 34. Fartavão-se estes, e as ovelhas não comião: bebião, e ellas suavão: vestião, e ellas despidas.

Livrou-nos delles a Divina misericordia por sua infinita bondade. E neste estado não se póde negar, que custa muito di-

mi-

minuir o cabedal, quando eſtá tão falto, e tenue, e pede a juſtiça, e igualdade, que a troſquia ſeja muito ſobre pentem, porque magôa menos. Mas mais que tudo carrega, e péza o importante, e vivo cuidado de noſſa defensão, e conſervação, a qual ſem moleſtia ſe não póde conſeguir, e alcançar. Obrem-ſe pois as noſſas fortificações, e Armadas com tal ſuavidade, (e ſem extorções) que luza, e appareça a obra, ainda que ſeja pouco a pouco, e ajuſtando-ſe com o cabedal, e talentos, que o povo póde. Dê-ſe principio a eſta importantiſſima obra: veja-ſe, e vá creſcendo: e confiemos muito em Deos, que não faltará com ſua poderoſa ajuda aos bons intentos dos Reis, quando ſe dirigem a gloria ſua, e bem de ſeus vaſſallos.

CAPITULO XXII.

Mostra-se como as faltas do governo (quando as ha) não procedem do Principe, senão dos Ministros, e Officiaes.

NÃo falta a Sua Mageftade, que Deos guarde, condição, e inclinação ao bem: propriedades excellentes, e na verdade dignas, e proprias do bom Principe, que procedem de huma fingular bondade, lifura grande, e fingeleza rara, que fe não póde negar ao Real animo, pois o noffo Bandarra tanto em feus vaticinios a engrandece, e confirma. Affim vaticina, fallando de ElRei N. Senhor clariffimamente, e fe lê no n. 101.

Efte Rei tem hum irmão
Bom Capitão.
Não fe fabe a irmandade?
Todo he nobre em bondade,
E na verdade,
Que fabirá com o pendão.

Affim celebra Bandarra a bondade de El-

ElRei N. Senhor, e seu Real animo, são, e liso, e sem dobrez. O terceiro verso desta Estancia temos explicado largamente no livro, que compuzemos, com o titulo de Desempenho da Divina promessa. O que não obstante, porque este verso embaraça a muita gente, advertimos de passagem, (para lhe tirar toda a duvida) que não se ha de ler por modo de negação, senão por modo de admiração, exaggerando, e encarecendo o grande amor, e amizade, que houve entre ElRei nosso Senhor, e o Senhor Infante D. Duarte, que Deos tem, que foi tão bom, e grande Capitão. Tambem se póde entender este terceiro verso por via de interrogação, e inquirir perguntando, e he o mesmo que affirmação. Vê-se em muitos lugares de Camões, e em particular no Canto 4. na Oitava 100.

Não tens junto a ti o Ismaelita?
Com quem sempre terás guerras sobejas,
Não segue elle do Arabio a lei maldita?
Se tu pela de Christo só pelejas, &c.

Claramente próva este texto que muitas

vezes o perguntar he affirmar: assim passa no verso repetido:

Não se sabe a Irmandade?

Val o mesmo que dizer: Sabe-se muito bem a Irmandade, e sabe-se que são Irmãos verdadeiros, e naturaes. Bem ás claras falla logo o Bandarra de ElRei nosso Senhor, e de sua Real bondade, e inclinação ao bem. Nunca desta nos póde vir mal. Só das ilhargas nos podemos temer, senão forem sans, e senão vestirem desta libré do Principe, inclinando-se ao bem commum. Mas não sabemos se se navega por este rumo, e se segue este norte, ou se se pratíca outra doutrina differente. Desta procedem todos os males, e danos de huma Republica, como consta de tantos exemplos.

Muitos, e graves Doutores antigos, e modernos comparão o governo deste mundo, de huma Monarquia, de hum Reino, e de huma Republica ao jogo. O Cardeal Hugo, varão doutissimo, e muito antigo da Sagrada Ordem dos Prégadores, o compara, e accommoda ao jogo da pella. Explica

ca este gravissimo Doutor estas palavras dos Proverbios cap. 8. *Ludens in orbe terrarum.* Quer dizer: Usa Deos com o mundo, e com os homens taes lanços, e taes traças, que parecem de jogo. Assim diz o Cardeal referido: *Totus enim orbis, est quasi quidam ludus pillæ, quæ modo ab alio tenetur, modo ad illum projicitur, & aliquando dividitur in partes.*

Construidas estas palavras Latinas em vulgar, vem a dizer: *Todo este mundo he mui parecido, e semelhante com o seu governo ao jogo da pella, a qual humas vezes anda na mão deste, e outras daquelle, dividindo-se pelos mais jogadores.* Assim vemos no governo do mundo. A primeira Monarquia foi a dos Assyrios, depois passou-se aos Persas, e Medos, depois aos Gregos; em quarto lugar aos Romanos, e agora está dividida, e enfraquecida.

Nicoláo de Lyra segue o mesmo parecer do Cardeal Hugo, explicando as palavras referidas dos Proverbios, dizendo assim: *Ludum faciens de orbe terrarum, qui similis est ludo pillæ.* Quer dizer: Joga o

po-

poder Divino em eſte mundo a pella, cujo governo he ſemelhante ao meſmo jogo. E aſſim vemos ordinariamente nelle creſcerem huns, minguarem outros; ſubirem eſtes a lugares grandes, e aquelles cahirem delles. Os que hontem erão pobres, são hoje ricos, e poſſantes; e os que tinhão muitos bens da fortuna, eſtão na maior pobreza, e miſeria. Eſta mudança, e eſta variedade declara excellentemente o douto Bocarro na ſua Monarquia Luſitana Oitava 96.

Verás em novos thronos Dignidades,
Republicas desfeitas, Magiſtrados,
Com grande confusão, com novidades,
Nas caſas dos Magnates, nos Eſtados, &c.

Evidentemente próva eſte texto ſer o governo do mundo ſemelhante ao jogo da pella. Peraldo, Arcebiſpo doutiſſimo de Leão de França, o aſſemelha ao jogo dos dados na 2. Part. da Summa cap. 15. Claudiano, excellente, e antigo Poeta, o compara a toda a ſorte de jogo, dizendo:

Ludit in humanis Divina Potentia rebus.

Tão

Tão parecido he o governo dos homens ao jogo, que não só tem o parecer, mas o que he mais o ser; porque na verdade he hum puro jogo cheio de enganos, e falsidades. A' vista de tantos Ministros de justiça rasgárão os quatro soldados, que crucificárão a Christo Senhor nosso, os seus sagrados vestidos, levando cada hum sua parte, como diz o Sagrado Euangelista S. João cap. 19. E quando chegárão á Sagrada veste interior, e inconsutil, não a quizerão partir, e dividir, mas hum a levou com a a sorte dos dados: *Non scindamus eam, sed sortiamur de illa cujus sit.* Vá por jogo, por jogo se leve, e seja de quem for. Pois, soldados cubiçosos, não tendes presentes os Ministros de justiça? A justiça julgue, e determine de quem esta sacratissima veste ha de ser. Não quizerão, acolhêrão-se ao jogo, e aos dados, elles determinárão a causa, elles derão a sentença. Pelo jogo se governárão, e levou aquelle riquissimo penhor (que hoje está na Real Capella de Paris) algum grande trapaceiro, e affincador dos dados: enganou os companheiros, ficou-se

com

com o rico despojo. O jogo compoz o pleito, por elle se governárão, que tal he o governo deste mundo.

Esta doutrina assim declarada está estimulando ao discreto Leitor a saber a qual dos jogos ordinarios se póde comparar o governo dos homens com mais propriedade? Neste particular são varios os pareceres, e todos tocaremos brevemente.

Compara-se o governo do mundo ao jogo do homem.

Dizem os primeiros, que o governo do mundo he muito parecido com o jogo do homem. A razão he, porque neste jogo cada hum joga para si, cada hum trata de si, e não admitte parceiros; mas tanto que algum se faz homem, e quer ganhar o bollo, logo todos se ajuntão, e armão contra elle para o destruir. E que assim passa no governo do mundo. Com tudo a comparação he impropria, porque neste jogo hum só se faz homem, que se acha com trunfos, e cabedal para o ser; mas neste mundo todos querem ser homens sem trunfos, que-

re-

remos dizer, ſem partes, ſem talento, e por falta das condições neceſſarias. São tão poucos os que na verdade são homens, que ao meiodia (eſtando a praça de Athenas cheia delles) andava o Filoſofo Diogenes com huma alenterna buſcando hum homem, que foſſe homem. Muitos eſtavão alli, mas não tinhão mais que o parecer de homens.

Compara-ſe o governo do mundo ao jogo da pella.

Os ſegundos querem que ſe compare propriamente ao jogo da pella; e o fundamento he. Porque aſſim como eſta, tendo mais vento, pulla mais alto, aſſim entre os homens aquelles creſcem, e ſobem mais, e chegão aos maiores poſtos, que tem menos ſubſtancia, e são mais leves, e vaſios das boas partes. Sua contradição tem eſta ſemelhança; porque no jogo da pella fazem-ſe muitas faltas, as quaes ſe pagão infallivelmente; e no governo dos homens, ſendo muitas as faltas; nenhum ha que as conheça, e confeſſe, nem as pagão, porque ficão ſem caſtigo ordinariamente. Accreſcenta-ſe

S ma-

mais que a pella com os rechaços, e exercicio do jogo perde o vento, desincha, e fica mole, e branda. Os soberbos, e presumptuosos do mundo nunca desinchão, nunca se abrandão, antes cada vez se inchão, e endurecem mais com o vento da vaidade, e soberba, como diz o Real Profeta no Psal. 73. *Superbia eorum ascendit semper.* Arrebentarão estes, mas desinchar, e abrandar isso não. Dizemos, e moralizamos mais, que neste jogo da pella, quando se joga as chaças, (são chaças huns finaes, com que se apontão as pellas mal jogadas, e por cada huma se perdem quinze pontos, ou riscos) tanto que a mão chega a perder duas, logo perde o melhor lugar, e o ganhão os contrarios, e se passão para sima, e elle vai para baixo.

Esta regra, esta ordem, e esta justiça não ha no governo do mundo, no qual se vê que por mais chaças, que hum official faça no seu officio, nunca o perde, nem desmerece por isso, usando-se o contrario no jogo da pella. A razão he, porque as chaças da pella resultão de jogar mal, e de perder; e as chaças, que se fazem na administração

mi-

miniſtração dos cargos, e dos officios, procedem de tomar o alheio, e de ganhar. *E quem neſte mundo procede perdendo, nunca ganha; e quem vive ganhando, nunca perde.* Perdeis o lugar na pella, porque chaçais perdendo. Não perdeis o officio, e o poſto, porque chaçais ganhando.

Mais. No jogo pequeno (que em Francez ſe diz Trinquete) ha hum lugar, que ſe chama Cadóz, que fica entre o canto, e a eſcada; e as pellas, que o contrario mette neſte cadóz, tirão-ſe com grandiſſima difficuldade, e ordinariamente ſe perdem, e ſó os grandes jogadores as tirão, e ganhão: de ſorte, que ſe ſois bom jogador, tiraisvos do cadóz, em que o contrario vos metteo. Não aſſim no jogo do mundo. Se vos lanção em hum cadóz, privando-vos, e apeando-vos do lugar, do officio, e do poſto (effeitos da cubiça, e ambição do inimigo, que quer, e appetece o lugar, que tendes) deſte cadóz, nem vos podeis tirar, nem ha parente, nem amigo, que vos dê a mão para vos tirar, e livrar. Aſſim o moraliza o diſcreto Sá.

Ora direite aſſim,
Quem diz o que vio, não mente.
Guarte de cabir aqui,
Que verás paſſar por ti
O amigo, e o parente.
Nunca ouvi hum rifão,
Mais ſabido, e mais uſado;
Que darem todos de mão,
Se jaz o carro entornado;
Os que vem, e os que vão.

Sede embora bom homem, virtuoſo, e de procedimentos honrados, que ſe o inimigo invejoſo deſeja, e quer o officio, que tendes, havo-lo de tirar, e tomar, e haveis de ficar ſempre no cadóz.

Compara-ſe ao jogo do trunfo.

Os terceiros affirmão, que o governo dos homens he mui parecido ao jogo do trunfo, no qual ha trunfos maiores, e menores, como são Reis, Sotas, Condes, Azes, e outros trunfos inferiores, que ſignificão os differentes eſtados do mundo. E tambem porque neſte jogo ha invites falſos,

ſos, e fingidos. Aſſim neſte mundo tudo são tramoias, e enganos.

Não provão eſtes Politicos mal a ſua ſemelhança, e comparação; porém não concluem, porque neſte jogo ha trunfos maiores, e menores, e no governo deſte mundo todos querem ſer grandes, todos querem ſer iguaes, e todos querem ſer tão bons huns, como os outros: ſendo aſſim, que *Stella differt ab ſtella*. Entre as nobres eſtrellas dos Ceos ha maiores, e menores. O hypocrita quer igualar-ſe ao virtuoſo. O idiota ao Letrado. O vilão ao nobre. O eſcudeiro ao Fidalgo. O fraco ao valente. E o neſcio ao prudente.

Accreſcentamos mais, que neſte jogo do trunfo todos os metaes humas vezes valem, e outras não, porque ſe regula o valor pela carta, que ſe levanta, e deſcobre; de ſorte, que ſe levantaſtes páos, valem páos; ſe levantaſtes eſpadas, valem eſpadas; ſe ouros, ouros correm, e valem; e ſe copas, copas são trunfos. Significão as eſpadas a juſtiça, e o valor. Os páos repreſentão a prudencia, e o governo. As copas deno-

notão o gosto, e o appetite. Os outros figurão a cubiça. E todos estes metaes tem sua hora, e sua mão de valer, e poder neste jogo.

Mas no governo do mundo nem todos os metaes valem, porque só dous tem todo o valor, e são os que correm, e podem. Estes são ouros, e os gostos, e appetites, denotados pelas copas. Não val a justiça, nem o valor, nem a prudencia, nem o juizo, o que só monta, e val he ouro, gosto, e appetite. Mal se accommoda logo o governo dos homens ao jogo do trunfo.

Compara-se ao jogo do enxadrez.

Os ultimos comparão o governo dos homens ao jogo do enxadrez, e com grande fundamento, porque nelle ha Rei, Dama, Delfins, e Roques, que significão os Grandes, e Senhores. E tambem ha cavallos, e peões. Esta differença de peças comprehende toda a sorte de gente de hum Reino, e de huma Republica. Accrescenta-se mais em favor da comparação, que nes-

neste jogo tudo são enganos, ardiz, e traças. E os peões (que significão os plebeos) sobem, e crescem, e vem muitas vezes a ser Damas. E sem embargo destes apparentes fundamentos, a comparação não he propria, porque talvez hum pião descompõe o Rei com hum xaque; outra toma, e cativa as peças Reaes. E sobre tudo o que mais reprova esta comparação he, que no banco dos Grandes; com os Principes, e Senhores, significados pelos Delfins, e Roques, tem tambem seu assento os cavallos, o que na verdade he deformidade grande, por serem animaes de especie tão diversa. Esta falta não vemos no governo do mundo, porque os Grandes delle são pessoas tão perfeitas, e cabaes, como se vê, experimenta, e conhece.

CAPITULO XXIII.

Dilata-ſe a materia precedente, e moſtra o Author ſeu parecer ſobre a ſemelhança do governo dos homens.

DEixadas as demais comparações, e opiniões, parece razão que moſtremos, e declaremos a noſſa. O noſſo parecer, e ſentença he, que o governo dos homens he parecido mais que tudo ao jogo de toque-emboque, e a nenhum mais que a eſte. Para prova deſte noſſo juizo he neceſſario eſpertar a memoria, e avivar a lembrança nas meninices dos primeiros annos. Neſte jogo ſe joga de duas maneiras. Huma vez de bola corrida, e outra de faianca. Em ambos eſtes dous modos de jogar ſe achão trez faltas mais continuas, mais ordinarias, mais danoſas, e mais prejudiciaes entre os homens. Eſtas são furtar, vingar, e enganar. O furtar he tão ordinario, que diſſe lá o Poeta no 1. liv. dos Faſtos:

Vivitur ex rapto, non hoſpes ab hoſpite tutus.

Fur-

Furta muita gente, assim de loge, como de sobrado, e de poucos se póde fazer confiança, porque ha homens de mãos muito pegadiças. O vingar he tão corrente, e ordinario entre os homens, que diz Juvenal, que fazem della maior estimação, e honra, que da propria vida:

At vindicta bonum, vita jucundius ipsa.

O enganar, o fingir, e o mentir tem hoje o imperio do mundo, e o mando delle, como diz discretamente Petrarca no livro de *Remediis* Dialogo 62. *Fides exulat, regnat fraus.* Anda desterrada a fé, e a verdade, manda, e governa o engano, o fingimento, e a mentira.

Não nos falta Bandarra em acompanhar este nosso pensamento, sentindo estes trez grandes males em seus vaticinios. O furtar mostra no num. 8.

Veloeis aporfiar
Sobre hum pobre seitil,
E raparvos por hum mil,
Se volos podem rapar.

As vinganças lamenta grandemente no numer. 142.

Vejo o mundo em grão perigo,
Vejo gentes contra gentes,
Já a terra não dá sementes,
Senão favacas por trigo.

Os enganos, as falsidades, os dolos, e as mentiras, vicios mortaes, e capitaes, e tão prejudiciaes aos homens, sente no num. 143.

Já não ha nenhum amigo,
Nenhum tem o ventre são,
Somos já vento soão,
Que não tem nenhum abrigo.

Estes trez males tão nocivos se conhecem claramente no jogo de toqueemboque. Quem alimpou nunca a sua bola, que não furtasse dous palmos? Que cousa he andarem as bolas aos topes, dando humas nas outras, mais que huma viva representação da vingança de hum homem contra outro, maltratando-se, e offendendo-se cruelmente huns aos outros? Por isso disse o elegante Petrarca no Dialogo 32. esta verdadeira sen-

ſentença : *Homo hominem premit*. Faz hum homem honra de ſe vingar, e offender a outro, ſendo que a verdadeira fidalguia conſiſte em perdoar, e ſoffrer. Ninguem he tão nobre como Deos, nem tem natureza tão fidalga; e o de que faz maior honra, he de nos perdoar, e mais perdoar.

Falta-nos accommodar, e apropriar a terceira falta do engano, dolo, e falſidade. Eſte ſe conhece patentemente no modo de jogar da faianca. O jogador da faianca ſempre anda com a bola no ar, e na palheta, fazendo mil invenções, e floreios para enganar o parceiro. Aſſenta a bola onde quer, põe-na nas bocas do aro, faz que as erra, eſperando hum cabe para ganhar dous riſcos, colhendo o parceiro em deſcuberto. Outras vezes põe-ſe detrás de bocas, outras faz que lhe cahe a bola junto á ré, para que o outro lhe atire hum cabe, e errando, lhe apare huma ré, com que fique ganhando.

O que joga a bola corrida lança-a com a mão, e cahe aonde acerta; e ſe alguma vez ganha, as mais perde. O da faianca

põe a bola onde quer feguramente. Tudo são tramoias, e enganos, com que ordinariamente ganha. Ultimamente o da bola corrida toma a bola com a mão, e o da faianca com a palheta, com tanta velocidade, e deftreza, que leva com a bola muita terra na palheta: dá paffos de gigante, e efperando boa occafião, fempre ganha, e fegura o feu partido.

Parece-nos que baftantemente temos moftrado como nefte jogo do toqueemboque são mais certos, e infalliveis os trez vicios, e deformidades, mais correntes, e ordinarios no mundo, que são furtos, vinganças, e enganos. Se os Officides, e os Miniftros são de bola corrida, ferá o governo menos máo, e muito foffrivel; porém fe forem jogadores de faianca, ha de fer o governo muito ruim, e trabalhofo; porque como eftes jogão com tantas traças, manhas, e cautellas, e efperão occafião opportuna, levão couro, e cabello. Tudo querem para fi, entregão-fe do que podem, são muitos os furtos, muitas as vinganças, e mais os enganos, e tramoias, com que en-

ga-

ganão os pertendentes. E o que mais he para ſentir, (e o mais prejudicial, e danoſo) he, ſe enganarem o meſmo Principe, occultando-lhe as verdades, dourando, e córando as mentiras, e enganos com apparencias de bem. Aſſim o affirma aquelle grande cortezão Franciſco de Sá na carta, que eſcreve a ElRei, na qual lhe diz o ſeguinte:

Quem graça ante o Rei alcança,
E hi falla o que não deve,
(Mal grande da má privança)
Peçonha na fonte lança,
De que toda a terra bebe.
E por muito que os Reis olhem,
Vão por fóra mil inchaços,
Que ante vós, Senhor, ſe encolhem,
De huns Gigantes de cem braços,
Com que dão, e com que tolhem.

Comprovado largamente fica o intento deſte capitulo, de que as faltas, e defeitos do governo não naſcem do Principe, ſenão dos Officiaes, e Miniſtros, que talvez errão ou por deſcuido, ou por malicia. Mais

ex-

exemplares puderamos referir nesta materia; mas ella he tão trevial, e sabida, que não necessita delles. Devem os Ministros em consciencia fallar sempre verdade ao Rei, e advertillo repetidamente de todas aquellas cousas, que são precisas, e necessarias para a conservação, e segurança da Coroa: entre as quaes todo este Reino vê, e conhece (que as mais importantes, e de maior necessidade) são grandes forças maritimas, como largamente provão os seguintes capitulos, em que mostramos as grandes Armadas, que tiverão os Senhores Reis Portuguezes, conhecendo com evidencia ser esta a principal fortificação de huma Monarquia, e a de maior importancia, conveniencia, necessidade, e utilidade.

CAPITULO XXIIII.

Illustra-se a materia precedente com algumas advertencias sobre a obrigação dos Ministros.

E Posto que alguem diga, que muitos Ministros podem ter desculpa, quando em

em todas as materias não posſão fazer advertencias ao Principe na occaſião, que importa, porque he neceſſario para fallar a propoſito nos caſos, e accidentes, aſſim na guerra, como na paz, ter huma geral noticia, e huma comprehensão larga de todos elles, e ſem eſta mal poderá o Miniſtro, que nunca vio guerra, nem a tratou, conſultar os meios proporcionados para noſſa defensão, e não conhecendo eſtes, por falta de experiencia, parece que deſculpado fica, quando não advirta ao Principe nas occaſiões aquillo, que mais importa, e convem.

Além do que a inconſtancia do mundo produz cada dia tanta variedade, e differença no que toca a ſeu governo, e direcção, que o que hontem ſe praticava por conveniente, (como as circumſtancias ſe mudão, e varião com facilidade) póde ſer hoje erro grande, e danoſo, o que antes era acerto conhecido. Bem conhecêrão eſta verdade alguns grandes Miniſtros Portuguezes, e particularmente aquelle grande Governador Martim Affonſo de Souſa. A

efte, vindo da India, fez ElRei Confelheiro de Eftado; (com mais de feffenta annos de idade, e mais de quarenta de experiencia) e continuando hum anno inteiro, e votando nas materias da India com grande acerto, quando entrou no fegundo anno efcufou-fe da affiftencia, dizendo, que já não fabia nada daquelle Eftado, por quanto as coufas delle cada hora fe mudavão, e erão outras.

Grande foi a modeftia defte Fidalgo, e grande a fua prudencia, e madureza. Bem póde fer que haja agora mais de dous pares, que a reprovem, e condenem, e que fem verem nunca India, mais que pintada, que fe offereção a tratar com grande efficacia de fuas melhoras. Nem efta prefumpção indifcreta he impoffivel; porque alguns conhecemos nós, que fem mais cabedal, que ler mal, e efcrever peior, refolvem as mais graves queftões da Theologia efpeculativa. E fe quem fem fer Icaro, e fem faber voa por effes Ceos com a imaginação indouta, que muito que com ella fe entregue aos mares, levando com o penfamento me-

di-

dicamentos ao Estado da India tão enfermo.

Com tudo não recebemos, nem admittimos a desculpa allegada em favor do Ministro, que tem por obrigação dar conselho ao Principe, e ao Rei sobre as cousas politicas, pertencentes á conservação, e augmento do Reino, assim no tempo da paz, como no da guerra. Porque posto que não tenha as noticias bastantes, tem a obrigação de as procurar saber com grande cuidado, e applicação. Grandes homens consultárão com os expertos a resolução que devião seguir. O grande Apelles punha á porta da sua tenda os quadros, que pintava para compôr suas faltas, pelo que ouvia aos que os vião. Se o Rei, que he Senhor soberano, pede conselho a seus vassallos para acertar nas materias; o Conselheiro, que não sabe de guerra, porque se não aconselhará com o soldado experimentado, para dar ao Principe hum conselho muito ajustado, e prudente, conforme os casos, que se propõem, e offerecem? Fallar nas materias informado, he prudencia: tratallas sem noticia, he igno-

norancia. Santo, ſabio, e valeroſo Capitão era Moyſés, e de muitos annos, e experiencia, e tinha ſetenta Conſelheiros, com quem conſultava os accidentes da paz, e da guerra. Conſta dos Numeros cap. 11.

CAPITULO XXV.

Da tenção, que ha de ter o Miniſtro em ſe aconſelhar, e dar conſelho, e com quem o deve tomar nas materias tocantes ao bem do Reino.

DIz o antigo proverbio Portuguez: *Partir de caſa he a maior jornada.* Com vagar ſe embarca, diz outro, quem tem que fazer em terra. Promettido tinhamos de eſte ſer o primeiro Capitulo, em que deſſemos a primeira moſtra das noſſas Armadas Portuguezas; mas como ſobre a continuação, e conſervação dellas ſe tocárão alguns particulares de grande importancia, parece conveniente, que antes que nós embarquemos, deixemos tudo tão compoſto, e ordenado, que nos não vá inquietando o cuida-

dado daquillo, que mais deviamos obrar, e fazer. E como esta nova resolução de forças maritimas (que com o favor Divino esperamos ver) depende do voto dos Ministros, que nos governão, e entre elles poderá haver algum, sem as noticias necessarias, (ao qual deixamos persuadido, que para votar em materias semelhantes, he acção necessaria, e prudente tomar parecer dos expertos) falta-nos dizer a tenção, que deve ter, e com quem se ha de aconselhar, para que logre bons acertos, e suas resoluções fiquem bem vistas, e avaliadas.

O intento, que hum Ministro deve ter, e a tenção, que o ha de guiar, quando pede conselho a outrem sobre difficuldades alheias da sua profissão, ha de ser esta. Deve levar por norte, e guia o serviço de Deos, e do Rei, e o bem público, e commum, e votar nas materias com animo singelo, e liso, sem intento de contradizer, e encontrar, porque quem segue outro rumo, raramente acerta; e quem quer acertar, poucas vezes errou. Favorece Deos as boas tenções, e a malicia sempre dá na cabeça a seu dono.

Excellente copia; e delicada pintura nos offerece o Divino Texto aos quatro capitulos do Apocalypse, e livro das Celestiaes Revelações, que teve o Sagrado Apostolo, e Euangelista S. João. Vio o Ceo aberto, e a Deos assentado em hum throno de grande magestade, e á sua vista vinte e quatro cadeiras, e assentos, em que estavão vinte e quatro velhos vestidos de branco com coroas Reaes nas cabeças. Assim dizem as palavras: *Et in circuitu sedis sedilia vigintiquatuor, & super thronos, vigintiquatuor seniores sedentes, circumamicti vestimentis albis, & in capitibus eorum coronæ aureæ.* Varias exposições, e declarações dão os Santos Padres a esta famosa visão. A que nos serve ao intento he de Hugo Cardeal, e de Nicoláo de Lyra: Estes vinte e quatro velhos representavão os doze Profetas, e os doze Apostolos, que forão os Ministros de Deos. Os Profetas no tempo da Lei antiga; os Apostolos na Lei nova, e da Graça: *Per seniores signantur duodecim Prophetæ, & duodecim Apostoli Ministri Dei.*

Declaremos agora as circumstancias des-

ta visão. Aquelle era o Conselho de Estado de Deos, em ordem ao governo do mundo, que os Profetas, e Apostolos convertêrão, e governárão. Nestes vemos vinte e quatro velhos vestidos de branco com coroas de ouro todos nas cabeças. Estes são os Senadores daquelle Real Conselho. Erão estes velhos, qualidade necessaria nos Conselheiros, e Ministros, que governão. Estavão vestidos de branco, significando que seus corações estavão cheios de candidez, e pureza; e que naquelles conselhos não havia brigas, nem contradições, nem porfias, mas tudo era paz, conformidade, e acertos. Estavão estes Conselheiros, e Ministros com Reaes coroas nas cabeças, porque todos erão Reis. E tambem para nos dar a entender, que quando hum Conselheiro for tomar, ou dar conselho para bem do Reino, ha cada hum de cuidar que he Rei. Queremos dizer: Que assim se ha de applicar ao dar, ou tomar o conselho para o bem da Monarquia, (que não alcança por ventura) como se elle fora o Rei, e só a elle lhe pertencêra o cuidado do bem dos vassallos.

Nas

Nas materias de importancia, e pezo, se o Ministro, e Conselheiro para as dispôr, e lhes receitar os remedios convenientes se achar falto de noticias, (que ninguem neste mundo soube tudo) busque pessoa capaz com quem se aconselhe, para depois na presença do Principe votar a proposito, e votar como homem discreto, e prudente; levando porém no animo, e na cabeça o bem do Rei, e do Reino, e nunca o respeito particular. Não se aconselhe para mostrar habilidade contradizendo, senão madureza para discursar acertando. E nesta fórma receberá bom conselho, e depois dallo-ha melhor, e com mais feliz successo.

Temos mostrado a tenção, com que se ha de pedir o conselho: vejamos agora a quem se deve pedir. Esta difficuldade he a maior, que neste particular póde haver, que he acertar na eleição do Conselheiro, com quem tomeis o vosso parecer naquellas materias, que necessitão de conselho. O Espirito Santo pela boca do Ecclesiastico cap. 6. nos faz esta eleição tão difficil, e trabalho-

lhoſa, que rompe neſtas palavras: *Multi pacifici ſint tibi, & conſiliarius ſit tibi unus de mille.* Quer dizer: Tendes muitos amigos, mas Conſelheiros ſeja hum de mil, de ſorte, que entre mil ha o Miniſtro de buſcar hum Conſelheiro. E aſſim importa, como diz o Biſpo Janſenio; porque huns deſcobrem o conſelho, e ſe vão gabar que vos aconſelhárão; outros não tem a prudencia neceſſaria para aconſelhar: *Pauci ſunt fidi, & pauci prudentes.* Menos mal he que o Miniſtro venda o conſelho alheio por ſeu, (como muitos fazem) que errar na eleição de Conſulente; porque ou periga o ſegredo, ou ſe erra na eleição do conſelho, eſcolhendo-ſe arbitrios diſparatados.

O prudente, e ſabio Emperador Alexandre Severo o eſtylo, que obſervava neſta materia, era conſultar as que ſe offerecião com os homens, que profeſſavão ſciencia, e experiencia daquelle caſo, que ſe conſultava, e propunha. Para as difficuldades da juſtiça aconſelhava-ſe com os Juriſtas doutos; nas da guerra com os ſoldados de experiencia; ſobre a novidade dos coſtu-

tumes com os velhos de ſaber, e verſados nas antiguidades, e hiſtorias. Aſſim eſcreve Elio na vida deſte diſcreto Principe: *Si de jure tractaretur, ſolos doctos in consilium adhibebat: ſi verò de re militari, milites veteres, & ſenes, & benemeritos, & locorum peritos, qui hiſtoriam calebant.* Dictame acertado ſeguia eſte Monarca, conſultando a cada hum na ſua faculdade, e ſciencia. E couſa vã, e imprudente he aconſelhar com o Letrado nas couſas da guerra, e com o ſoldado nas materias da juſtiça, e com os leigos nas duvidas Eccleſiaſticas; e aſſim pelo contrario. Aſſim o eſcrevia a Auguſto Ceſar Horacio no liv. 2.

Promittunt medici, tractant fabrilia fabri.

Muitos promettem o que não podem dar, cada official trate ſó da ſua arte, e do ſeu officio, que ſó nelle tem voto, e parecer. E ſe neſſe muitas vezes errão, como acertarão nos outros, que não profeſsão? Antigo, e diſcreto he o proverbio, que diz: *Non ſutor ultra crepidam*, que refere Plinio no livro 15. da natural Hiſtoria, e foi ſen-

ten-

tença do famoso Filosofo Grego Aristofanes. Quer dizer: O çapateiro não se metta em mais, que nas suas chinellas, ou pantufos. Allude este proverbio á historia vulgar, que aconteceo ao famoso pintor Apelles com o çapateiro, que notando com razão a falta de huma sua pintura no calçado, vendo-a emendada, quiz emendar mais, e metter-se nas outras artes, e officios, que não sabia. Concluimos destes antecedentes, que o Ministro ha de pedir conselho nas materias de que duvída, por falta de noticias, a cada hum em sua sciencia, officio, faculdade, e arte.

Falta-nos examinar se para dar conselho acertado nos accidentes, que occorrem, basta só a sciencia, e letras do Consulente; ou se tambem são necessarios annos, e longa idade? Grande, e não pequena difficuldade tem esta questão, e este ponto. Antes de a resolvermos, queremos referir huma galanteria daquelle grande, insigne, e discreto Prégador o Padre Presentado Fr. Christovão Carvão, da Sagrada Ordem dos Prégadores. Prégava elle em S. Domingos

desta Corte a primeira Dominga da Quaresma, e perguntava que idade representaria o demonio, quando foi a tentar a Christo no deserto? Respondeo assim: Eu me persuado que devia de representar mais de quarenta annos; porque se apparecêra em figura de moço, arriscava-se a lhe dizerem: Andai, que não tendes barbas para dar conselho. Se se mostrára muito velho, podia-se-lhe dizer: Sois já tonto, e destampado para aconselhares a outrem, quando já vos não sabeis governar a vós. Desta discreta resolução parece que para dar conselho nem haveis de ser muito moço, nem muito velho. E com grande fundamento; porque os moços são muito verdes, e os de muitos annos são mais que maduros. Na pouca idade falta a madureza, a experiencia, e a pratica; e na muita falta a memoria, a liberdade, e a confiança. São os muito velhos mui dependentes, e respeitivos, medrosos, e amigos de comprazer a ambas as partes.

CA-

CAPITULO XXVI.

Dos annos, e mais qualidades necessarias para o bom Conselheiro.

O Nosso parecer he, que para dar conselho como convem, importa que haja annos, e idade, e que huma pessoa comece a envelhecer, e a se contar entre os velhos. Com estes assentamos, e predicamentamos aquelles, que chegão á idade de homem perfeito, que he a dos trinta e sinco annos para os quarenta. Seis são as idades do homem. A primeira he a infancia. A segunda he a puericia, e de menino. A terceira he a de mancebo. A quarta he a de homem, e varão perfeito. A quinta he a de velho. A sexta he a decrepita. A primeira idade dura do nascimento até os quatorze annos. A segunda dos quatorze até os vinte e sinco. A terceira dos vinte e sinco até os trinta e sinco. A quarta dos trinta e sinco até os sincoenta. A quinta dos sincoenta até os setenta. A sexta dos setenta até o fim da vida.

Nas duas idades de varão perfeito, e de velho, que são quarta, e quinta, está o homem capaz, e maduro para dar conselho com todas as noticias bastantes, e comprehensão das sciencias. E ainda que na idade viril não appareção as brancas, (que se anticipão em outros) com tudo o assento, e a madureza, as mesmas qualidades corporaes (que são fria, e seca) compõem o sogeito, de tal sorte, que fica reportado grave, e constante, apto, e conveniente para o governo, e conselho. Assim o affirmão os Filosofos, e aquelles, que escrevem da composição do corpo humano, como Cortez cap. 4. e outros muitos.

Consiste a madurez, e a velhice não nos cabellos brancos, (que muitos ha alvos como a neve, e mais verdoengos que pepinos de S. Gregorio) senão nos sentidos maduros, assentados, e quietos. Assim o diz o Espirito Santo por estas palavras no cap. 4. da Sapiencia: *Senectus venerabilis, non est diuturna, neque annorum numero computata. Cani enim sunt sensus hominis, & aetas senectutis, vita immaculata.* Quer dizer: Não

con-

consiste a veneranda velhice em grande numero de annos, senão nos sentidos, e potencias da alma serem graves, compostas, e ordenadas. E tambem a vida exemplar, e reformada faz a melhor velhice, e mais grave, e reportada.

Levado deste pensamento o Padre Santo Ambrosio no livro 2. de Abrahão cap. 6. diz, que bem envelhece aquelle, que bem sente, e procede: *Ille ergo bene senescit, qui bene sentit.* Annos com prudencia fazem a verdadeira velhice, a qual se ha de preferir, e antepôr á copia excessiva, e loquacidade indiscreta dos mancebos; e a lenta, e pausada consulta, e deliberação á precipitada, e fogosa determinação da mocidade. Assim o aconselha o Padre S. Gregorio Nazianzeno no seu Apologetico: *Senectus, cùm prudentia conjuncta, imperitæ juventuti anteponenda est, & consulta traditas, inconsultæ temeritati.* He regularmente fallando o verdor dos annos huma viva loucura, e a ansianidade, e velhice a mesma prudencia, e capacidade.

Huma discreta resposta a este intento re-

refere Petrarca no livro 2 de *Remediis* Dialogo 83. Conheceo hum homem a outro, que estando absente muitos annos, quando tornou á terra, o que nella ficou, vendo-o que vinha já branco, lhe disse: *Amigo, pezame de vos ver tão velho; e quanto dera eu por vos ver naquella idade, e disposição, em que vós fostes deste lugar?* Respondeo-lhe o outro discretamente: *Amigo, porque vós não pareço já tão louco, desejais tornar-me aos annos da mocidade, e loucura? Não vos peze por me verdes velho, mas compadecei-vos de mim, porque fui moço.* Refiramos as palavras Latinas, para que os discretos as moralizem a seu gosto, que tem muito que moralizar: *Compatior tibi, nam ut video, jam senescis. Esses utinam qualis eras, quandò te primum novi. Subitò alter respondit: Parumne tibi ergo amens videor, nisi ampliorem mihi nunc etiam amentiam impreceris? Noli quæso, mihi compati, quòd sim senex; sed compatere, quòd juvenis fui.* Excellentes palavras, e excellente sentença!

Sobre a qualidade dos annos, e madureza, que ha de ter aquelle, que ha de a-

con-

conſelhar a outrem, he neceſſario preciſamente o procedimento da vida, o exemplo, e a virtude, e ſer timorato; por duas razões. A primeira, porque gente de conſciencia larga ajuſta-ſe pouco nos conſelhos com a razão, e com o Direito. A ſegunda, porque não lhe aſſiſte Deos, como he neceſſario, para os acertos nas materias de importancia, diz o Eſpirito Santo na Sapiencia cap. 1. *In malevolam animam non introibit ſapientia; nec habitabit in corpore ſubdito peccatis.* Quer dizer: A ſabedoria Divina não entra na alma ruim, e mal affecta, e inchada; nem tambem fará ſua habitação, e morada no corpo ſujeito, e cativo dos peccados. E nos Proverbios cap. 11. diz Deos, que os penſamentos dos juſtos, e virtuoſos são humas ſentenças rectas, e juſtificadas, e os conſelhos dos peccadores são enganoſos, e fraudulentos: *Cogitationes juſtorum judicia, & conſilia impiorum fraudulenta.* Guarda, de para o bem, pedir conſelho, e parecer ao homem, e ao Letrado, que vive mal.

O Padre Santo Ambroſio nos perſuade,

de, e encarece grandemente, que tomemos conſelho com os Letrados virtuoſos, e não com os deſcuidados. Aſſim eſcreve no livro 2. de *Benedictionibus* : *Talis debet eſſe, qui conſilium alteri dat, ut ſe ipſum formam aliis prebeat, ad exemplum bonorum operum, in doctrinæ, in integritate, in gravitate, ut ſit ejus ſermo ſalubris, atque irreprehenſibilis, conſilium utile, vita honeſta, ſententia decora.* Não póde haver melhor diſcrição, nem melhor copia, e figura de hum bom, e perfeito Conſelheiro, que eſta, que nos enſina, e offerece o Padre Santo Ambroſio; e para que todos ſaibão as condições de quem houver de aconſelhar a outrem, as queremos traduzir em vulgar. Aſſim diz eſte Santo, e doutiſſimo Padre: *Deve ſer tal o Conſelheiro, que dá conſelho a outrem, que lho pede, que primeiro lhe dê, e communique hum grande exemplo de virtude, e boas obras. Ha depois de ſer homem de letras conhecidas, e não como alguns, que não ſabeis ſe eſtudárão. Ha de ſer de valor, e animo inteiro, e não como outros, que cozem a dous cabos, e huma vez ſe inclinão para aqui, e outra para alli. Ha*

de

de ser grave, e pezado, e não homem, que faz profissão de andar sempre na rua. A sua pratica, e conversação ha de ser que edifique, e não que escandalize, e de todo o modo alheia de reprehensão. E será o conselho bom, a vida reformada, e o parecer, e a resolução clara, e formosa.

Ultimamente ha o que dá conselho de ter grandissimo segredo, porque sem elle tudo se arrisca. A importancia delle quizerão mostrar os Romanos, que tinhão o Templo dos Conselhos debaixo da terra, como refere Cœlio Rodigino livro 6. Outros querem que o coração humano he symbolo do conselho, o qual nunca se vê, nem póde ver. Com estas condições o Ministro falto de noticias peça a taes pessoas conselho, nem se affronte de o pedir, pois o Espirito Santo nos ensina, que sem conselho nunca obremos nada: *Fili, sine consilio nihil facias, & post factum non pœnitebis*, cap. 32. do Ecclesiastico. E com elle conhecêrão os que governão aquillo, que mais nos importa. E com isto embarquemo-nos nas nossas Armadas, que já levão ferro, e dão á véla: e

 quei-

queira Deos que ſeja tão feliz a viagem da noſſa penna, como forão aquellas de tantos vaſos.

CAPITULO XXVII.

Do cuidado grande, que os Senhores Reis de Portugal tiverão ſempre de poderoſas Armadas para conſervação, e augmento deſta Monarquia.

QUem com advertencia paſſar as Chronicas, e Hiſtorias de Portugal dos primeiros Reis, que governárão eſta Monarquia, (aſſim Luſitanos, como Suevos, depois da vinda dos Godos a Heſpanha) achará que ſempre eſtes Principes tiverão grandes Armadas, ſegundo naquelles primeiros tempos ſe permittia, como ſe póde ver na Monarquia Luſitana, eſcrita pelo Padre Fr. Bernardo de Brito, Mariz, Faria, e outros, que com tanto cuidado, e verdade eſcrevêrão os ſucceſſos de Portugal. Conhecêrão ſempre eſtes Principes por maxima evidente, e neceſſaria, ſerem neceſſarias grandes

des forças no mar, aſſim para conſervação do conquiſtado, e adquirido, como para eſtender o dominio, e o Imperio Portuguez. A preciſa neceſſidade dellas ſe comprova, e conhece ſer neceſſaria, e importante; porque todas as vezes que houve nellas deſcuido, padeceo não ſó Portugal, mas toda Heſpanha trabalhos, afflicções, e miſerias.

A infeliz perda, e lamentavel ruina de ElRei D. Rodrigo teve por occaſião, e cauſa não haver em Caſtella Armadas fortes, e grandes; que ſe eſtas não faltárão, facilmente impedírão o paſſo aos innumeraveis Barbaros, que Miramolim Almançor, Rei de Africa, e que primeiro o fora das Arabias, fez navegar o Eſtreito com infinitas, e diverſas embarcações. E deſembarcando em terra, ſe fizerão tyrannicos, e violentos Senhores de Heſpanha, que dominárão mais de oitocentos annos, tratando aos Chriſtãos com tanta crueldade, e inſolencia, que experimentárão a mais apertada, e dura ſervidão, que do principio do mundo até o preſente ſe ſabe, e ſe conhece. Entregárão-ſe os Mouros tanto da terra, e ſenhoreárão-

na com tanta vontade, e emprego; que para os lançar fóra della, como possuidores injustos, (posto que executores do castigo Divino, provocado dos peccados graves da Christandade) foi necessario que os Hespanhoes triunfassem delles á custa de tanto sangue em mais de sinco mil batalhas. Foi esta lamentavel destruição principiada em hum Domingo, como dizem huns, ou sabbado, como querem outros, dia primeiro de Setembro de setecentos e quatorze, como affirma Illescas na 1. Part. livro 4. Faria Part. 2. cap. 7. Mariz Dialogo 2. cap. 2. e todos os mais Escritores.

Affirmão outros com alguns dos referidos, que se ElRei D. Rodrigo tivera huma grossa Armada, com que resistir aos fracos baixeis dos Mouros, (ainda que forão muitos, e capazes, em que por diversas vezes passárão mais de trezentos mil infieis de pé, e quasi cem mil de cavallo, como affirma Castilho no livro 2. discurso 12.) que sem falta as derrotára, e destruíra, ou pelo menos rechaçára, e fizera voltar frustrados ás praias Africanas, donde alentados, e or-

gu-

gulhoſos haviaõ ſahido. Mas como faltava eſte poder, tiveraõ o mar livre, e deſimpedido, e franca a paſſagem a Heſpanha. Aſſim o eſcrevem, e certificaõ os Eſcritores, e com maior particularidade Abulcaim Tarif, de naçaõ Arabe, Eſcritor deſta conquiſta no liv. 1. da 1. Part. da Conquiſta de Heſpanha do cap. 5. por diante, traduzida do Arabigo em Caſtelhano por Miguel de Luna.

Outro igual ſucceſſo experimentou o noſſo glorioſo, e Santo Rei D. Affonſo Henriques, que occupado na guerra do Certaõ com os Mouros, ſe divertio de pôr forças no mar. Com eſta falta ſe atreveo Miramolim á inſtancia de ElRei de Badajoz, Abel Aben, ou Buſquez, a entrar pela barra de Lisboa com huma grandiſſima frota, que levou a Santarem, onde poz apertado cerco ao Principe D. Sancho I. a quem veio deſcercar ſeu Pai o Santo Rei D. Affonſo Henriques; alcançando huma inſigne vitoria com morte de huma multidaõ grande de infieis, e barbaros, e do Rei Miramolim. Aſſim eſcrevem Mariz no Dialogo 2. cap. 5. Faria na 3. Part. cap. 3.

He

He a experiencia grande meſtra, e huma mais certa ſciencia. Ficou ElRei D. Sancho I. tão enſinado com eſte aperto, e conflicto, que tanto que tomou poſſe do Reino, por morte de ElRei ſeu Pai, logo povoou o rio de Lisboa com toda a ſorte de fortes baixeis, acompanhados de quarenta galés grandes, e fortes. E com eſta prevenção ficou a barra fechada aos inimigos, que não quizerão intentar ſegunda entrada, receoſos da poderoſa correſpondencia maritima, que havião de achar neſte rio. Aſſim relata Faria na 3. Part. cap. 3.

Seguio o meſmo dictame com grande pontualidade, e diligencia ſeu filho D. Affonſo II. que não contente com os fortes navios, que tinha para ſegurança do Reino, ſe animou a mandar huma frota mui groſſa á conquiſta da Terra Santa. Evidente argumento, de que o celleiro maritimo eſtava tão provido, que tirando delle muitas vélas, não ficavão reſervadas poucas. Faria Part. 3. cap. 4. Aſſim ElRei D. Affonſo III.

ElRei D. Diniz tambem lêo por eſte li-

livro, conhecendo a importancia delle. Estando em Coimbra divertido com os Reaes desposorios, que celebrou a seu filho o Principe D. Affonso com a Princeza Dona Beatriz, filha de ElRei D. Fernando, sem receio de invasão inimiga, se attreveo D. Sancho de Ledesma, hum Grande Senhor de Castella, a aguar as festas, (que nunca aos Castelhanos faltou agua para as de Portugal, não assim os Portuguezes) entrando com huma Armada em Lisboa, e fez preza em alguns navios sem gente. Bem mostrou esta acção ser parto do juizo de hum ingrato (que sempre este he material, e grosseiro) ao mesmo Rei, que fugindo de Castella, o amparou, e recolheo, enchendo-o de favores, e mercês.

Voltou-se o Ledesma logo, ou fugio com a preza morta, e sem alma. Mas o Almirante de Portugal avisado do que passava, em breves horas embarcou a gente com a provisão de bastimentos necessarios, (parece cousa incrivel!) e vitualhas em boas, e reforçadas galés, e lhe foi no alcance; e travando a briga com elle, o rendeo, e trouxe

pre-

prezo, e humilde, aonde havia entrado soberbo, e arrogante. Faria 3. Part. cap. 7.

ElRei D. Affonso IV. excedeo a ElRei D. Diniz seu Pai no valor, nas emprezas, e cuidadoso emprego do augmento dos esquadrões navaes; porque tinha tantos navios grandes, galés, e outras differentes náos, (não só em Lisboa, mas nos outros Portos) que desafiou por seus Embaixadores a ElRei de Castella, D. Affonso Onzeno, com causa muito justificada, como os Chronistas referem. E resoluto de ir ao desafio por mar, fez em breve tempo cubrir todo este rio, com toda a fórma de guerreiras embarcações, com huma nunca vista abundancia de munições, e soldados. Tudo sobejava então, e mais era sem milagre. Quem pudéra resuscitar os Ministros daquelle tempo!

CAPITULO XXVIII.

Particularizão-se mais Senhores Reis, que conservárão grandes Armadas.

EM tempo de ElRei D. Pedro seu filho, se folgárão as Armadas, não faltárão. Tudo descança com a paz, e tudo se altera com a guerra. Dormião estas forças nos dias deste Principe, parece que confiadas em que vigiava a justiça, que nelle foi grande, excellente, e rara. Esta batalhava contra os vicios, com que em quanto viveo sempre andárão enfreados. Tudo refórma o castigo, tudo dana a falta delle.

ElRei D. Fernando, seu legitimo herdeiro, as despertou, quando mandou sessenta vélas de força com gente muito luzida, que assolou a Cidade de Cadis em Andaluzia. Faria Part. 3. cap. 10.

ElRei D. João de boa memoria, filho de D. Pedro, e unico herdeiro, (ainda que bastardo, verdadeiro) teve tão grande poder no mar, que aprestando-se mais de du-

zentas vélas, entre navios grandes, galés fortes, e caravellas bem armadas, temêrão todos os Principes da Europa, e ainda os infieis, não sabendo em qual cahiría raio tão grande. Sempre conservou este poder, com que dilatou o Imperio. Chegou á forte Praça de Ceuta, vio-a, rendeo-a, e ganhou-a. Goes Part. 3. cap. 11.

ElRei D. Duarte herdeiro foi de tão grande potencia, mas não da mesma ventura. Em sinco annos que reinou, os trabalhos, e huma grande, e comprida peste os fez infeliz, mas não descuidado; porque mandou huma luzida, e poderosa frota de mais de cento e quarenta vélas com quatorze mil homens, governados pelos Infantes D. Henrique, e D. Fernando (Santo Martyr, e glorioso) sobre a Cidade de Tangere. Não foi de effeito, porque os Portuguezes fazem mais estima da honra de huma vitoria ganhada á força de braço, que da que se alcança com dadivas, e concertos de proveito. Este segundo he lanço de prudencia; o primeiro he acção mais arrogante que valerosa. Atalhou a morte a este

Prin-

Principe ſegunda jornada a Africa para caſtigo della, e liberdade do Irmão cativo. Ambos os intentos erão neceſſarios, e nobres, e ſem falta ſe conſeguírão com a mais poderoſa Armada de quaſi trezentas vélas, animadas com vinte e quatro mil homens. Aſſim o diſpunha ElRei, mas o Ceo quiz outra couſa. Aſſim Faria, e outros Authores.

ElRei D. Affonſo V. eſtava deſtinado para eſta alta empreza: reforçou as forças maritimas, tanto que a primeira vez cortou as ondas Occeanas, pondo na barra de Tangere huma Armada tão poderoſa, que paſſava de duzentos vaſos fortes, com que ganhou a Praça de Alcacere Seguer, caſtigando com clemencia a grande reſiſtencia dos Mouros. A ſegunda fez oſtentação bizarra do valeroſo braço Portuguez com quaſi quatrocentas embarcações de guerra. Humilhou o mar Athlantico, ganhou Arzila, que lograva a fama de inexpugnavel, e vio rendida Tangere a ſeu poder antes de aſſaltada. Conquiſtou, e rendeo muitas vezes, ſó o nome Portuguez, o que não pu-

dérão outras poderosas Armas. Faria na 3. Part. cap. 13. Vasconcellos, e outros.

ElRei D. João II. achando-se com tanto poder maritimo, não dormio, nem o teve ocioso; porque tirando delle (e pudéra tirar mais) poderosas esquadras, conquistou o grande Reino de Congo, e as almas delle, plantando nellas a Fé de Christo. Ganhou a Cidade de S. Jorge, Emporio, que (por rico, e abundante de ouro) com propriedade se chamou a Mina. Com fortes navios pizou os mares, que lavão a costa Africana, descubrindo o mais famoso Promontorio do mundo, dando-lhe nome do Cabo de Boa Esperança, porque com elle se abrio a porta para a conquista do Oriente, que tanto estendeo a Monarquia Portugueza, augmentando a gloria, o mais rico, e precioso do Universo; hoje menos util, por pouco alentado, ou mais reduzido, porque mal governado. Doe muito o esfolar, a trosquia melhor se soffre. Antigamente crescia a honra, e mingoava a cubiça. Agora trocárão-se as bolas. He grande a sede, e tão hydropica, como a pinta o celebrado Sá:

Pen-

Penſamentos nunca cheios,
Não tem fundo aquelles ſacos.

Moſtrado deixamos, e com certeza, que ſempre os Senhores Reis de Portugal ſe empregárão em ſerem poderoſos no mar, conſeguindo, por conſequencia infallivel, o ſenhorio da terra, como ſe comprova com os exemplares referidos de dez valeroſos Principes Portuguezes, cuja lição contínua, e applicação interrupta não foi outra mais que dominar os mares com fortes, e poderoſas Armadas. Eſtes forão os livros, por que lião, e por que eſtudavão, conhecendo com evidencia que eſtes erão os meios mais neceſſarios, e importantes (e não ha outros) para ſegurar o Reino, entimidar os inimigos, adquirir o reſpeito, e veneração dos Principes eſtranhos, perpetuar as amizades, conſervar as alianças, eſtender o dominio, e dilatar a gloria do nome Portuguez, tão venerado ſempre em toda a parte.

Eſtes mais glorioſos accidentes forão a herança de Portugal, continuada de pais a

fi-

filhos, e de irmãos a irmãos, como moſtra eſte breve epilego, e abbreviada copia, que dilatamos, e eſtendemos a todos os Reis deſte Imperio Luſitano, e Portuguez para mais efficaz conclusão do noſſo aſſumpto, e para que ſe entenda, e conheça que he obrigação neceſſaria, e forçoſa conformarem-ſe os illuſtres deſcendentes com ſeus progenitores glorioſos. E quando eſte motivo não fora o mais apertado, e poderoſo, baſtante he a neceſſidade, e a attenuação preſente para abrir os olhos, e ſeguir aquellas maximas paternas, que nunca ſe compadecêrão com a pouca felicidade, que os noſſos tempos padecem, e experimentão. A virtude da mezinha acreditão os effeitos. O remedio contra os males juſtificão os ſucceſſos. Multipliquemos mais exemplos.

Ambas as fortunas experimentou Eneas valeroſo, e pio, e na adverſa não nega, antes confeſſa as grandes venturas da proſpera, dizendo á Rainha Dido no livro 3. *Fuimus Troes, fuit Illion, & ingens gloria Teuchrorum*: Já fomos Troianos, já houve, e já paſſou aquella nobre, e populoſa Troia.

Já

Já se acabou sua gloria. Já pereceo sua grandeza. Os que hoje vivemos reparamos nas que logrou Portugal em tempo de nossos mais ditosos avós. Não duvidemos dellas, porque não as vimos presentes, pois por fé humana cremos as que esperamos futuras. Ninguem as duvide maiores, pois tantos vaticinios as promettem superiores. Assim o sente Bocarro na Monarquia Oitava 126.

Deixa, que por teu Rei vitorias cantem,
Que de quanto o Sol vê, Neptuno abarca,
Será comtigo universal Monarca.

Felicidades grandes, e glorias sublimadas se promettem a este Reino na geração sextadecima, que á letra se entende por ElRei nosso Senhor D. João IV. a quem os vaticinios, e prognosticos mais verdadeiros attribuem o maior Imperio de todo o Universo. Forão todas as grandezas passadas humas sombras, e huns ensaios das que esperamos presentes. E porque entre ellas o poder tem o primeiro lugar nas Monarquias, recolhamo-nos ao porto, continuando com o que ElRei D. João III. ferio as ondas Occea-

ceanas, Indicas, Athlanticas, Arabicas, e Perſicas.

Tinha ſempre huma Armada viva de vinte navios fortes, que andavão todo o anno á viſta da terra para guarda da coſta. Eſtes ſe repartião neſta fórma. Trez em Caſcaes. Quatro na Atouguia. Quatro em Caminha. Quatro em Lagos. Dous em Villanova. Trez em Ceſimbra. Além deſta Armada havia outra de quatro galeões muito grandes, e poderoſos para correrem continuadamente a coſta deſte Reino mais ao mar, aos quaes, quando era neceſſario, ſe aggregavão os vinte navios referidos. Outra Armada de oito vélas para guardarem a coſta do Reino do Algarve, a quem acompanhavão as quatro, que eſtavão em Lagos.

Eſtas Armadas ſempre andavão no mar de Verão, e Inverno, ſem ſe recolherem a porto algum, ſenão em caſo de neceſſidade. A's Ilhas hia todos os annos em Abril huma Armada de dez navios, em que entravão trez náos grandes, ou galeões, e nellas ſe ajuntavão as frotas da India, Brazil,

Mi-

Mina, S. Thomé, Arguim, Cabo Verde, Guiné, e da Costa de Malagueta, e todas vinhão a esta Cidade acompanhadas, e seguras com esta Armada.

Que acertado fora, e quão necessario he renovar este costume antigo, e seguir estas pizadas, e imitar estes exemplos! que com isso se segurão as frotas, evitão-se maiores despezas, os Direitos Reaes crescem, e não se carregão os tratantes, e cresce o commercio com grandes augmentos. São os estylos de muitos annos comprovados com a larga experiencia. Os alvitres modernos a mesma novidade os condena, (que sempre he suspeitosa, como discretamente diz Quintiliano: *Novum omne semper suspectum est*) e todos produzem partos adulterinos, oppostos, e inimigos do bem público, e utilidade do Reino. Para augmento, e conservação dos Romanos, tanto que o Emperador Augusto Cesar começou a reinar, mandou que tudo se dispuzesse pelos costumes, e estylos estabelecidos, e antigos, diz Dion no liv. 52. Conservar a fórma do governo antigo he conselho acer-

tado : feguir a novidade he impulfo perigofo, porque não ha novidade, que o não feja. Affim o perfuadia o grande Capitão, e Governador Alcibiades aos Lacedemonios.

Afforifmo, e maxima certa he de Quintiliano no livro 3. e de Tacito nos Annaes livro 15. que o Principe deve contradizer, e recufar toda a novidade, não fó nas coufas grandes, mas ainda nas pequenas, crendo, e perfuadindo-fe (fe não for prefumido) que o antigo foi mais acertado, e que as mudanças as mais das vezes são de bem para mal. Alguns exemplares prefentes puderamos referir, mas são patentes, e poucos os ignorão. Lycurgo defterrou de Lacedemonia a Tepandro tangedor infigne de viola de fete cordas, porque lhe accrefcentára huma, e boa. E que fizera fe fora falfa?

Defculpão os inventores fuas novidades, dizendo, que os tempos são outros; o que he engano, porque o mundo fempre he o mefmo, mas os homens são outros. Paffa huma geração, vem outra differente, diz o Efpirito Santo no cap. 1. do Ecclefiaf-

tes;

tes: *Terra autem in æternum ſtat.* Debaixo do Sol nada he novo, tudo he velho; e os antigos já reprovárão as novidades, que a poſteridade abraça, e não conhece. Tudo em nós he experimentar ſem experiencia. Sigamos os coſtumes antigos de Portugal, que eſtes conſervão, e os novos deſtroem. Eſtudemos pàra imitar o antigo, e não para inventar de novo.

CAPITULO XXIX.

Das grandes Armadas, que em tempo do Senhor Rei D. Manoel ſabírão de Lisboa.

BEm conheceo o Senhor Rei D. Manoel, ſempre feliz, o quanto eſte Reino neceſſitava de grandes forças maritimas, aſſim para ſua conſervação, e opulencia, como para adquirir o glorioſo nome de Vencedor Invencivel, e para ſer temido do mundo todo. Os meios, que eſcolheo para eſtes tão grandioſos fins, foi fazer-ſe o mais poderoſo Monarca no mar com fortes, e duras Armadas, que de Lisboa ſahião tão conti-

nuadamente, e com tanta presteza, e brevidade, que diz Jeronymo Catanéo no liv. 1. da Arte Militar cap. 4. que o rio de Lisboa não produzia, e creava peixes, senão náos, navios, galeões, e galés artilhadas.

E para que se verifique o intento deste nosso discurso, e se imprima, e radique nos corações dos que governão esta verdade, com que conheção que a defensão mais importante, e necessaria deste Reino, e de Lisboa particularmente, são grandes, e fortes Armadas, fielmente mostramos, e copiamos as mais, e maiores, que os Senhores Reis de Portugal mandárão armar neste rio para segurança, e firmeza desta Monarquia, e para gloria do nome Portuguez, e immortal fama.

Armadas, que sahírão deste rio.

A Primeira para a India foi de quatro náos grandes de seis cubertas, Capitão mór o Grande Vasco da Gama, Fidalgo da Casa do Senhor Rei D. Manoel, natural da Villa de Signes, no Reino do Algarve, que partio aos 2. de Julho do an-

no de 1497. Damião de Goes na 1. Part. cap. 23.

2. Armada para a India de treze náos grandes, Capitão mór Pedralves Cabral, na qual hião mil e quinhentos soldados, a 9. de Março de 1500.

3. Armada, quando ElRei quiz passar em Africa, constava de quatrocentas vélas, em que hião vinte e seis mil homens de guerra, em que entravão seis mil de cavallo, e oitocentos acubertados. Aprestado este grandioso poder, impedio a jornada do soccorro, que ElRei mandou a Veneza contra o Turco, que se esperava, á instancia do Papa, e dos Venezianos, anno de 1501. Goes 1. Part. cap. 47. Vasconcellos, e Osorio. Soccorria este Reino aos outros com poder.

4. Armada em soccorro de Veneza, de trinta galeões, a fóra muitos navios, e caravellas, que levavão quasi quatro mil soldados, governados por D. João de Menezes, filho do Conde de Viana D. Duarte de Menezes, aos 15. de Julho de 1501. Goes 1. Part. cap. 51. Osorio fol. 46.

5. Armada grande, em companhia desta, e su-

e ſujeita ao meſmo General, para ficar na conquiſta de Orão, no meſmo anno.

6. Armada de onze náos para a India, anno de 1502. Oſorio livro 1. fol. 57.

7. Armada, no meſmo anno, de muitas náos, e caravellas, e galés ao Eſtreito de Gibaltar, em duas Capitanias ſeparadas, em Jorge de Mello, e Jorge de Aguiar, para irem ſobre a Villa de Targa. Goes 1. Part. cap. 62.

8. Armada á India de quatro náos, Capitão João da Nova, anno de 1501.

9. Armada para a India de quinze náos, Capitão mór ſegunda vez D. Vaſco da Gama, anno de 1502. no 1. de Abril. Goes 1. Part. cap. 68.

10. Armada para a India de ſinco náos, Capitão Vicente Sodré, anno de 1503. Oſorio, Goes 1. Part. cap. 74.

11. Armada para a India de ſeis náos, Capitão Affonſo de Albuquerque, anno de 1503. Goes 1. Part. cap. 65. Oſorio.

12. Armada para a India de trez náos, Capitão Franciſco de Albuquerque, anno de 1503. Goes 1. Part. cap. 65.

13. Ar-

13. Armada de ſeis náos á terra de Santa Cruz, que hoje ſe diz Brazil, Capitão Nicoláo Coelho, no meſmo anno. Goes 1. Part. cap. 65. Oſorio.

14. Armada de duas náos para ſe ſaber de Gaſpar Corte-Real, e Miguel Corte-Real, irmãos, que nunca apparecêrão, indo deſcubrir o Brazil, anno de 1503. Goes 1. Part. cap: 66.

15. Armada para a India de trez náos, Capitão Gonſalo de Souſa, no meſmo anno. Oſorio.

16. Armada de trez náos para a India, Capitão Antonio de Saldanha, no meſmo anno. Goes 1. Part. cap. 81.

17. Armada para a India de treze náos, Capitão Lopo Suares de Alvarenga, anno de 1504. Goes 1. Part. cap. 76 e 96.

18. Armada para a India de dezeſeis náos, e dezeſeis caravellas, com mil e quinhentos ſoldados, governados por D. Franciſco de Almeida, Vice-Rei que foi daquelle Eſtado, anno de 1505. a 25. de Março. Goes 2. Part. cap. 1.

19. Armada para a India de ſeis náos,

Ca-

Capitão Pedro Danhaya, no mesmo anno. Osorio liv. 4. Goes 2. Part. cap. 9.

20. Armada para a India de dezeseis náos, Capitão Diogo Lopes de Sequeira, repartidas em duas Capitanías, anno de 1508. aos 5. e 9. de Abril. Goes 2. Part. cap. 20. Osorio.

21. Armada para a India de quatorze náos, repartida em quatro Capitanías, anno de 1507. aos 15. e 20. de Abril. Goes 2. Part. cap. 14. Osorio.

22. Armada contra Azamor em Africa de muitos, e grossos navios, que erão sincoenta, e quasi trez mil homens de peleja, governados por D. João de Menezes, Camereiro mór do Principe D. João, anno de 1508. Goes 2. Part. cap. 27. Osorio.

23. Armada para a India de onze náos, Capitão Tristão da Cunha, com mil e trezentos soldados, anno de 1506. Goes 2. Part. cap. 21. Osorio.

24. Armada para a India de quatro náos, e huma taforea, (que hoje chamamos setia) Capitão Affonso de Albuquerque, quando tornou ao governo da India, em

6. de

6. de Abril de 1508. Goes 2. Part. cap. 21.

25. Armada em soccorro de Arzilla cercada por ElRei de Fés, ao que ElRei logo acudio, indo-se pela posta ao Algarve, com intento de passar a Africa, e em espaço de sinco dias se achou em Tavira com mais de vinte mil homens de pé, e de cavallo. E por mar lhe chegou hum tão grande poder de navios de força, e outros menores, que passavão de duzentas vélas, com excessivo numero de artelharia, e mais vitualhas, a fóra mais de quatro mil homens, que nelles se embarcárão em Lisboa, anno de 1508. E não lemos de outro algum Principe do mundo, que em termo tão breve (como foi o de sinco dias) ajuntasse tão grande potencia por mar, e por terra, como ElRei D. Manoel. Na verdade que tal apparato de guerra, e com tanta presteza, que assombra, e parece cousa incrivel; mas certifica-o tanta gente, e tão graves Authores, que nos necessitão a crer.

Este he hum dos maiores argumentos da grandeza de Portugal, que naquelles

tempos (e ainda nos que se seguírão) estava tão provído, e abundante de todos os petrechos para a guerra, e vitualhas de toda a sorte para as Armadas, que fazia grande excesso a superabundante provisão do arcenal de Veneza, (que quer dizer armazem) que reputando-se aquella pela maior do mundo, a de Portugal naquelles mais felices tempos a excedia muitas vezes, como prova a tradição contínua daquella era. Este poder immenso todo se suspendeó com a nova de os Mouros haverem levantado o cerco. E posto que ElRei instavá por passar com elle a Africa, não faltou quem o divertisse, como affirma Osório no livro 5. fol. 159. Goes 2. Part. cap. 29.

26. Armada para a India de quinze náos, em que hião quasi dous mil soldados á obediencia do Marichal de Portugal D. Fernando Coutinho, aos 12. de Março do anno de 1509. Goes 2. Part. cap. 40. Osório.

27. Armada para alimpar a costa de muitos navios fortes contra hum cossario Francez, que havia tomado huma embarcação

da

as náos grandes de força, a fóra galés, caravellas, barcaças, e fustas, petrechadas todas com todo o apparato de guerra, e com mui boa soldadesca, gente pratica, e experta.

Além destas Armadas (que do Bispo de Silves D. Jeronymo Osorio, e de Damião de Goes colhemos nas suas Chronicas) se achão outras muito mais, que andão em manuscriptos verdadeiros, dos quaes consta, que este glorioso, e mais prospero Monarca em vinte e seis annos hum mez e dezenove dias, que teve de Imperio, incluidos em sincoenta e dous annos seis mezes e treze dias, que lhe durou a vida, lançou do rio de Lisboa para differentes partes do mundo mais de duas mil Armadas, em que entrárão mais de duzentas náos grandes de quatro, e sinco cubertas, que forão á India, de cujos portos sahírão tantas, com tanto poder, e forças, que sujeitárão grande parte da Ethiopia, não pequena da Persia, e tanta da India, que se fez Senhor do grande Imperio, e Reinos, situados dentro, e fóra do caudaloso rio Ganges, (cousa pelos

an-

antigos julgada por impossivel) e de tantas Cidades, e Praças fortes em Africa, e tantos Reis seus tributarios, quantos os Historiadores affirmão, e certificão com tanta gloria do valor de Portugal.

Assombrava o mundo tanto poder no mar, e fazia tremer, e temer toda a terra, como se vio no Grão Turco, inimigo tão poderoso, e arrogante, que receoso, e temeroso da vizinhança dos Portuguezes na India, escreveo huma carta ao Papa Julio III. no anno de 1505. em 22. de Setembro, na qual lhe pedia fizesse com ElRei de Portugal que desistisse da conquista da India, confessando na carta, que recebia grandissimo dano dos Portuguezes, como se póde ver na copia della, relatada por Damião de Goes na Chronica de ElRei D. Manoel, Part. 1. cap. 93. Medo do poder de Portugal foi o motivo desta petição de Saladino, e não respeito ao Vigario de Christo; (a quem não venera, antes despreza barbaramente) porque, como diz Polibio no livro 2. as petições dos poderosos, e dos soberbos são mais pusillanimidade, que prudén-

dencia : *Superborum preces, pusillanimitatis indicia sunt.*

Pede, e roga hum Principe Catholico, e prudente, mas não hum barbaro insolente, com tanto poder, e com vitorias, e com triunfos, porque reputa o pedir por fraqueza, aquelle, a quem esvaesse a tyrannia, e violencia. Pede sempre o rendido, e nunca rogou o vitorioso. Era este infiel tão soberbo, e arrogante, como bem se conhece por estes titulos, com que se nomeava ao Papa Julio III. na sua carta. O maior Rei, senhor dos senhores, Nobre, Excellente, Sabedor, Justo, Conquistador, Vitorioso, Rei dos Reis, Espada do mundo, Principe da fé de Mafamede, &c. E sendo esta a sua presumpção, e loucura furiosa, busca a valia do Summo Pontifice, para se livrar do forte braço, e grande poder das Armadas Portuguezas, que tanto inquietavão, e offendião a seus vassallos pelo mar Roixo, que lhes assolavão Cidades, destruião as povoações, e abrazavão lugares de grande força.

Os Principes Catholicos da Europa,

e ſujeita ao meſmo General, para ficar na conquiſta de Orão, no meſmo anno.

6. Armada de onze náos para a India, anno de 1502. Oſorio livro 1. fol. 57.

7. Armada, no meſmo anno, de muitas náos, e caravellas, e galés ao Eſtreito de Gibaltar, em duas Capitanias ſeparadas, em Jorge de Mello, e Jorge de Aguiar, para irem ſobre a Villa de Targa. Goes 1. Part. cap. 62.

8. Armada á India de quatro náos, Capitão João da Nova, anno de 1501.

9. Armada para a India de quinze náos, Capitão mór ſegunda vez D. Vaſco da Gama, anno de 1502. no 1. de Abril. Goes 1. Part. cap. 68.

10. Armada para a India de ſinco náos, Capitão Vicente Sodré, anno de 1503. Oſorio, Goes 1. Part. cap. 74.

11. Armada para a India de ſeis náos, Capitão Affonſo de Albuquerque, anno de 1503. Goes 1. Part. cap. 65. Oſorio.

12. Armada para a India de trez náos, Capitão Franciſco de Albuquerque, anno de 1503. Goes 1. Part. cap. 65.

13. Ar-

13. Armada de ſeis náos á terra de Santa Cruz, que hoje ſe diz Brazil, Capitão Nicoláo Coelho, no meſmo anno. Goes 1. Part. cap. 65. Oſorio.

14. Armada de duas náos para ſe ſaber de Gaſpar Corte-Real, e Miguel Corte-Real, irmãos, que nunca apparecêrão, indo deſcubrir o Brazil, anno de 1503. Goes 1. Part. cap. 66.

15. Armada para a India de trez náos, Capitão Gonſalo de Souſa, no meſmo anno. Oſorio.

16. Armada de trez náos para a India, Capitão Antonio de Saldanha, no meſmo anno. Goes 1. Part. cap. 81.

17. Armada para a India de treze náos, Capitão Lopo Suares de Alvarenga, anno de 1504. Goes 1. Part. cap. 76 e 96.

18. Armada para a India de dezeſeis náos, e dezeſeis caravellas, com mil e quinhentos ſoldados, governados por D. Franciſco de Almeida, Vice-Rei que foi daquelle Eſtado, anno de 1505. a 25. de Março. Goes 2. Part. cap. 1.

19. Armada para a India de ſeis náos,

Ca-

de Africa, e India Oriental. A muitos Principes ſoccorreo, e ajudou poderoſamente, e em particular a Carlos V. Emperador, com muita artilheria, e com muito dinheiro (que tudo havia então, effeito do bom governo, o dinheiro he para as Armadas, e eſtas tambem augmentão as riquezas) no tempo das Communidades contra aquelles, que o buſcavão, e deixavão o natural Senhor. Recuſou ElRei, vencendo-ſe aſſim, vencendo a ambição de dilatar a Real Coroa com o dominio, e imperio alheio, tropeço, em que tantos cahem, e tentação, que a tantos rende. Refere-o Souſa no Epitome Part. 3. cap. 15.

CAPITULO XXXI.

De outros nobres, e glorioſos effeitos, que procedem de grandes Armadas.

SE buſcarmos a cauſa, e motivo de tantos, e tão glorioſos effeitos, acharemos que não foi outra mais, que o grandiſſimo poder, que ElRei D. Manoel poz no mar,

cor-

cortando-o continuadamente com tantas, e tão poderosas Armadas, que foi hum assombro do mundo, que vence a memoria de todos os Principes, que nesta mais importantissima empreza (tão mal entendida de muitos) mais se adiantárão. Por este respeito foi tão respeitado de todos, e, para dizer melhor, temido, e invejado. Causão as grandes Armadas trez grandiosos accidentes, que são : *Segurança da Monarquia*, *dilatação do Imperio*, *e temor nos estranhos*.

Excellentemente se comprovão os dous primeiros assumptos com este lugar de Tacito, commentado por D. Balthazar Alamos de Barrientos na vida do famoso Capitão Romano Julio Agricola. Tendo este sujeitado á força de armas a Ilha de Irlanda, e temendo invasão de inimigos sobre huma Cidade, que se dizia Bedotria, e que lhe impedissem o passo, e caminho á passagem dos Exercitos, reconheceo os postos com a Armada a primeira vez, que se entregou a Agricola, com cujas forças lhe succedia tudo prosperamente, fazendo em hum mesmo tempo guerra aos levantados

por

por terra, e por mar. Assim escreve Tacito na lingua Latina traduzido na vulgar.

Illustrando o douto Barrientos este lugar com seus discretos, e politicos afforismos, assim escreve no num. 154. em Hespanhol: *Quando se teme en las tierras, que alcançan mar, algun llevantamiento de inimigos, y daños por el, procurese tener Armada, y sabidos los puertos, con que seran señores tambien de la tierra, y mas si en esta ay Exercito, y gente de guerra.* Assim discursa este grave Author com suas grandes letras, e experiencia militar.

Deste afforismo se prova, e do exemplo do Capitão Agricola, que as armas, e forças maritimas segurão o Reino, e a Monarquia, e dilatão, e extendem o dominio, e imperio, e que com ellas, sendo os Principes poderosos no mar, se fazem Senhores da terra, ganhando mais Provincias, e Reinos, com grande augmento do Real senhorio. Tucidides, Historiador doutissimo, claramente comprova este assumpto, dizendo: *Qui habet maria, omnia possidet*: Quem senhorea o mar, domina a terra. No caso, e

con-

contingencia de Agricola se achão os Portuguezes no tempo presente, porque se teme a invasão do inimigo. Esta se impede, e diverte com a Armada, como diz Tacito, e se segura a Patria, e se ganha talvez mais terra, como affirma Barrientos, e he verdade infallivel, experimentada, e certa.

O terceiro accidente, que tambem a Armada causa, he temor nos inimigos, e contrarios, temendo-se sempre mais o Principe, que no mar he mais poderoso, pelo receio, e medo, que concebem os outros de suas forças, com que os póde infestar, quando quizer. E tanto se achão mais receosos, quanto menos noticia tem, e certeza da invasão contraria, que grandemente os intimida; assim pela grandeza do mal, que se representa, como pela pouca prevenção, e fraqueza, com que se achão. Propriedades, e condições, que sempre acompanhão o temor de qualquer dano, e que sempre o reforção, e augmentão, como o Doutor Angelico ensina na 1. 2. quest. 42. artig. 5. *Timor ex duobus contingit, scilicet, ex magnitudine mali, & ex debilitate timentis.*

Gen-

Gentil he eſte ſegundo lugar do allegado Tacito, que lemos na vida, e feitos de Cayo Emperador Romano, que em Portuguez vem a dizer, fállando do meſmo Agricola na conquiſta das Provincias de Frizia, e Suevia: *Mandou a Armada diante, para que roubando em muitas partes, cauſaſſe hum eſpanto incerto, e grande.* Eſtas são as palávras de Tacito, que grandemente eſmalta Barrientos no afforiſmo 173. dizendo: *La Armada, que corre por la coſta inimiga, es dudoſo, y grande el eſpanto, que cauſa, nò ſe ſabiendo pontualmente donde irá dar.* Deſta maxima tão ordinaria, e corrente bem ſe argumenta, e infere, que cauſa a Armada do Principe receio, e temor nos inimigos, e contrarios. Sendo pois eſtes accidentes infalliveis, e neceſſarios, he muito para eſtranhar o deſcuido de hum Governador, que faltar neſte emprego, quando lhe não falte cabedal, e ſubſtancia para o executar, e obrar.

O maior, e mais excellente Meſtre deſte Exercicio Militar, e o mais douto Principe, e que melhor comprehendeo, e

pra-

praticou esta mais nobre, e illustre arte foi o Senhor Rei D. Manoel; e como conheceo que as forças de maior importancia, e pezo (para conservação, e segurança de Portugal) erão as Armadas do mar, poz nelle tantas, tão poderosas, e tão contínuas, que esta Monarquia se conservou segura, e dilatou gloriosa mais que em tempo de outro Principe algum. E assim naquelle feliz tempo triunfárão os Portuguezes com estabilidade seguros, dilatárão o Imperio com gloria, e com valor intimidárão seus inimigos.

E com a excessiva, e innumeravel despeza de tantos milhões de ouro, que levavão as Armadas quotidianas, o multiplicárão de sorte, que se estimava menos o ouro, que a prata, como diz o eloquente Portuguez Manoel de Faria de Sousa na Part. 3. cap. 15. em idioma Castelhano, cujas palavras repetimos para maior confirmação deste discurso: *Parecia la Corte Portugueza una plaça universal, y patria commum de todas las naciones, todas salian cargadas preciosamente. El oro fue tanto, que llegó a es-*

timarse menos que la plata, y poco mas que el cobre. Nobre parto, e generosa producção das grandiosas Armadas, que se custosas, tão rendosas, que segurão, e defendem a terra, e a fazem rica, opulenta, e grandiosa.

CAPITULO XXXII.

Das muitas, e fortes Armadas, que fez o Senhor Rei D. João III.

CONhecendo este magnanimo Principe os nobres, e illustres effeitos, que resultão a huma Monarquia, que se empenha em grandes forças maritimas, tanto se empregou, e empenhou nestas, (e foi herança, que seu pai lhe deixou) que sempre teve grandes Armadas, com que viveo com descanço, e repouso, no mesmo tempo que suas gloriosas armas o tiravão aos Turcos, Mouros, e outras mil barbaras nações. As que achamos escritas pelos livros são as seguintes, que referimos neste Catalogo, nas quaes tanto se adiantou, que parece excedeo a todos seus antepassados.

1. Tan-

1. Tanto que este Principe tomou o governo do Reino, logo mandou á India trez náos grandes, e poderosas, de que forão Capitães Diogo de Mello, D. Pedro de Castro, D. Pedro de Castelbranco, e forão sem Capitão maior, anno 1522. em que tomou posse desta Monarquia, por quanto ElRei D. Manoel seu pai morreo aos 13. de Dezembro de 1522.

2 Armada de sete náos para a India, Capitão mór Diogo da Silveira, anno de 1523.

3. Armada de dez náos grandes, e sinco caravellas muito fortes, Capitão mór o Vice-Rei D. Vasco da Gama, anno de 1524.

4. Armada de sinco náos, Capitão mór Filippe de Castro, anno de 1525.

5. Armada de sinco náos, sem Capitão mór, anno de 1526.

6. Armada de sinco náos, Capitão mór Manoel de Lacerda, anno de 1527.

7. Armada de onze náos, Capitão mór Nuno da Cunha, que hia por Governador para a India, anno de 1528.

8. Armada de quatro náos, Capitão mór

Diogo da Silveira, ſegunda vez, anno de 1529.

9. Armada de ſinco náos, ſem Capitão mór, anno de 1530.

10. Armada de ſinco náos, ſem Capitão mór, anno de 1531.

11. Armada de doze náos, Capitão mór D. Pedro de Caſtello-branco, anno de 1532.

12. Armada de ſeis náos, em duas Capitanías móres, de huma Capitão mór D. João Pereira, da outra D. Gonſalo Coutinho, anno de 1533.

13. Armada de ſinco náos, Capitão mór Martim Affonſo de Souſa, que depois governou a India, anno de 1534.

14. Armada de ſete náos, Capitão mór Fernando Peres de Andrade, anno de 1535.

15. Armada de ſinco náos, Capitão mór Jorge Cabral, anno de 1536.

16. Armada de ſinco náos, ſem Capitão mór, anno de 1537.

17. Armada de doze náos, Capitão mór o Vice-Rei D. Garcia de Noronha, anno de 1538.

18. Armada de quatro náos, Capitão

mór

mór Francifco de Soufa Tavares, anno de 1539.

19. Armada de finco náos, Capitão mór o Governador Martim Affonfo de Soufa, anno de 1540.

20. Armada de finco náos, fem Capitão mór, anno de 1541.

21. Armada de finco náos, Capitão mór D. Diogo da Silveira, anno de 1542.

22. Armada de finco náos, Capitão mór Fernando Peres de Andrade, fegunda vez, anno de 1543.

23. Armada de feis náos, Capitão mór o Governador D. João de Caftro, anno de 1544.

24. Armada de quatro náos, Capitão mór Lourenço Pires de Tavora, anno de 1545.

25. Armada de quatorze náos, repartidas em duas Capitanías, anno de 1546.

26. Armada de trez náos, e duas caravellas fortes para o Brazil, Capitão mór Thomé de Soufa, no mefmo anno.

27. Armada de finco náos, Capitão mór D. Alvaro de Noronha, anno de 1547.

28. Ar-

28. Armada de ſinco náos, ſem Capitão mór, anno de 1548.

29. Armada de nove vélas fortes, e grandes á Coſta do Algarve, e ás Ilhas, Capitão mór Luiz Coutinho, no meſmo anno.

30. Armada grande ſobre Alcacere, Capitão mór D. Pedro Maſcarenhas, no meſmo anno.

31. Armada de doze navios grandes para guarda do Algarve, a qual depois foi a Guiné, Capitão mór D. Pedro da Cunha, anno o meſmo.

32. Armada de ſinco náos, Capitão mór o Vice-Rei D. Affonſo de Noronha, anno de 1549.

33. Armada de ſinco navios, Capitão mór Luiz Figueira, anno de 1550.

34. Armada de ſinco náos, Capitão mór Diogo Lopes de Souſa, anno de 1551.

35. Armada de trez náos, Capitão mór Fernando Soares de Alvarenga, anno de 1552.

36. Armada de duas náos, Capitão mór D. Jorge de Menezes Baroche, no meſmo anno.

37. Ar-

37. Armada de quatro galés, e ſinco navios para defensão do Algarve, Capitão mór D. Pedro da Cunha, General das galés, no meſmo anno.

38. Armada de ſeis náos, Capitão mór D. Pedro Maſcarenhas, ſegunda vez, indo por Vice-Rei da India, anno de 1553.

39. Armada de ſinco náos, Capitão mór Leonardo de Souſa, anno de 1554.

40. Armada de ſinco náos, Capitão mór D. João de Menezes de Sequeira, anno de 1555.

41. Armada de ſinco náos, Capitão mór D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, anno de 1556.

CAPITULO XXXIII.

Toca-ſe brevemente a inconſtancia do poder do mundo, e de ſuas grandezas.

VIveo o Senhor Rei D. João III. ſincoenta e ſinco annos, reinou trinta e ſinco e meio, morreo a onze de Junho da era de 1557. huma ſexta feira depois da meia noi-

te,

te, que foi dia de São Barnabé Apoſtolo, tendo naſcido nos Paços de Alcaçova (que são os do Caſtello de Lisboa) huma ſegunda feira, quaſi duas horas depois da meia noite, que forão ſeis do mez de Junho do anno de 1552. De modo que eſte Principe naſceo no mez de Junho no dia referido depois da meia noite, e no meſmo mez morreo tambem depois da meia noite.

Tomou poſſe deſtes Reinos em dezenove do mez de Dezembro da era de 1521. por haver morto ſeu pai ElRei D. Manoel aos treze do dito mez de Dezembro. E no decurſo de trinta e ſinco annos e meio, que teve o Imperio de Portugal, tanto ſe empregou em grandes Armadas, que mandou á India no dito tempo mais de duzentas e quarenta náos grandes, e fortes, a fóra outras muitas, e grandes Armadas de grandiſſimo poder, que mandou a Africa, ás Ilhas, ao Brazil, e outras partes differentes, com que fez grandioſa a fama da potencia de Portugal, e ſeu nome eterno na memoria dos homens.

No período, e termo de trinta e ſinco

annos, que teve de duração o governo deſte grande Principe, mandou á India huma quaſi immenſa multidão de fortes, e duros baixeis, argumento claro da ſua grandiſſima potencia, que foi tão grande, que aſſombra os preſentes, aſſim como intimidou os paſſados, e eſpantará os vindouros. E poſto que eſte poder Portuguez, medido, e regulado pelas forças, que vemos, parece incrivel ao juizo humano, não ſe duvide, porque o abonão, e acreditão não ſó os Eſcritores naturaes, mas tambem os eſtrangeiros. Eſtas variedades, eſtas mudanças são accidentes infalliveis, e inſeparaveis deſte mundo, que ſe conſerva com eſtas intercadencias. Tranſeunte, e paſſageira he entre os homens a conſtancia, e a duração, e firmeza de ſuas glorias, e grandezas; e ſó em Deos são permanentes, firmes, e perpetuas.

Advirta-ſe ao diſcreto Leitor, que o §. que começa: Tinha ſempre huma Armada viva, &c. e outros, que vão no capitulo 28. pag. 184. pertence ao capitulo 32. por ſer do Senhor Rei D. João III. e não do Senhor Rei D. Manoel.

CAPITULO XXXIV.

Comprova-se como o Principe inclinado a grandes Armadas sempre foi liberal com seus vassallos.

NÃo podemos negar que foi este mais poderoso Monarca muito amigo de novidades, não destas, que estranhamos, e reprehendemos, mas daquellas, que mais illustrão a grandeza, e liberalidade Real, adquirem, e concilião o amor dos vassallos; (thesouro mais rico, e importante) e que mais sublimão hum Imperio ao summo poder, e fortaleza. Comprovemos estes mais nobres, e regios accidentes com alguns successos, e exemplos.

Assim escreve Vasconcellos na Anacefaleose 15. num. 18. fol. 292. Chegando da India a esta Corte hum homem, por sangue illustre, e por esforço, e por serviços grande, continuados por largos annos naquelle Estado, tomárão-lhe os officiaes da Casa da India por perdidos, por não virem registrados, hum bisalho de diamantes, e outras

tras pedras preciosas, que valião doze mil cruzados. Era a tomadia grande, e na entrega della esperavão grandes despachos. (zelo nascido não da fidelidade, que se deve ao Principe, mas da cubiça, e proprio interesse.) ElRei recebeo a tomadia, e metteo-a debaixo do panno de hum bofete.

Conhecia o dono, e sabia que não era rico. Mandou-o chamar, e perguntou-lhe por cousas da India, e ultimamente se viera com algum cabedal. O soldado lhe respondeo, que algum trazia, ajuntado em muitos annos, e com muito trabalho, e fadiga, e que escapando a todos os perigos do mar, e dos cossarios, o perdêra todo dentro em casa, e que erão huns diamantes, que valião doze mil cruzados. Mostrou-se ElRei sentido do successo, e disse-lhe: Se vós os virdes, conhecellos-heis? Respondeo-lhe: Sim, Senhor. Tirou-os o grande Principe de baixo do panno, e vendo-os o dono, reconheceo a sua pedraria. Tornou ElRei, dizendo: Sei muito bem a satisfação, com que me tendes servido, ide-vos embora com a vossa pedraria.

e poderosa se achava então esta Monarquia! Esta liga he a primeira, he a mais forte, e dura, e de maior importancia para segurança do Principe, conservação, e augmento do Reino. Esta novidade he a de maior preço, e para os que governão a mais necessaria, e precisa.

A outra novidade, em que (com todas as forças, e incansavel cuidado procurou effectivamente exceder aos Monarcas, que o mundo celebrou mais poderosos) foi nas grandes, fortes, e continuas Armadas, com que povoava os mares, como já em parte, e por maior deixamos dito; e na realidade forão tantas, e tão soberbas, e duras, que diz Vasconcellos, que em seu tempo se virão as maiores em poder, e multidão, que a memoria, e a fama continuão, e conservão.

Assim escreve no num. 32. *Illo regnante classes omnium maximæ, robore, ac milite ornatissimæ.* Não satisfeito ElRei de manifestar seu poder com a multidão excessiva dos guerreiros baixeis, que mandou fabricar em seu tempo de novo, e com parti-

ochenta bocas de fuego, y mas ſeſſenta menores. Conforme eſte Author, jogava cento e quarenta peças de artilharia, mas mais erão na verdade.

Manoel de Faria de Souſa no Epitome das Hiſtorias Portuguezas Part. 3. cap. 16. num. 9. algum cuidado teve; porque ſendo Portuguez, faz memoria deſte galeão em lingua Caſtelhana: *Llegó el Infante Don Luis, cuñado del Emperador, a Barcelona, mientras deſde Lisboa navegavan veinte y ſeis vaſos, el mayor dellos, con duzientas pieças de artilharia.* Aſſim eſcreve, mas diz pouco.

Eſtevão de Garivay no quarto volume da Hiſtoria de Heſpanha livro 35. cap. 37. *Ayudò El Rey de Portugal al Emperador, con buena Armada, de un famoſò galeon, y muchas caravelas.*

Paulo Jovio no livro 34. das Hiſtorias fol. 231. na lingua Latina refere aſſim: *Ludovicus Luſitani Regis germanus frater, cum claſſe viginti quinque navium, quas caravellas vocant. In his videre erat excelſum galeonem, incomparabili tormentorum appa-*

critores estrangeiros passados, e presentes o celebrão, e engrandecem, e só os Portuguezes o enterrão, e occultão, acção na verdade ingrata ao devido reconhecimento de hum tal Principe, que tanto se desvelava em illustrar as glorias de Portugal por todas as vias possiveis.

Muito he para sentir que as penas de casa lancem borrões nas proprias grandezas, quando as de fóra se aparão, e adelgação para as escrever com mais clareza. Se o motivo fora modestia, era indiscreta; mas he natural descuido, e falta grande. Occultar defeitos he prudencia: enterrar grandezas não he de Historiador. Graças mil aos Chronistas estranhos, e poucas, ou nenhumas aos naturaes. Este vexame oução com paciencia pelo trabalho, que nos deo sua negligencia, e descuido; porque não só na estampa se passou por alto a grandeza, e particularidades notaveis deste mais celebrado galeão, mas ainda poucos papeis antigos achamos que renovassem a memoria tão devida de sua grandeza. Nesta falta, aperto, e escuridão faremos, e colheremos

sua

ſua poderoſa, e eſpantoſa corpulencia, por conſequencias topicas, ou provaveis, inferidas do que os Authores eſcrevem, referem memorias antigas, e a tradição contínua do Reino confirma, convence, e perſuade; e não pouco authorizada com as noticias, que colhemos de hum livro antigo de mão, de muitas couſas paſſadas, e dignas de memoria, que tinha D. Antonio de Menezes, Commendador de Caſtello-branco, que Deos tem, que elle eſtimava muito, e nos communicou, eſtando na Villa de Abrantes.

Todos os graves Eſcritores antigos, e modernos eſtrangeiros illuſtrárão ſeus eſcritos com a memoria deſta fortaleza maior, torre naval, e maquina mais guerreira, como deſtes, que referimos (por ſer impoſſivel allegar todos) ſe colhe, e argumenta.

Aſſim eſcreve o grande Chroniſta Illeſcas na Part. 2. da Hiſtoria Pontifical livro 6. cap. 27. §. 1. fol. 346. fallando da jornada, que o Emperador Carlos V. fez a Tunes em Africa no anno de 1535. aon-

roa no anno de mil ſeiscentos e quarenta e quatro, alcançando que todas as couſas grandes, e notaveis daquella Monarquia ſe conſerva na eſtampa, e todas andão na memoria, e boca de todos. Acção na verdade nobre, e digna de gente de entendimento, e juizo. Grande he o noſſo eſquecimento, aſſim o tocou delicadamente o maior Poeta:

Não deixarão meus verſos eſquecidos
Aquelles, que nos Reinos lá da Aurora
Se fizerão por armas tão ſubidos.

Suppoſto que o primeiro entendimento do Poeta he dizer, que não ſerão eſquecidos os illuſtres Heroes, que tanto dilatárão o Imperio do Oriente, tambem em ſegunda intelligencia, e não impropria, chama ſeus verſos eſquecidos por dous titulos. Hum pelos ſogeitos, que com elles engrandece, que já eſtavão eſquecidos com ſuas proezas, e façanhas; outro, porque via que até os ſeus verſos, em que as canta, e louva, havião de ſer em breve tambem eſquecidos pelo natural eſquecimento Portuguez.

E tan-

E tanto he isto assim, que ha homens, que vos repetem as quimeras, e fabulas de Gongora inteiras, sem as entender, (e por isso tem desculpa, porque a intelligencia diz relação á entidade, esta lhes falta) sem se lembrarem dos excellentes versos de Camões tão cheios de verdades, que assombrão, e tão ricos de sentenças, que ensinão. Já disse antigamente hum grande Senhor mui discreto, (cuja memoria com tanta razão celebra este Reino) conhecendo esta falta nossa: *Los Portuguezes todos los miercoles han menester un Memento homo.* Muito nos esquecemos de tudo o que nos honra, sublima, e engrandece. Alguem quiz desculpar este defeito com a falta do favor. Assim parece o sentia já em seu tempo o nosso Virgilio Portuguez:

Todos favorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento.

Esta desculpa será bastante para reter a penna; mas huma vez que hum Author se resolve em escrever, ha de ser como convem, e para não deixar no tinteiro tudo o

que importa, e tudo o que ſerve, e conduz para ſublimar a gloria, e illuſtre fama de hum Reino, e Imperio. Neſta materia, e neſte ſogeito tem grandiſſimo, e devido lugar a memoria, e a lembrança de huma obra tão grandioſa, e inſigne, qual foi o ſoberbo, e famoſo galeão Bota-fogo, que tanto engrandece o Real animo de hum Principe, que fazendo tantas, e tão poderoſas Armadas de tantos, e tão fortes navios, ſoube em hum ſó fazer muitas, unindo, e compondo em hum ſogeito as forças, que por muitos poderoſos baixeis ſe vião ſeparadas, e repartidas.

E ſe he manifeſto argumento do ſoberano poder de Portugal compôr muitos, e grandes Exercitos navaes, e muitas, e differentes náos, quem duvida que he igual á ſua maior grandeza unir, e reduzir a huma ſó o poder de muitas Armadas? He o homem o mais cabal, e perfeito compoſto do univerſo, porque todas as perfeições recopilou nelle o Artifice Divino, diz o grave Tertulliano no liv. 8. *Homo eſt ſumma creatæ pulchritudinis.*

Se-

Semelhantemente podemos diſcurſar no preſente aſſumpto. Se grandes Exercitos navaes são agradaveis á viſta pela diverſidade de famoſos baixeis, e tambem formidaveis, e terriveis pelas forças de que ſe compõem, com maior razão deve ſer aos olhos agradavel, e formoſo hum ſó galeão, e juntamente eſpantoſo, e terrivel, comprehendendo, e contendo dentro em ſi todo o poder, e forças de muitas Armadas. E' deſtas podemos dizer, que foi hum univerſal, exiſtente *à parte rei*, e a ſumma, e forte união de ſeu poder.

A tradição que noſſos pais, e avós nos deixárão deſte mais ſoberbo, admiravel, e famoſo navio, que aqui referimos, he eſta. Formava-ſe o corpo deſta maior fortaleza naval de forte, e dura madeira, que veſtião ſinco cubertas altas, largas, e tão compridas, que occupava o comprimento, huma vez, e meia de huma grande náo da India. Eſta grandeza perſuade facilmente o bom diſcurſo, porque ſendo as náos da India naquelles tempos de quatro cubertas, como conſta, para eſte galeão as exceder,

e ſer maior, era força que ſe compuzeſſe de ſinco, e mais; porque ſe fora de quatro, como ellas erão, fora igual, e não maior. E ſendo ſuperior na altura, (pelas regras da maritima arquitectura) neceſſariamente havia de ter o referido comprimento.

Perſuade-ſe mais eſta grandeza exceſſiva, porque alguns dos Eſcritores, que allegamos, affirmão que forão a Tunes na Armada de Portugal trez náos da India, que erão de quatro cubertas; e Sandoval, no lugar, que deixamos eſcrito, diz, que André Doria levava nella hum grandiſſimo galeão, o maior que ſe vio em Italia. A eſtes depoimentos, e teſtemunhos verdadeiros ajuntemos o de Franciſco de Andrade, Chroniſta mór, que depõe aſſim na Part. 3. cap. 15. fol. 22. col. 1. *O noſſo galeão, que batia por ſima de toda a outra Armada, o fez de maneira, que de propoſito ſe punhão os olhos nelle, &c.*

Indo neſta poderoſa Armada os maiores navios, que havia em Heſpanha, náos da India de quatro cubertas, e o alteroſo galeão de André Doria, e affirmando An-

dra-

drade, que batia o noſſo galeão por ſima de toda a outra Armada, (que conſtava de ſetecentos vaſos maiores, grandes, e pequenos) bem ſe infere que era maior, mais grande, mais alto, e mais levantado, e ſuperior, que todos elles; porque ſenão fora tal, nunca pudéra a ſua artilharia jogar contra a fortaleza da Goleta por ſima de toda a outra Armada. E como neſta entravão muitas náos de quatro cubertas, bem ſe argumenta, e infere que o galeão Bota-fogo era de ſinco, e mais cubertas. Eſte diſcurſo he formal, e concludente na fórma da boa argumentação.

Diz mais a tradição, que era tão armado, e forte, que jogava tantas peças de artilharia entre grandes, e menores, como quanto dias tem o anno, que são trezentos e ſeſſenta e ſeis dias. E ſegundo eſta conſtante memoria, com trezentas e ſeſſenta e ſeis peças de artilheria de bronze ſe armava, e veſtia. Aſſim o dá a entender a hyperbole, e encarecimento de Paulo Jovio já referido, que tornamos a repetir, obrigados da formalidade de noſſo diſcurſo. Aſ-

ſim

ſim diz no liv. 3. fol. 231. *In his videre erat excelſum galeonem, incomparabili tormentorum apparatu permunitum.*

Neſta poderoſa Armada (diz eſte Author grave) era muito para ver hum grandiſſimo galeão armado, e fortalecido, com hum incomparavel, e não viſto apparato, e numero de artilharia. Quem affirma, que o numero era incomparavel das bombardas, bem moſtra, que a multidão era incrivel ao parecer de quem a não via. Menos diz logo Sandoval, que o arma com cento e quarenta, e pouco diz Faria, que o compõe, com duzentas. Seja logo o teſtemunho da tradição o mais certo, que jogava trezentas e ſeſſenta e ſeis peças de fogo, por tantas bocas de bronze, que he a multidão, e o apparato incomparavel de artilharia, que certifica Paulo Jovio.

Eſta multidão incomparavel (e nunca até então, nem depois viſta) ſe repartia por quatro andares de artilharia, que jogava por cada banda, aſſentada neſta fórma, como dizem. O primeiro, era ao lume da agua, que enchião canhões mais reforçados, e

groſ-

groſſos de bater, que aſſombravão a quem os via. O ſegundo ſe compunha de colubrinas. O terceiro ſe formava de meios canhões. O quarto ſe aviſtava com eſperas, e meias colubrinas. Povoavão-ſe eſtas navaes galerias com tantos vaſos de bronze. Na poupa, e na proa ſe levantavão duas grandes torres com huma multidão notavel de bombardas, e tão vizinhas, e denſas, que parecião duas pinhas de forte artilharia, em que entravão as menores, que erão camelos, pedreiros, meias eſperas, aguias, ſacres, falcões, e berços. Ultimamente no convéz eſtavão grandes, e fortes roqueiras. Aſſim colhemos de algumas memorias antigas, que deſenterramos do ſepulcro do Portuguez eſquecimento.

CAPITULO XXXVII.

Continua-ſe o meſmo aſſumpto, e multiplicão-ſe mais exemplos ſobre a neceſſidade de Armadas.

ESta grande, e eſpantoſa Arca de Noé guerreira recolhia em ſi ſeiscentos duros, fortes, e deſtros moſqueteiros, e trezentos ſoldados mais valeroſos, esforçados, e valentes, que jogavão eſpada, e rodella, e alguns querem foſſem mais. E não ha duvida, que aſſim havia de ſer; muitas almas mais erão neceſſarias para animar corpo tão grande, tão eſpantoſo, e terrivel. Não ſe duvide o referido, que a tradição o affirma, e algumas memorias antigas o certificão. E não menos ſe conjectura, e infere formalmente, pois eſcreve Andrade no lugar citado, que o Emperador Carlos V. mandou pedir a ElRei D. João III. ſeu cunhado, que no ſoccorro de Portugal foſſe eſte galeão celebrado.

Aſſim eſcreve eſte grave, ainda que dimi-

minuto, Author a fol. 20. verſ. col. 1. *Achei eſcrito que o Emperador lhe mandára nomear eſte galeão em particular na Armada, que lhe mandára pedir, e duas náos groſſas, e vinte caravellas, &c.* Bem ſe argumenta, e bem ſe infere deſtes antecedentes que tal devia ſer eſte galeão, qual deixamos debuxado com a penna; pois hum Principe tão guerreiro, invencivel, e que tantas, e tão grandioſas Armadas tinha, que era tanta a opinião, e conceito que tinha deſte navio, que ſe empenha em o pedir nomeadamente. Grande ſem falta foi o poder, que trazia, e extraordinaria devia de ſer a ſua grandeza.

Não ſatisfeito ElRei D. João de ajudar ao Emperador, empenhou-ſe muito em que eſte galeão foſſe á empreza tão armado, e poderoſo, que pudeſſe reſiſtir, e romper toda a reſiſtencia dos Mouros, que foi grande, pelas grandes fortificações, que o renegado Barbarroixa, Rei intruſo de Tunes, tinha feito na Goleta. Era eſta huma grande fortaleza, poſta na ponta de huma garganta, por onde o Mediterraneo entra

com hum braço, e vai lavar os muros de Tunes, vizinha da antiga, e celebrada Cartago, caminho pouco mais de huma legua, de quem ainda apparecem algumas ruinas. Dista esta garganta da Cidade duas leguas, e da fortaleza á outra ponta da terra tinha o infiel posta por baixo da agua huma forte, e grossa cadeia froixa, e bamba, para que os navios menores, e galés da Armada não passassem pelo rio assima, que tem pouco fundo, mas parassem naquella boca, ou garganta; o que na verdade aconteceo, como logo mostraremos para gloria de Portugal, e credito da tradição deste poderoso baixel, que este respeito nos dilata, e faz estender a narração.

Sabida em Portugal esta prevenção, e conhecido este ardil pela informação de alguns cativos, que fugírão de Tunes, cuidando-se na contramina, e expugnação da traça do Barbaro, elegeo-se hum excellente, e efficaz arbitrio, que o successo comprovou. Mandou ElRei fazer hum talhamar, ou serra grande de aço fino, o qual se poz pela proa do galeão, para que quan-

do

do abalroasse a cadeia, a pudesse romper, e cortar com facilidade, sem receber dano algum. Offereceo-se a occasião prevenida, depois de os mais poderosos navios do Imperio se acharem frustrados, e rechaçados da dura cadeia, que não pudérão vencer. Pede o Emperador ao Senhor Infante D. Luiz, que com o seu galeão a invista: obedeceo; mas ficou o primeiro golpe em vão. Os Mouros, e os Castelhanos derão grandes gritas, e surriadas de vosaria, mas differentes no fim; porque nos infieis foi soberba, e nos Catholicos desconfiança, e gostinho de que Portugal não levasse a melhor: tosse antiga nos Castelhanos, nós lhes perdoamos, com tanto que confessem a causa, e o porque.

Empenhou-se o Infante em segunda ferida, mandando ao Piloto que se fizesse ao mar, e que largasse todo o panno (prevenção, que faltou no primeiro lanço) ao vento, que refrescava em poupa: abrio o navio as azas, investe segunda vez a cadeia com tanta furia, e violencia, que logo a rompeo, e fez em pedaços, levantando huma serra de

agua, como hum monte. Houve grandes vivas em toda a Armada, e nos inimigos temor, e confusão. Lançou o galeão ferro entre a dura fortaleza de Ladrilho, e a outra torre, e poz-se a bater a Goleta, como se fora de pedra, e cal, e gastou tantas horas do dia em desparar, e esbombardear a Praça forte, que os Castelhanos espantados, e assombrados de tantos, e tão furiosos tiros, dizião que se desfazia em fogo. E daqui lhe ficou o proprio nome, que o vulgo repete, e a penna não permitte, e nós lhe chamamos Bota-fogo. i.e. Caca-fogo.

Acabada a sua surriada, e bateria, entrárão os mais navios da Armada na boca da garganta da Goleta, que tem de largura no principio pouco mais de vinte braças: começando-se segunda, jogava o nosso galeão por sima della toda, com que se desmantelou tanto a força, que em breves dias foi entrada, e rendida.

na pag: 97. o A. diz que era de trinta.

Esta grande vitoria principiou este galeão famoso, rompendo aquella grossa cadeia, que impedia o passo a tanto poder junto de poderosos navios. Nem estes obrárão nada,

se-

ſenão fora tanta a força deſte maior baixel, de que grande gloria, e honra reſultou a Portugal, o que os Authores eſtranhos tanto celebrão. Os noſſos ſe deſcuidárão de eternizar eſta grandeza tão rara, em que houverão de gaſtar muitos capitulos, e não pôrem perpetuo ſilencio em huma couſa de tanta importancia, e credito para a Nação Portugueza, e fazerem oſtentação bizarra do Real animo de hum Principe, que tanto entendeo a neceſſidade, que eſte Reino tem de Armadas; porque não contente de tantas, e tão poderoſas, quantas fez, traçou hum tão poderoſo galeão, que valeſſe por muitas, e por todas. Aſſim ſe fez eſte Principe amado, reſpeitado, e temido.

O valeroſo, e guerreiro Principe o Senhor Rei D. Sebaſtião bem moſtrou nos poucos annos, que teve de Imperio, a natural propenſão, herança de ſeus avós, a grandes Armadas, e a grandes Exercitos; (foi ſempre o generoſo animo bellico, accidente inſeparavel dos Principes de Portugal) doutrina, que eſtudou, e concebeo na tenra idade, a que tanto ſe entregou, que pare-

rece naſceo mais para a eſpada, que para o Sceptro; e que mais queria o duro capacete, que a Real Coroa. Com ſingular valor, e animo grandioſo conſervou os Exercitos navaes, que ſeus illuſtres progenitores lhe deixárão. E como aſpirava a emprezas grandes, com huma bravoſidade incrivel accreſcentou tanto as forças navaes, com que paſſou a ultima vez a Africa, com intento nobre, e ſoberano (mal logrado por juizos incognitos de Deos) de o dominar, e ſujeitar, a fim de plantar naquellas vaſtas regiões a Lei de Chriſto, e o culto do verdadeiro Deos.

Para o conſeguir, cortou os mares Occeano, e Athlantico com huma tão grande, e poderoſa Armada, que affirmão graves Authores daquelle tempo, que ſe compunha de mil e trezentas vélas entre grandes, e pequenas. Aſſim eſcrevem Mariz nos Dialogos, Dialogo 5. cap. 3. fol. 234. verſo. Agoſtinho Domenichi na Hiſtoria Univerſal do Mundo. Marco Mambrino Roſeo na Hiſtoria do Mundo, Part. 3. liv. 3. no ſegundo volume, e outros. Tanta era a multidão de

ná-

náos, galeões, navios, caravellas, galés, e outros baixeis fortes, ainda que menores, que póde este Principe sahir com hum tão grande poder, que assombra, e parece incrivel; mas na verdade o não he, porque sempre este Reino foi o mais poderoso nos Exercitos do mar, como a fama contínua persuade, e tantos, e tão graves Escritores certificão.

E ultimamente houve huma poderosa Armada, que chamárão dos doze Apostolos, de galeões muito grandes, e fortes, feita com o dinheiro do Consulado, (justo, e licito tributo, que para Armadas se impoz, e nellas só se deve gastar) os quaes forão de grande poder, e força, como a tradição affirma. Esta dizem se consumio ás mãos do governo Castelhano, que não fez nesta Coroa mais que perder, e distruir, tratando tudo como fazenda alheia; e na verdade o era, e por nenhum titulo justificado sua. Dizem que destes affamados galeões, que forão alterosos, e grandes, escapou hum, que ainda hoje existe, e se conserva, não se sabe qual seja, nem onde estará; mas se

tal

tal he, bem ſe póde piamente crer que ſerá o de Judas, como os effeitos moſtrão, e perſuadem. Acabárão os dos outros Apoſtolos; e ſó eſte vive, triunfa, e permanece. Com zeloſas apparencias de ajuntar, e conſervar recolhia eſte o peculio do Collegio Apoſtolico, e com fome de cubiçoſo *inſaciavel* o furtava, e eſcondia, e em pena de ſeus delitos ſe enforcou por ſuas mãos. Eſtas teve para ſi, e contra ſi. Acção juſtificada fora praticar naquelles, que logrão o primeiro effeito, experimentar o ſegundo, porque mal ſe reformão culpas ſem caſtigo.

CAPITULO XXXVIII.

De outros exemplos nobres, que obrárão as noſſas Armadas, effeitos do esforço Portuguez, engrandecido até pelos inimigos Caſtelhanos, eſtimulo grande para excitar noſſo prudente cuidado, a quem não faltará o favor Divino.

NO tempo deſte valeroſo Principe o Senhor Rei D. Sebaſtião obrárão os Portu-

tu-

tuguezes com ſuas fortes Armadas façanhas tão excellentes, e admiraveis, que excedêrão as de maior fama, nome, e gloria; pois conſtá que D. Luiz de Ataíde fez tributaria a eſta Real Coroa a Republica de Braçalor, e com ſeiſcentos Portuguezes defendeo a Cidade de Goa, cercada pelo Hideleão, com cem mil Barbaros, dous mil elefantes guerreiros, quaſi trezentas peças de artilharia groſſas, fazendo-o retirar com perda de mais de oito mil homens, que forão degollados.

Aſſim em Chaul D. Franciſco Maſcarenhas, reſiſtindo valeroſamente a Niſamaluco, que por ſeu mal a ſitiou com cento e ſincoenta mil combatentes, trezentos elefantes, quarenta canhões groſſos; e depois de nove mezes de hum porfiado cerco, foi vencido com morte de doze mil infieis. Aſſim D. Conſtantino de Bragança, filho do Duque D. Gemes, em Damão. Aſſim Jorge de Moura em Onor. D. Leonel Pereira em Malaca contra o duro Achem. D. Diogo de Menezes no valente Malavar, e Reino de Mangalor, e outros muitos, que hoje vivem

por gloria, e por fama, e aqui não relatamos, porque ſeus illuſtres feitos pedem outro lugar, e tempo.

Eſtes meios, e eſtes caminhos ſe devem praticar, e ſeguir, pois os comprovão tantos, e tão proſperos ſucceſſos, certificados com tão certa, e infallivel evidencia. Não reprovamos as fortificações da terra neceſſarias, que fora cegueira, e ignorancia; mas condenamos o deſcuido do mar, que he neceſſidade, e prudencia. Se o pizarmos com fortes Armadas, conſervaremos a patria com grandes augmentos; e ſe nos deſcuidarmos dellas, tudo perecerá com grandes deſcreditos. Bem conhecemos que são os tempos differentes, e que o Principe muitas vezes não póde, o que mais deſeja; mas ſe com muitos talentos, e milhões ſe obra muito, tambem deve luzir a obra daquelle, que agencea com menos. Louvado ficou por Chriſto o ſervo, que com maior cabedal obrou muito; e condenado o que reparando no pouco, ſe deſcuidou negligente.

Sigamos as eſtradas reaes, e não buſquemos atalhos á deſpeza neceſſaria, que

quem atalha mais rodea. Se as Armadas não podem ser muitas, sejão poucas; e senão póde o cabedal ainda com poucas, seja huma, e boa; porque se o pouco tem descarga, o nada não tem desculpa. Conheçamos por maxima indubitada, e infallivel, que se formos senhores do mar, que o seremos da terra.

Abra Deos os olhos aos Ministros, para que vejão a fonte clara desta verdade, e tão necessaria para nossa defensão. Não divirta, e impida esta o particular respeito da commodidade propria, que tinha tão cega a escrava Agar, que não via a agua, que tinha presente. Nos olhos tinha o perigo da sede mortal do menino Ismael, e tanto nas mãos o remedio; mas a inveja contra Isaac, e paixão contra Abrahão a fazião não atinar com elle. Todos desejamos vida, e liberdade, nas nossas mãos estão os meios. Não esperemos que tudo sejão milagres, porque se duvída se merecemos tantos; e querellos sem razão, he culpa de que Deos se offende. Obrigação he do Christão pôr todas as suas esperanças nelle; mas nem a

Fé Catholica, nem o Santo Euangelho nos manda dormir, e descuidar, senão que vigiemos, e trabalhemos nas cousas, que nos importão; e por isso louva Deos o servo, que trabalha, e condena o que dorme, e se descuida.

Hum grande servo de Deos, o Beato Francisco de Borja, da Sagrada Religião da Companhia de Jesus, costumava dizer ao nosso intento, a quem lhe pedia conselho: *Hermano, ansi haveis de confiar en Dios, como si nò uviera medios; y ansi haveis de tratar de los medios, como si nò confiareis en Dios.* Não quer dizer o Santo, que não confiemos em Deos, porque só nelle havemos de pôr todas as nossas confianças; mas quer dizer, que sem embargo dellas, que trabalhemos, e façamos tudo o que estiver na nossa mão, porque elle nos ajudará. O conhecimento da omnipotencia Divina não nos desobriga da providencia humana, antes por ella obra (sendo causa principal, e primeira) como meio, e instrumento necessario, e conveniente.

Em sua casa tinha o Santo Loth Anjos,

que

que vinhão assolar Reinos, e destruir Cidades; e quando os nefandos intentárão á força consummar seu appetite lascivo, (cuidavão que os Anjos erão mancebos) fechou o Patriarca a porta, e poz-lhe a tranca, para nos ensinar que he obrigação de cada hum assegurar-se por todas as partes, e cerrar-se ao dano, que se teme, ainda quando tenhamos Anjos em casa. Pede a razão, e a prudencia, que confiemos muito de Deos; mas tambem elle quer que façamos da nossa parte o que pudermos, e devermos, regulado pelas regras de prudencia, e da razão.

Haja por amor de Deos huma boa Armada sempre preste, viva, e permanente neste rio, porque as mercantis são Armadas de vão, e vem, e com esta prevenção estaremos seguros, e nossos inimigos timidos, e medrosos. E não se póde duvidar que o estejão á vista da confissão, que seus Authores fazem do valor Portuguez, como consta destes testemunhos seguintes dos Chronistas, e Doutores Castelhanos.

Primeiro testemunho do valor Portuguez.

Estevão de Garivay no tomo 4. liv. 35. do Compendio da Historia de Hespanha, e dos Reis de Portugal, cap. 16. assim escreve: *Son los Portugueses valerosos, que siempre en los hechos de armas se señalaron, &c.*

Segundo testemunho.

O Padre Fr. Antonio de S. Romão, Castelhano, na Historia geral da India Oriental, que com grande cuidado compoz, liv. 1. cap. 16. diz assim: *Son los Portugueses hombres de valor, y gente gallarda, y bizarra, &c.*

Terceiro testemunho.

Sandoval na Part. 2. da Historia do Emperador Carlos V. liv. 22. §. 4. assim nos engrandece: *Quiso ElRei de Portugal, como Principe Catholico, y guerrero, ayudar en esta jornada al Emperador, y que se hallasse en ella el Infante Don Luis, su hermano de la Emperatriz, con otros Cavalleros, y Señores de Titulo, y valientes soldados, quales en-*

entre aquella belicosa gente siempre se criaron, que com tales hizieron en esta jornada, hechos de memoria, &c.

Quarto testemunho.

O douto Padre Mestre Fr. João Sanches Sedenho, da Sagrada Ordem dos Prégadores, na Epistola dedicatoria da sua Logica Magna ao Duque de Lerma, tratando dos seus parentes, que morrêrão ás mãos dos Portuguezes na insigne, e memoravel batalha de Aljubarrota, em lingua Latina, testifica assim: *Ferdinandus verò Gutierres de Sandoval, & frater Alvarus Gutierres de Sandoval, contra Lusitanos viros fortissimos, pro Rege, & patria tuenda, sanguinem, cum vita effuderunt.* Em vulgar quer dizer: Fernando Guterres de Sandoval, e seu irmão Alvaro Guterres de Sandoval, morrêrão ás mãos dos Portuguezes, homens fortissimos, pela defensão do Rei, e da patria, &c.

Louvão, e engrandecem os Castelhanos o valor, e esforço dos Portuguezes, argumento he, e indicio que os temem, e que os confessão valerosos, (não por amor,

porque são inimigos tão declarados) mas por temor, e medo, lembrados dos duros golpes de seus fortes braços. Público, e sabido era de todos a grande inimizade, e o cruel odio, com que ElRei Saul perseguia, e buscava a David para o matar. Entra huma noite na sua tenda, acha-o dormindo, e sem guarda, e podendo-lhe a seu salvo tirar a vida, contenta-se com lhe tomar a lança; e hum jarro de agua, que tinha á cabeceira. Foi-se David valeroso com estes despojos. Acorda Saul, sabe que estivera debaixo do punhal de David, e que o pudéra acabar a punhaladas. Põe-se a fallar com David, chora, louva-o grandemente, e diz-lhe que ha de ter o Imperio de Israel, e que era melhor homem que elle: *Justior me es, certissime scio, quod regnaturùs sis.* Assim consta do liv. 1. dos Reis cap. 24.

Como louva, e engrandece Saul inimigo tanto a David? Huns Doutores dizem, que procedeo este louvor de vergonha, de pejo, e de se correr Saul de perseguir a David, que tantas vezes o pudéra matar. Outros dizem, que foi medo, e temor. Conheceo

ceo que esteve entregue nas mãos de David, que o pudéra matar, e não quiz. Medroso, e temeroso do perigo, de que escapou, louva, e engrandece o valor, e esforço de David. O louvor do inimigo (confessando o valor do contrario) he argumento, e forte indicio de medo, e de temor, diz Vigecio no liv. de *Re Militari* cap. 3. *Laus inimici, indicium est timoris.* Confessão, apregoão, e publicão os Castelhanos o valor dos Portuguezes: fallão verdade, porque a confissão da parte inimiga he maior que todas as provas, confórme a Direito. Seguese tambem que por medo, e por temor nos engrandecem, e louvão. Não tem logo os Portuguezes que temer os Castelhanos, pois confessando seu valor, mostrão temellos; e inimigo temeroso, logo he rendido, e vencido.

CAPITULO XXXIX.

De huma grande difficuldade, que se oppõe ao intento de grandes, e fortes Armadas.

NÃo se póde duvidar que a força mais precisa, e necessaria dos Reinos maritimos são fortes, e poderosas Armadas, assim para a defensão de suas Costas, e Portos, como para a segurança de suas frotas. Assim o praticárão sempre os Senhores Reis deste Reino, e mais os Senhores Reis D. Manoel, D. João III. e D. Sebastião, com o que se fizerão muito ricos, e grandemente poderosos, que estes são os effeitos das grandes Armadas. Accrescentar riquezas, e engrandecer o poder do Principe. Com tudo se nos tempos passados era facil a pratica deste verdadeiro arbitrio, pelo muito ouro, e prata, que havia neste Reino; (que foi tanto, que affirma Manoel de Faria de Sousa, como já deixamos escrito, que era o ouro tanto como a prata, e esta tanta como o cobre) mas na presente era, que he

tanta a falta delle, como he possivel se façaõ, e conservem grandes Armadas, porque as impossibilita a falta de dinheiro?

Outra grande difficuldade se offerece contra o intento do Author, que grandemente o difficulta, a qual he a gente necessaria para estas Armadas; e a razaõ he. Porque se no tempo do Senhor Rei D. João I. se povoárão as Praças Africanas com quarenta mil homens de guerra Portuguezes, a fóra os mareantes, com tudo o Reino se foi attenuando, e diminuindo de gente em tão grande maneira, que em tempo do Senhor Rei D. Sebastião com grande trabalho se pudérão tirar doze mil homens de peleja, a fóra gastadores, e bagajem. As Conquistas de Portugal são tão vastas, e grandes, que nos levão toda a gente, e particularmente a da India, donde de cem Portuguezes não tornão a este Reino dez. Assim o mostra a experiencia, e o affirma Botero no titulo de Portugal fol. 15. Com estas Conquistas se despovoou este Reino, e diminuio tanto de gente, que já Camões, conhecendo esta falta, a lamenta em seus versos, dizendo:

Deixas crear ás portas o inimigo,
Por ires buſcar outro de tão longe;
Com que ſe deſpovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça, e ſe vá deitando a longe.

Deſtes antecedentes ſe colhe, e infere claramente que não póde haver Armadas grandes, nem imitar-ſe a potencia, que os Senhores Reis deſta Monarquia conſervárão ſempre nos mares. Não póde haver ſoldados ſem dinheiro, nem ſem dinheiro póde haver Armadas: logo de balde ſe cança o Author em ſeus diſvellos.

Reſponde-ſe ás duvidas propoſtas.

Confeſſamos, e reconhecemos que os dous nervos mais poderoſos para a guerra, e preciſamente neceſſarios, são dinheiro, e gente; e iſto em tão grande maneira, que dinheiro ſem gente obra pouco, e ſoldados ſem pagas pelejão menos. Por onde para a conſervação da guerra, e do poder de hum Imperio, o que ſó he neceſſario he ouro, e gente. E para reſpondermos ás duvidas propoſtas, he neceſſario que ſe apure ſe

tem

tem este Reino dinheiro baſtante, e gente.

Reſponde-ſe á falta do dinheiro.

Trez opiniões, e trez pareceres ſe achão neſta materia, e ſe experimentão neſta difficuldade, conforme trez eſtados de gente, que neſta Republica ſe conhecem, e conſiderão, que são eſtes, Politicos, Vividouros, e Zeloſos. Os Politicos fazem ſeus computos, e diſcurſos, e affirmão que há dinheiro para ſe fazer, e ſuſtentar huma poderoſa Armada, que ſuſtente o credito de Portugal, e impida a liberdade dos Eſtrangeiros, que ſempre contra os Reinos deſarmados tiverão poder, e atrevimento.

Os Vividouros são gente muito honrada, e cortez, e neſte particular ſe ajuſtão, e accommodão muito com as occaſiões, em que achão, e como gente, que tem por vida temperar tudo ao goſto alheio: ſe lhes dizem que não ha dinheiro, affirmão que aſſim he, e talvez com juramento. Se outros porfião que o ha, elles ſe fazem logo em ſua volta, ſeguem o ſeu rumo, e affirmão

mão que ha cabedal para tudo. He esta gente muito de Corte, e hoje muito valída no mundo, donde tantos males procedem em hum Reino, e em huma Monarquia. São estes monstros grandes, e abominaveis, homens de dous rostros, e de duas linguas; e finalmente inimigos declarados da verdade.

Os Zelosos dizem, que ha dinheiro bastante para grandes Armadas, porque se cobra com effeito; mas que se furta, e que por isso o cabedal se diminue, e falta: e provão o seu intento com este discurso. Quantos ha, a cuja recamera fazia guarda-roupa huma estreita mala, e hoje? Quantas capas de baeta çafada se convertêrão em limistes finos? E quantos picotes rotos se trocárão em veludos rasos? E finalmente, quantas chimines arrebentão com fumo, que dantes não fumegavão? Com este prudente juizo provão os Zelosos seu intento. E estas acções referidas senão são milagrosas, parecem do diabo, que milagre he seu engrossar muito em pouco tempo.

Se os Zelosos fallão verdade, (e con-

for-

forme o que vemos, parece que verdade dizem; porque muitos homens se vem hoje, por quem se póde dizer o rifão Portuguez: *Miguel, Miguel, não tens abelhas, e vendes mel?*) não he materia de espanto, nem de admiração faltarem neste Reino as Armadas, porque este he o leite, com que ellas se crião. Não corre por nossa conta, senão pela do poder soberano, apurar estas faltas; mas o que podemos fazer he receitar contra este grande mal alguns remedios. Seja o primeiro. Averigue-se com toda a verdade, com que cabedal entrou cada Official, ou Ministro em seu officio; e se nelle engrossou demaziadamente, (o que facilmente mostra o trato de sua pessoa, e casa) dem-lhe huma boa sangria, que assim se fazia nos melhores tempos.

O segundo remedio, que nos parece se póde applicar a este mal, he fazer-se alguma composição com estes furtos, assim como os Egypcios usavão antigamente com os seus ladrões. Era Lei daquelle Reino, que nenhum homem pudesse ser ladrão sem licença da Justiça, e assim se observava. Hia-

se

gente, que as antigas levavão. Accrescenta-se mais, que se este Reino se despovoou nos tempos passados com os Portuguezes, que forão povoar nossas Conquistas, tornou a gente a multiplicar-se de sorte, que cresceo em grande numero. Donde se infere, que não he a falta tanta, quanto se quer pintar. Fação-se boas pagas aos soldados, que as pedras se converterão em homens.

Sobre tudo se deve advertir, que no tempo que governou este Reino a Princeza Margarita, Duqueza de Mantua, se mandou fazer hum computo da gente, que havia de peleja, e se achou haver quasi seiscentas mil pessoas em todo Portugal, que podião tomar armas de idade dos vinte annos até os sessenta. Não está logo esta Coroa tão falta de gente, como se representa. E além disto se tem recolhido a este Reino (depois da feliz Acclamação de Sua Magestade, assim de Castella, como de outras partes differentes) mais de quatro mil homens, como se sabe.

E se estas razões não convencerem áquelles, cuja vontade tudo para o bem impos-

possibilita, e quizerem que o Reino esteja falto, imitem os dictames dos Romanos antigos, que com amigos, e confederados povoavão suas terras despovoadas. Assim o affirma João Botero no lugar assima referido, que o fizerão por muitas vezes. Assim o fez o valente, e famoso Capitão Belizario, imperando Justiniano, na occasião, em que o Barbaro Rei Godo Totila destruio, e despovoou a Cidade de Roma, e grande parte de Calabria, as quaes por falta de naturaes Romanos povoou Belizario com os estrangeiros amigos, e aliados.

Deixamos outros exemplos, porque a mesma natureza comprova este arbitrio, e justifica o intento, e com elle damos por respondida á duvida proposta contra a intenção de quem faz estas advertencias para nossa conservação, e descanço, pouco appetecida daquelles, que nellas não imaginão, nem dellas tratão, para persuadir ao Principe os effeitos, que com ellas se intentão, que são nossa defensão, e segurança. Não consiste a fidelidade na cubiça insaciavel de ajuntar muitas riquezas, senão no

difvellar pela confervação, e feguridade do Rei, e da Monarquia.

CAPITULO XL.

De huma grave queſtão neceſſaria para aquelles, que militão nas Armadas, e continuão a navegação.

SUppoſto que nos empenhamos tanto em moſtrar a grande neceſſidade, que temos de groſſas Armadas, como força de maior importancia para os Reinos maritimos, (cuja conſervação, e augmento ſó com ellas ſe ſuſtenta, e dilata, e ſem ella ſe diminue, e perece) pareceo-nos muito neceſſario tratar, e diſputar, ainda que brevemente, hum caſo, que a malicia do tempo faz muito contingente, e ordinario; como he vermos, que os ſoldados na peleja, conhecendo que o aperto contrario he tão grande, que ſe não póde evitar ſerem rendidos, e cativos do inimigo, e talvez mortos, e totalmente deſtruidos, com a perda da reputação do nome, e com o meſmo navio, que ganhado

por

por elles, lhes accrescenta as forças, e o poder. Por evitar estes males, e estes danos tão graves, costumão pôr-se fogo, queimando a náo propria para abrazar os contrarios, livrando a esperança da vida, lançando-se ao mar, e fiando na piedade dos vencedores. Praticado este caso, e para que os nossos soldados saibão o que podem fazer sem perigo de peccado, fazemos esta questão.

Se podem os soldados nas guerras navaes queimar o navio proprio, para que com elle não fiquem cativos dos inimigos?

Esta grave questão tratão os Doutores modernos, como Lessio de *Justitia* lib. 2. cap. 9. duvida 6. num. 34. onde diz assim, traduzido em vulgar: *Podem-se escusar de peccado os nossos soldados, e seus companheiros, que muitas vezes, depois de pelejarem valerosamente contra os hereges, vendo que delles vão ficando vencidos, e que com a sua náo hão de ficar entregues nas suas mãos, com parecer commum põem o fogo á embarcação, e se lanção ao mar para salvarem as vi-*

vidas, privando com esta acção o inimigo de ficar rico, e poderoso com os nossos bens, armas, e munições. E com esta obra de valor não querem, nem intentão a morte propria; senão impedir por este meio ao inimigo, que não fique com maior poder procedido dos nossos despojos. Assim sente este grande Author.

Segue-o Maldero na 2. 2. tract. 3. cap. 1. Approva-o Fagundes nos Preceitos do Decalogo tom. 1. liv. 5. cap. 11. num. 14. mas limita a opinião com dous casos. O primeiro, quando a náo estiver entrada pelos inimigos, contra quem os nossos não podem prevalecer. O segundo, quando as náos contrarias são tantas em numero, que a nossa não póde livrar-se dellas.

Nestes accidentes podem os nossos pôr fogo á náo propria, porque os nossos Capitães nem directa, nem positivamente intentão matarem-se a si, senão destruirem os contrarios, o que he bem commum, e authoridade do Principe. Assim resolvem estes Doutores, affirmando que podem os soldados pôr fogo á sua náo, antes de se lança-

rem

rem á agua, do que fazem muitos argumentos, que deixamos para as Escolas.

Novissimamente trata esta questão o doutissimo Padre Mestre Fr. Luiz Bertrando Loth, da Sagrada Ordem dos Prégadores, nas suas Resoluções Theologicas, sobre os casos acontecidos em Flandes, impressas no anno de 1648. A sua resolução propõe nesta fórma: *Não podem os soldados pôr fogo á sua não em quanto estiverem dentro della; mas dando tal traça, que primeiro se saião della, em tal caso podem licitamente pôr fogo á não, para que se queime, e abraze.* Assim resolve este grave Doutor no tratado 5. da Milicia Belgica, e Flamenga artig. 5. Affirma sentirem o mesmo Sylvio na 2. 2. de S. Thomaz quest. 64. artig. 5. ad 4. Uviguer de *Just. & Jur.* tract. 2. c. 2. dub. 18. n. 106.

Que os soldados não possão pôr fogo á sua não, em quanto estão dentro della, próva com este fundamento. Directamente, e primariamente ninguem se póde matar a si mesmo, como todos os Doutores affirmão com o Doutor Angelico na 2. 2. quest.

64.

64. art. 4. porque he huma acção intrinseca, e essencialmente má, e iniqua, e nenhum delinquente, justamente condenado á morte, póde matar-se á si proprio, e ser algoz de si mesmo, por mais que o Juiz o obrigue, e force. Os soldados, que queimão a sua náo, e lhe põem fogo, em quanto estão dentro della, directamente tomão a morte por suas mãos, e são causa proxima, e immediata della: logo não podem pôr fogo á náo, em quanto estiverem dentro.

E que estes soldados directamente se matem, se prova; porque a acção de pôr o fogo mais vizinha, e propinquamente (em quanto he em si, e de sua natureza, e vehemencia terrivel) primeiro offende, e queima aquelles, que accendem o fogo, e põe o murrão na polvora; e em segundo lugar abraza o inimigo. Assim que em primeiro lugar se queima quem põe o fogo, e em segundo, e consecutivameute se abraza o contrario. Logo os soldados, que estando dentro na náo propria, se lhe põem o fogo, peccão, porque se matão, e queimão.

Con-

Confirma-se mais este parecer. Quem ha que affirme que se possa lançar em hum poço alto, aquelle, que vai fugindo de outro, que vai após elle, para o matar a punhaladas? Certo he que se não póde dizer tal absurdo. Pois muito menos convem, e muito menos póde ser no nosso caso pôr fogo, estando dentro na náo. A razão he; porque mais certa he a morte naquelle, que põe fogo na polvora, que no outro, que se lança no poço alto, que talvez póde escapar com vida.

A segunda parte desta opinião, que diz poderem licitamente os soldados, tanto que se deitão ao mar, pôr fogo á sua náo, se prova com este discurso. Estes, que assim se lanção ao mar, directamente não se matão, mas só se expõem a perigo de morte, com esperança directa, e primaria de vida, pegando-se em huma taboa, nadando, ou fiado na compaixão do inimigo, esperando delle bom quartel. E a este perigo se põe por amor do bem commum, e para privar os contrarios da preza, com que ficarão mais poderosos. E conclusão he assentada entre

os Doutores, que (com justa razão, e causa) licitamente póde hum homem expôr a propria vida a perigo de morte.

E este he o fundamento, que escusa, e livra de peccado aos soldados valerosos, que primeiro sobem ás torres, aos muros, e entrão as portas da praça inimiga; e *aquelles*, que nos Exercitos dão principio á batalha, e á briga; em que ordinariamente, aventurando-se muitos, poucos escapão com vida. O mesmo se ha de julgar do caso proposto, e resoluto.

Esta resolução do Padre Mestre Fr. Luiz Bertrando parece mais provavel, e segura, e com facilidade se póde conciliar com a de Lessio, Maldero, e Fagundes, dizendo que estes Doutores se devem entender no caso, que os soldados põem fogo á sua náo, estando dentro della, quando o podem fazer de tal sorte, e com tal ardil, que o fogo os não abraze tambem com os inimigos, senão que posto o fogo, immediatamente se lancem ao mar. Assim o fez ha poucos annos hum valente Capitão Francez de Sãomaló, vendo-se (depois de gran-

de

de peleja) entrado de dous navios de Turcos, dando certo final a hum bombardeiro, que poz o fogo ao proprio navio, que logo se abrazou.

Com esta combinação parece que ficão concordes estas opiniões. Mas o certo he, que naquelle temeroso conflicto naval he tal a perturbação, e tão grande a confusão, (dizem os expertos) que em nada se repara, e que mal se póde pôr o fogo á náo, depois dos soldados se lançarem ao mar, que seja efficaz, e de importancia. E assim o que parece mais seguro, e de melhor effeito he, que se o fogo se póde pôr, sem que o author delle se mate, que o ponha, porque he esta acção a que mais faz luzir a obra para destruição dos inimigos.

Parece tambem (valha o que valer) que se deve reparar na qualidade dos inimigos para esta acção ser mais justificada; porque sendo infieis, e hereges, inimigos da Fé Catholica da Romana Igreja, fica o incendio sem escrupulo algum; mas sendo verdadeiros Christãos do gremio de Christo, e tendo-se alguma certeza que vem com

tenção só de cativar, e não de matar, e destruir, neste caso, e com estas limitações não se deve condenar quem reparar no incendio. Compadece-se com a clemencia a paixão no Catholico; o erro no infiel contradiz a piedade, que cego com a falta de Religião; reputa sacrificio agradavel a effusão do sangue do verdadeiro Christão.

CAPITULO XLI.

Propõem-se algumas duvidas contra a segunda opinião, a que se responde.

PAra os curiosos, que desejão sempre saber, levados da natural inclinação, que a natureza próvida em todos infunde, com que querem, e appetecem saber as causas, e razões das cousas, como o Principe da Filosofia ensina com esta vulgar Maxima: *Omnis homo, naturaliter scire desiderat*, queremos, satisfazendo a este racional appetite, tocar algumas objecções, que parecem militar em favor da opinião de Lessio, Maldero, e Fagundes contra o Padre Mestre-

tre Bertrando, Sylvio, e Uviger, e da sua resposta, e solução ficará mais corroborada a segunda sentença.

Diz o primeiro argumento : Sansão, por matar seus inimigos, se matou a si tambem, derrubando as colunas da casa, em que estavão, a qual logo cahio, e matou a todos os que achou, e o mesmo Sansão. Assim consta da Sagrada Escritura no livro dos Juizes cap. 16. E Sansão foi Santo, e neste acto não peccou, matando-se a si proprio directamente; porque querendo derrubar a casa, estando prezo, e cego, parece que tambem quiz morrer. E se este caso foi licito, logo tambem o deve ser pôr hum soldado fogo á sua náo, ainda que esse fogo o haja de matar.

O Padre Mestre Bannes na 2. 2. quest. 64. artig. 5 diz, que Sansão não peccou, porque a sua total tenção foi matar os inimigos, e não a si proprio, e que esta tenção o salvou. Esta solução padece réplica, e instancia; porque aquelle, que põe fogo á sua náo, tambem quer matar os inimigos; e nunca se quer matar a si : logo se Sansão

são, intentando só a morte dos Gentios, e não a sua, não peccou, tambem não peccará o soldado, que põe fogo á náo propria, porque não intenta matar-se a si, senão aos inimigos.

Por onde a melhor resposta deste argumento he a de Santo Agostinho no liv. 1. da Cidade de Deos cap. 21. e de São Thomaz na 2. 2. quest. 64. art. 5. ao quarto argumento, e em outros lugares, os quaes ensinão, que Sansão por particular moção, e efficaz impulso interior do Espirito Santo, se matou a si, por matar os inimigos. Assim como tambem o foi na gloriosa Virgem, e Martyr Santa Apollonia, lançando-se na fogueira, que a abrazou, como diz a Santa Igreja. Deos he o Senhor de nossas vidas, e da nossa morte, diz o Espirito Santo no cap. 16. da Sapiencia: *Tu es Domine, qui vitæ, & mortis habes potestatem*; e como tal, quando he servido, inspira interiormente, a hum que morra com os inimigos, derrubando as colunas como Sansão; e a Santa Apollonia, que se lance no fogo, e a Santa Pellagia, que com

mãi,

mãi, e irmans ſe affoguem todas em hum rio por guardar a caſtidade, como o Padre Santo Ambroſio affirma no livro 3. de *Virginibus* tom. 5. Se o ſoldado tiver eſta moção Divina, ponha o fogo ao navio, queime-ſe, e abraze-ſe com os inimigos, que vai ſeguro; mas ſem ella não, que obra arriſcado.

O ſegundo argumento, com que eſtes Doutores provão o ſeu parecer, he neſta fórma. De muitos exemplares da Sagrada Eſcritura conſta, que varões inſignes ſe matárão por ſuas mãos, aſſim por honra de ſua lei, e patria, como por não ficarem cativos dos Gentios inimigos ſeus, que os perſeguião, affrontavão, e matavão cruelmente. Parece logo conveniente, que ainda com riſco da vida podem os ſoldados queimar o ſeu navio, no caſo que fica declarado; porque menos he arriſcar a vida, que perdella com effeito. E quando morrão, pondo o fogo, como ſeja por honra da patria, e da Lei Catholica, e para que o inimigo não fique mais poderoſo com as noſſas prezas, parece que fica a morte juſtificada, e incul-

culpavel. Moſtremos os exemplos daquelles, que ſe matárão por ſuas proprias mãos, para maior corroboração deſte ſyllogiſmo.

ElRei de Syria Anthioco Eupator querendo tyrannizar o povo Hebreo, e ſujeitallo a ſeu Imperio contra razão, e Direito, ſendo hum Gentio idolatra, formou hum tão poderoſo Exercito, que conſtava de cem mil Infantes, vinte mil cavallos, e trinta e dous elefantes armados, muitos enſinados, e deſtros na guerra daquelles tempos, que erão a força de maior conſideração, e que mais cauſavão terror naquellas batalhas. Com todo eſte formidavel poder começou o Gentio a entrar por Paleſtina, deſtruindo, e aſſolando tudo, e chegou a ſitiar apertadamente a Cidade famoſa de Bethſura em Judéa, que eſtava preſidiada pelo valeroſo Judas Machabeo.

Sahio eſte valente Capitão valeroſamente a pelejar de poder a poder com o inimigo. Hum esforçado Capitão ſeu, chamado Eleazaro, perſuadido que o Rei Gentio vinha ſobre o maior elefante de todos, (que as beſtas avultão muito) rompeo pe-

lo

lo eſquadrão Gentilico, e á força da eſpada chegou ao elefante, e mettendo-ſe-lhe debaixo, entre as mãos o ferio tão fortemente, que o animal cahio logo morto, e colhendo ao animoſo Eleazaro debaixo, com o grande pezo o opprimio, e matou logo, ficando morto, mas vencedor.

O motivo deſta façanha, o eſtimulo de tão evidente perigo, foi perſuadir-ſe Eleazaro, que matando o Rei, livrava o ſeu povo de hum cruel tyranno. E em ſegundo lugar por ganhar fama com a poſteridade, diz a Sagrada Eſcritura no livro 1. dos Machabeos cap 6. por eſtas palavras: *Dedit ſe*, (e falla de Eleazaro) *ut liberaret populum ſuum, & acquireret ſibi nomen æternum.*

O ſegundo exemplar nos offerece o Divino Texto no livro 2. dos Machabeos cap. 14. do venerando, e inſigne velho Razias, hum dos mais graves, e authorizados Cidadões de Jeruſalem, e por ſua grande virtude, e zelo do bem público chamado Pai dos Judeos. A eſte mandou o Gentio Nicanor, General de ElRei Antiocho, prender a ſua caſa por quinhentos ſoldados, per-

ſuadido pelos meſmos Judeos, que com a ſua prizão todos os mais ſe renderião a Antiocho.

Cercárão a caſa, arrombárão as portas, intentando queimalla. E vendo o valeroſo velho que eſtava quaſi entregue aos inimigos, deo-ſe a ſi proprio de punhaladas, querendo antes morrer como honrado, que ſoffrer a vileza de cativo. E vendo que ainda a vida ſe dilatava, por as feridas não ſerem muito penetrantes, lançou-ſe do alto muro de ſua caſa ſobre os meſmos inimigos, e cahindo no chão, quebrou pelo eſpinhaço; e levantando-ſe já quaſi eſpirando, fez animoſamente tiro aos inimigos com as proprias entranhas, que lhe ſahião pelas feridas; e invocando a Deos, que o reſuſcitaſſe, morreo, e acabou a vida.

Aſſim o lemos na Sagrada Eſcritura; e como eſta não condena, nem reprehende eſtes tão ſingulares, e illuſtres actos de valor, parece (argumentando *à ſimili*) que o ſoldado, que ſe queima, pondo o fogo ao navio proprio, por honra da patria, por não ſer cativo, e por tirar aos inimigos a utili-

da-

dade, e lucro dos noſſos deſpojos, que não commetterá peccado mortal, nem arriſcará a ſalvação, antes fará huma illuſtre, e licita proeza, digna de eterna memoria.

CAPITULO XLII.

Reſponde-ſe aos Argumentos propoſtos.

AO primeiro exemplo referido de Eleazaro reſpondem alguns Doutores que peccou, pondo-ſe a perigo evidente de perder a vida, como perdeo. Com tudo o Padre Santo Ambroſio no livro de *Officiis* cap. 40. o livra de peccado, dizendo que procedeo bem, porque ſe poz a tão apertado riſco, eſtimulado do zelo da honra de Deos, e da ſua Lei, e por livrar o ſeu povo de hum tão cruel tyranno, e que hia com eſperança de poder eſcapar, e fugir; com o que, ainda que morreo no perigo, directamente não quiz a morte, nem a intentou, antes mais ſe animou com a eſperança da vida, perſuadido que com facilidade ſe livraria de ficar opprimido debaixo do elefante.

Eſtas circumſtancias, e eſtes accidentes, que diſculpão, não póde haver naquelle, que eſtando dentro na náo, põe fogo nella; porque como o inſtrumento terrivel da polvora he tão inſtantaneo, veloz, furioſo, e repentino, he impoſſivel (moralmente fallando) que ponha hum ſoldado nella o fogo, e que eſcape com vida, pois em hum inſtante arruina grandes torres, como ſe experimenta nas Minas; quanto mais hum navio recoſido em breu, materia tão apta para o fogo, que com eſtranha velocidade mais o reforça, e accende. Não he logo conveniente queimar o proprio navio, na fórma que fica explicado; porém ſe houver tal ardil, e engenho, com que ſem perigar a vida ſe poſſa pôr fogo á náo, havendo lugar para ſaltar no mar, então ſerá a acção licita com as mais circumſtancias requiſitas.

Ao ſegundo exemplo do valeroſo Razias reſpondem alguns Doutores que foi licito. Com tudo o Padre Santo Agoſtinho na Epiſtola 61. e o Doutor Angelico na 2. 2. queſt. 64. artig. 5. na reſpoſta do quinto

ar-

argumento, o reprehendem, e condenão. Assim diz o Padre Santo Agostinho: *Quamvis ille homo fuerit laudatus, factum tamen ejus, vidimus narratum, non laudatum, & judicandum potius, quàm imitandum.* Quer dizer: Ainda que Razias no exterior foi louvado, com tudo o seu feito, e a sua façanha, se a Sagrada Escritura a conta, e relata, não na louva, nem approva. Foi esta obra mais para ser julgada com temor, e duvida, que para ser imitada com segurança, e certeza. E diz mais o Santo, que Razias foi mais impaciente para soffrer huma vil servidão, que eleitor de huma morte valerosa.

O Doutor Angelico no lugar referido assim sente deste feito de Razias, traduzido em vulgar, e he doutrina muito para saber: *Consiste a fortaleza, e o esforço, em que hum homem, por amor do bem da virtude, não recuse a morte por temor della, e por evitar peccado, quando outro lha quer dar; mas quando alguem se mata por suas proprias mãos, por se livrar dos males, que padece, posto que esta acção tenha huma apa-*

parente especie de fortaleza, (e por este motivo se matárão muitos, persuadidos que fazião hum acto de valor, licito, e virtuoso, entre os quaes se conta Razias) com tudo não foi a obra de verdadeira fortaleza, senão huma fraqueza de animo, que não póde soffrer os males, que padece. Assim o sente tambem o Principe da Filosofia no livro 3. das Ethicas.

Conforme esta doutrina verdadeira, pois he das maiores duas luzes da Igreja Catholica, não foi acto licito o de Razias referido, e por tal se não póde seguir, nem imitar, e consequentemente não póde ser exemplo, para que o soldado, que põe fogo ao proprio navio, estando dentro nelle, com evidente perigo de se matar, possa licitamente queimallo, senão de maneira que deixamos explicado, e referido. Com tudo não negamos que alguns Doutores, que approvão o caso de Razias, dizem que o fez por especial impulso, e moção interior do Espirito Santo. Mas muitos o contrario sentem, e particularmente Lyrano, como refere o Padre Mestre doutissimo Bertrando

no

no trat. 5. art. 1. E aſſim concluimos, que ſe o ſoldado não póde queimar a ſua náo, ſem morrer tambem, que o não póde fazer de nenhuma ſorte licitamente.

CAPITULO XLIII.

Das mais finas, e fortes armas, com que os ſoldados ſempre ſabem vencedores.

PAra que as noſſas Armadas, e noſſas eſpadas ſejão vencedoras, e glorioſas, devem-ſe ajudar muito os ſoldados de duas condições, e dous requiſitos importantiſſimos, ſem os quaes ſe perdem regularmente grandes Exercitos. São eſtes: Trazerem as almas limpas, e puras de peccados, mediante a frequente confiſsão ſacramental, e Sagrada Communhão. A outra he grande obediencia aos Maiores, e Officiaes da guerra, a quem ſe deve tanta, que diz Plutarco, que mais ha hum ſoldado de temer o ſeu Capitão, que os inimigos: *Miles metuat Ducem magis, quàm hoſtem*. Falta he

eſ-

esta antiga, e contínua nos Portuguezes, que todo o mundo condena, e reprova.

As armas dos Sacramentos da Igreja são muito necessarias, e importantes, e fazem os soldados invenciveis, como comprova este exemplo. Eneas Sylvio (que depois foi Summo Pontifice Pio II.) escreve no livro 3. cap. 50. huma historia digna de eterna memoria, e de hum animo tão Catholico, como foi o de ElRei Henrique V. de Inglaterra. Pelos annos da Redempção de 1415. estava este Principe cercado em huma Cidade com grandissimo aperto por ElRei de França; e offerecendo a este em partido, (que o deixasse ir livremente para Inglaterra) que logo lhe largaria tudo o que lhe tinha ganhado em França, nunca o Francez quiz vir em concerto algum, senão que o havia de destruir, e prender, e passar todos os Inglezes pelos fios da espada. Desenganado Henrique de achar conveniencia humana para sua liberdade, recorreo ao remedio Divino, que he o seguro porto nestas tormentas. Vinda a noite, chamou o Inglez a conselho todos os Capitães, Mestres de

Cam-

Campo, e mais Officiaes da guerra, e lhes fallou desta maneira:

Soldados, bem vedes o grande aperto, em que todos estamos, pois não podemos retirar-nos, nem dar-nos a partido; e por outra parte tambem tendes presente que só as nossas armas nos podem defender de tantos inimigos: com tudo tende bom animo, porque temos por nós justa causa, e Deos, que he Juiz recto, melhor a conhece. Por isso estai certos que nos ha de favorecer, e ajudar: por tanto confessemo-nos todos huns com os outros, pois não temos Sacerdotes, (usava-se naquelles tempos este modo de confessar, que não era sacramento, mas huma remota dispozição para aquelle, que se confessava ter vergonha, e erubescencia de dizer a outro homem suas culpas) e á manhã, pois que não temos fórmas, nem quem as consagre, iremos ás Igrejas; e com grande dor, sujeição, e humildade, em veneração da Sagrada Communhão, commungaremos huma pequena de terra, em memoria do desejo, que temos de receber o Santissimo Sacramento do Altar, (era na-

Oo quel-

quelle tempo o Reino de Inglaterra muito Catholico) e com esta demonstração de penitencia, e devoção espero na Divina misericordia que havemos de alcançar vitoria famosa de nossos inimigos.

Executárão os soldados pontualmente o referido, levantando-se para isso de madrugada; e tanto que foi claro dia, armados interiormente com estas devotas armas, sahírão aos Francezes, que erão sessenta mil, e todos os destruírão, e derrotárão, não sendo mais que oito mil Inglezes; cousa, que assombra, e espanta. Refere este successo o Padre Affonso Ribeira nos Annaes do Santissimo Sacramento Trat. 14. §. 9. fol. 180. col. 2. Se humas tão remotas representações, e sombras grossas destes Mysterios forão tão poderosas nas batalhas, quanto mais o será a verdade, e a realidade, fazendo os soldados huma pura Confissão sacramental, e commungando aquella Divina Hostia sacrosanta, que entre os effeitos infinitos que causa, hum delles he dar vitoria dos inimigos. Assim o canta a Igreja Santa, tomando-o da boca do Doutor Ange-

gelico, nos Hymnos deste mais Alto, e Sorano Mysterio, como se vê nestas Angelicas palavras no Officio da festa opusc. 57.

O' salutaris Hostia,
Quæ Cœli pandis ostium:
Bella premunt hostilia,
Da robur, fer auxilium.

Quer dizer: O' Hostia saudavel, e salutifera, que nos abris a porta do Ceo, e quebrantais as forças, e armas inimigas, infundi em nossos corações valor contra ellas, sendo vós a nossa mais forte, e poderosa ajuda. Armem-se os nossos soldados com estas Divinas armas, e teremos seguras as mais grandiosas vitorias. E já que fallamos neste particular, he muito para sentir huma diabolica pratica, que corre entre a gente de guerra, dizendo que he bom não confessar, nem commungar, quando se entra nas batalhas; porque os primeiros, que morrem, são os que vão confessados, e commungados.

Doutrina he esta infernal, e dictame infiel, e perverso. E tão máo he morrer, es-

tando bem com Deos? E em caſo que fora aſſim, o que não he, (que não ha vencer ſem ſangue) ao Ceo vai o ſoldado, que morre em graça com Deos; e o que morre em peccado, digão eſtes cegos aonde vai? Miſeravel he por certo a morte eterna deſtes, e venturoſa, e ditoſa a dos que morrem bem com Deos, mediante a Sagrada Communhão, e Confiſsão ſacramental.

Mais nos puderamos dilatar nos particulares, que neſte *livro* tocamos; mas porque *não* faltará melhor penna, que com mais erudição os poſſa eſcrever, nos contentamos com eſtes breves boſquejos, do que tanto nos importa, que he a conſervação, e defensão da noſſa liberdade. Procure o Principe com todas as véras a obſervancia da Lei de Deos; a igualdade da juſtiça, que ninguem retenha injuſtamente o alheio, que ſe reſtitua, que ſe pague o que ſe deve, que a ninguem ſe faça violencia, que ſe caſtiguem as culpas, que ſe não diſſimulem peccados eſcandaloſos, e públicos, como hoje ha, que ſe reſpeitem as couſas Sagradas, e venerem os Miniſtros de Deos.

Com

Com este religioso culto se conservão, e dilatão as Monarquias, e Imperios; e se vio em muitos Principes, e mais em particular no Emperador Theodosio o mais moço, que foi notavel o affecto, e o respeito, que tinha ás cousas da Religião, como referem tantos Authores, e com elles Narbona na Politica num. 12. e 13. E neste Reino ha larga experiencia, que os Senhores Reis, que nesta materia se empregárão mais, forão mais temidos, mais ricos, mais vencedores, e possantes, porque todas as felicidades buscão aquelles, que tem a Deos comsigo.

Haja nos Governadores das Armas saber, e valor contra os inimigos, brandura, e cortezia com os soldados, e nas occasiões prudencia, e conselho de homens experimentados, como Agesilao Rei dizia, e o refere Eborense nos exemplos. Acuda-se aos que militão pontualmente com suas pagas: conserve-se o amor dos povos, que he o que mais importa: seja o pezo, e carga (quando o tempo, e a razão o pedirem) medido com suas posses, e forças. E sobre

tu-

tudo observe-se a Lei Divina, que com estas condições serão os nossos Exercitos santos, e andará Deos nelles, como diz o Espirito Santo aos 23. capitulos do Deuteronomio, que em Portuguez referimos no §. seguinte.

O Senhor vosso Deos anda no meio dos vossos arraiaes, e Exercitos, só a fim de vos defender, e livrar, e entregar vossos inimigos nas vossas mãos. Por tanto sejão os vossos esquadrões santos, e não haja nelles a fealdade do peccado; porque sabei, que se fizerdes o contrario, logo vos ha de desamparar, e deixar. Até aqui são palavras da Sagrada Escritura. Que vitorias não alcançará hum arraial, em que Deos anda, e governa? E que desaventuras não padecerá aquelle, de quem Deos fugir?

Sejão, sejão os inimigos muitos, que isso pouco importa, porque o forte braço Divino os enfraquece, e apouca. Sempre os Castelhanos forão muitos, e os Portuguezes poucos; mas com esta differença, que elles nos excedem no numero, e multidão, e nós os excedemos a elles no animo,

mo, e no valor, como elles confeſsão. Não temamos ſuas forças, que temos por nós a Deos, que he o que dá as vitorias, e não ſó o braço humano, como nos certifica o Eſpirito Santo no livro 1. dos Machabeos cap. 3. por eſtas palavras : *Non in multitudine exercitus victoria belli, sed de Cœlo fortitudo eſt.*

Com eſtas advertencias, e as mais, que deixamos eſcritas neſte livro, ſe póde com menos cuſto rechaçar o inimigo, e fruſtrar ſeus intentos; porque faltando os meios neceſſarios, nunca os fins ſe podem conſeguir. E como os noſſos são ordenados á conſervação, e defensão da propria liberdade, ficão bons, rectos, e juſtificados, e por taes dignos, e capázes de Deos os favorecer. E com ſeu auxilio Divino, e particular protecção não ha que temer Exercitos inimigos, como affirma, e certifica o Real Profeta no Pſal. 36. *Si conſiſtant adverſum me caſtra, non timebit cor meum.*

CA-

CAPITULO XLIV.

Da conclusão deste Livro.

AInda que aos que sabem, e professão sciencia parecerá este capitulo pouco necessario, (porque nas premissas, e antecedentes se vem, e conhecem as illações, e consequencias) com tudo, como a materia deste livro toca a todos, pede a razão, e a conveniencia, que della façamos prato a todos, e que todos gostem della, temperando o estylo de tal modo, que toda a sorte de gente possa julgar, e conhecer sua substancia, e utilidade pela summa, e resumo deste capitulo ultimo. E conseguido, e alcançado este fim, não ficará pouco abonada esta nossa applicação, e trabalho, como lá diz o Poeta:

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci.

O objecto motivo, e terminativo, e o fim total, e principal destes nossos escritos he puramente nossa conservação, e augmento,

to, estimulando, e excitando á prudencia humana, e nossa providencia, para que se não falte na eleição dos meios, (que correm por nossa conta) para conservarmos, e sustentarmos tantos effeitos, e obras Divinas, quantas se tem visto, e experimentado com a nova resurreição deste Imperio Portuguez, que Deos por sua infinita clemencia resuscitou depois de morto, e enterrado em Castella por sessenta annos. E posto que o cuidado, e applicação de ir alentando, e animando este novo, e fraco resurgido, em primeiro lugar toca a S. Magestade, que Deos guarde, e a seus Ministros, com tudo não se póde negar que a todos, e a cada hum dos particulares Portuguezes pertencem os mais efficazes, e fervorosos desejos da conservação desta nova Monarquia. Estes prudentes brios, e estes justificados intentos são effeitos naturaes, e necessarios do grande amor, que os filhos devem á patria, em que nascêrão. Assim o affirma, e certifica o Poeta no liv. 1. de Ponto, dizendo:

Rursus amor patriæ, ratione valentior omni.

 A to-

A todos os naturaes communica a natureza hum grandissimo amor, e affecto (mais forte, e poderoso, que toda a razão, e respeito) para se empregar efficacissimamente no bem, e nas melhoras da terra, em que nascêrão. Sendo pois este amor natural em todos, a todos toca, pertence, e incumbe procurar (do modo possivel) a conservação, e augmento da sua patria, e não cessar nunca em advertir a quem governa todos os particulares, e inculcar todos os remedios para seu bem, e melhora. Este conselho, ou, para melhor dizer, esta obrigação precisa nos lembra, e encarece o Padre Santo Agostinho na Epistola 202. *Bonis nullus est finis consulendi patriæ.* Quer dizer: Os bons Cidadães, e os verdadeiros naturaes não devem nunca parar, nem descançar em dar todos os conselhos, e em manifestar todos os arbitrios, que se ordenão ao bem, e conservação de sua patria, e de sua terra.

O Principe dos Oradores nas Tusculanas liv. 5. diz, que o bom Cidadão não só na vida, mas para depois da morte ha de

tra-

tratar de inculcar, aconselhar, e advirtir a quem governa todas aquellas cousas, que são proveitosas, conforme a boa razão, e util á sua Republica. He a patria mãi universal, e commua, de todos, diz o mesmo Cicero na oração de Catalina: *Patria communis omnium parens*. Bem se infere logo destes antecedentes, que se a patria he mãi de todos, que somos todos verdadeiros filhos, e por taes obrigados a procurar, e solicitar com todas as forças o bem, e conservação desta mãi. Não fazer caso della, não a ajudar, não a advirtir, mas desprezalla, fazendo della pouco caso, não a ajudando no tempo do aperto, e da necessidade, he argumento evidente, e infallivel de o filho ser homem nescio, e ignorante. Assim o publica o Espirito Santo no cap. 15. dos Proverbios: *Stultus homo despicit matrem suam.*

Por não incorrermos em tal censura, e por fugirmos deste labéo, e evitarmos esta nota, ordenámos este livro, e compuzemos esta copiosa obra para acudir a esta patria nossa mãi, e impedir-lhe com advertencias,

e avisos os males, que lhe podem acontecer, inculcando-lhe os remedios mais efficazes, e importantes. Assim o manda o amor de filho, e natural, e de verdadeiro Portuguez. Este amor, e esta natural affeição nos obriga a sahir de nossa esfera, e exceder os limites de nossa profissão. Este privilegio, esta licença, e esta liberdade nunca póde ser culpa, porque o verdadeiro amor he muito privilegiado, e izento, e póde obrar todas as acções, que com elle se compadecem, e permittem; por todos os modos, que dictar a ordenada affeição, em ordem ao bem desta patria, e desta mãi. E por isso diz lá o Poeta, que para o amor não ha leis, nem modos, porque todos os decentes se lhe concedem, e sujeitão, como diz o elegante Propercio no livro 2. das Elegias:

Verus amor, nullum novit habere modum.

Obrigados do amor de filho ordenámos esta Memoria, dividida por tantos capitulos, todos ordenados, e dirigidos ao bem desta mãi, e desta Monarquia Portugue-

gueza, qual he ſua conſervação, ſua eſtabilidade, ſua firmeza, e ſua ſegurança. Eſta he a cauſa total, e principal, eſte o ultimo fim, que nos excitou, e moveo. Importa muito que todos ajudemos, e cooperemos na producção, e formação deſte composto politico, e deſte effeito natural, que he a noſſa conſervação, como tantas vezes deixamos repetido. Mas porém ha ſe de advertir, que he neceſſario, para ſe produzir, e formar eſte grande bem, concorrerem para a execução, e formação delle quatro cauſas, politicas, e moraes, exempladas, e imitadoras das naturaes, que unidas causão, e produzem os naturaes compoſtos, e effeitos.

E para que melhor ſe comprehenda, e conheça eſta noſſa conclusão certa, e verdadeira, he para ſaber, que quatro cauſas concorrem para a efficiencia, e cauſalidade de qualquer effeito natural. São eſtas: A efficiente, que move, e faz obrar. A formal, que como idéa, e exemplo ordena, e regúla o que ſe ha de fazer. A material, que miniſtra a materia para a nova producção; e a

e a final, (primeira na intensão, e ultima na execução) movendo, e excitando o agente, para que obre. Esta filosofia he natural, e verdadeira, acreditada por S. Thomaz, Doutor Angelico, no opúsc. 31. e na 2. 2. quest. 2. artig. 3. e em outros muitos lugares. Aristoteles no text. 68. O Beato Padre Fr. Alberto Magno neste lugar Trat. 2. cap. 7. O Padre Mestre Soto no liv. 2. da Filósofia quest. 3.

Facilitemos, e declaremos esta doutrina com dous exemplos, hum natural, e fysico; e outro politico, moral, e artificial. Quer o fogo gerar outro fogo em hum madeiro, que está na chamminé, quatro causas concorrem para este effeito, que são: A efficiente, que he o fogo generante. A formal, que he o seu calor. A material, que minis-tra a materia, e o madeiro. E a final, que he o fim, para que o fogo se accende. O artificial exemplo pede o mesmo concurso de causas para sua formação, como se verifica no imaginario, que quer obrar huma Imagem de N. Senhora, ou de Santo Antonio. O imaginario he a causa efficiente, e

ope-

operante. A idéa, e exemplar, que tem na cabeça da sua arte, he a causa formal, por cujas regras, e formas trabalha a figura. A materia, e o páo, de que se faz a imagem, ministra a causa material. A final, que moveo o agente, e operante a obrar, he o seu lucro, e utilidade, ou a devoção, e culto do Santo, quando não intervem outro respeito temporal.

O governo politico, e moral de hum Reino, e de huma Republica, para se acertar, e ser o que convem, e deve ser, ha-se de ajustar, e compôr com os exemplares da natureza. E tanto tem as acções moraes, e politicas de boas, acertadas, e prudentes, quanto mais imitão, e seguem o modo de proceder das causas naturaes. E por isso se disse aquelle vulgar, e verdadeiro proloquio, que a arte imita a natureza: *Ars imitatur naturam.* Comprais hum cavallo por quarenta, ou sessenta mil reis: copía este hum famoso pintor com grande propriedade, e perfeição em hum quadro, e sóbe tanto no preço, e estimação, que dais por elle quatrocentos, ou quinhentos cruzados.

A ra-

A razão deſte valor he, porque o pintado imita grandemente o verdadeiro, e natural: levanta a natureza a valia á arte. Aſſim nas demais couſas, obras, acções, e operações livres, politicas, e moraes.

A cauſa final, e o fim, e motivo deſte livro he a noſſa conſervação, firmeza, eſtabilidade, e ſegurança. Para conſeguirmos eſte fim, e eſte total intento, he neceſſario que noſſas acções imitem, e ſe regulem pelas da natureza. E aſſim como eſta para produzir algum effeito, e formar algum compoſto, neceſſita da influencia, e cauſalidade das quatro cauſas, que deixamos declaradas; aſſim nós, e aquelles, que governão principalmente, hão de ſeguir, e imitar eſta ordem natural, para que as livres, moraes, e politicas conſigão o fim, a que ſe ordenão. Incita-nos, e move-nos a cauſa final, e total, que he a noſſa conſervação, e liberdade; para eſta ſe alcançar, e conſeguir, he preciſamente neceſſario que concorrão com ella as outras trez cauſas, que são: a efficiencia, formal, e material. A efficiente ha de ſer o poder, as forças, e

o va-

o valor. A formal ha de ser a boa ordem, e conveniente disposição desse poder, com saber, e experiencia para o ordenar, confórme as regras da Arte, e da Milicia. A material ha de ser armas, munições, e fortificações na terra, e nas fronteiras, Armadas, e mais Armadas no mar.

Com estas causas assim subordenadas, e unidas infallivelmente se conseguirá, e logrará a final, que he a nossa conservação, e estabilidade. E qualquer dellas que falte, não nos conservaremos, nem poderá esta liberdade durar, e permanecer. Assim porque não póde haver effeitos sem causas, que os produzão, como tambem, porque Deos nosso Senhor, que com seu poder infinito póde produzillos, sem ellas milagrosamente, com tudo nem sempre faz estes milagres, nem a malicia do tempo os merece. Se queremos permanecer, conservar-nos, e subsistir, e que esta nova Monarquia cresça, dure, e permaneça, appliquemos estas quatro causas referidas.

Que importa que tenhamos poder, e forças, se faltar quem com saber as dispo-

pha, ordene, e governe? Què monta que haja quem governe, e disponha as cousas, se faltar a causa material, que ministre armas, forças, fortificações, e Armadas? Què val haver artilharia nas Torres, e nas Praças, se faltar a polvora, e os pelouros? De que utilidade podem ser muitos reductos, e baluartes, se lhes faltarem as bombardas necessarias? Assim em tudo o mais discorrendo. Concorrão estas quatro causas explicadas, e veremos em execução, e effeito a causa final de nossa conservação, segurança, e estabilidade, que na intensão he a principal, e primeira, que nos move, incita, e obriga a buscar, e applicar todos os meios necessarios para effeituar, e conseguir os fins, que intentamos, e queremos. Os meios, que de presente nos faltão, e os que são mais precisos, e importantes, são as grandes forças maritimas, de que nos vemos, e achamos tão necessitados, e faltos! A este fim ordenámos este livro, vestido com tantos capitulos, cheios de advertencias, e documentos, para o que tanto nos importa. O què nelles se achar menos com-

pos-

poſto, e ordenado, he do Author; e o que apparecer mais decente, acertado, e luzido, he de Deos, fonte manancial de toda a luz, cauſa principal, e primeira de noſſo bem : *Cui laus, & gloria per ſæcula. Amen.*

F I N I S.

508/ 800